ANNO XXVIII

N. 32

REVISTA DA SEMANA

30 DE JULHO

CHRISTOPHERSEN RIO 27

Maria Beatriz, Maria Antonieta e Maria Clara, filhas gemeas do sr. Limiro Rocha, proprietario do Hotel Ribeiro na cidade de Estancia, em Sergipe.

EM FAVOR DAS CORUJAS

Em literatura, nenhuma ave tem sido apresentada sob um aspecto mais sombrio e antipathico do que a coruja. Durante muitos seculos foram esses passaros considerados de mau agouro e quem os podia matar não os poupava. E ainda hoje delles se arreceiam e profundamente os destestam innumeras pessoas.

No emtanto, as corujas são perfeitamente nossas amigas. Se ellas não velassem, durante a noite, sobre jardins e pomares — emquanto os respectivos donos dormem a somno solto — os ratos e outros animalejos dariam tranquillamente cabo de flores e fructas, até a ultima.

O dr. A. Fischer, eminente naturalista norte-americano e especialista no assumpto, verificou que duas corujas installadas numa das torres da "Smithsopian Institution", de Washington, tinham devorado, no espaço dalguns mezes, 1596 camondongos, 134 ratos, 54 musaranhos e 37 outros roedores.

O maior inimigo da humanidade é o tedio.

Almoço offerecido ao dr. Paulo Ramos por amigos e admiradores, em razão da sua partida para o norte, em viagem de recreio.

POPULAR EDITORA

A livraria "Popular Editora", de F. C. Baptista Irmão, na Parahyba do Norte, agente da "Revista da Semana", "Eu Sei Tudo", "Scena Muda" e "Almanach Eu Sei Tudo".

Revista da Semana

ASSIGNATURAS
52 numeros (Brasil)
Um anno 50$000
6 mezes.. 26$000
REGISTADA
Um anno 65$000
6 mezes.. 33$000

A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac 12 e 14 --- Rua Buenos Aires 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660
Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL.

ESTRANGEIRO
Um anno 65$000
6 mezes.. 35$000
REGISTADA
Um anno 80$000
6 mezes.. 43$000

Avulso... 1$200
Atrazada 1$500

GILBERTO RIO

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII ‖ Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1927 ‖ NUMERO 32

1627 — 1927

Góngora no Verso, na Vida e no Mundo...

[No tricentenario de sua morte]

POR SAUL DE NAVARRO

DON Luis de Góngora nasceu em Córdova no anno de 1561, em dia e mez que não podem ser precisados.

Não me interessa a data de seu nascimento, nem tampouco se me afigura indispensavel saber quem foram seus paes e si era ou não de origem judaica, como o accusou Quevedo mais por chiste que por maldade.

A sua vida é que me causa interesse; a sua obra é que me desperta a mais viva curiosidade, porque ambas desconheço, como acontece a quasi todos os escriptores, mesmo os hespanhóes... Góngora é o poeta mais universal, ainda que o menos conhecido da Hespanha. Poucos sabem de seu espirito. São raros os que o leram e sentiram. Góngora é uma incognita. Mas o gongorismo ficou e foi uma das fôrças mais avassaladoras da poesia occidental. Basta dizer que o romantismo e o symbolismo têm as suas raizes nesse cerebro, onde a imaginação conheceu todos os vôos e todos os abysmos.

A vida do poeta seiscentista foi o reverso de sua obra fecunda e imaginosa: uma vida como qualquer outra daquelles tempos remotos. Resume-se nesta synthese episodica: a infancia no solar paterno e no Collegio dos Jesuitas; a adolescencia em Salamanca no estudo e na bohemia, levando a vida de todas as mocidades — noitadas alegres, aventuras amorosas, estocadas, colheitas de beijos e illusões, perdas no jogo; ordenou-se e entrou de juizo, viajando para ganhar um logar certo no vae-vem da vida; adquiriu renome literario, succedendo-lhe nessa phase de sua estada em Salamanca duas cousas singulares — uma grave enfermidade e o seu encontro com Lope de Vega, de cujo trato amistoso resultou uma permuta de affagos e satyras; em Valladolid outro encontro — deparou-se-lhe Quevedo, que não o poupou, crivando-se ambos de sarcasmos, numa troca de amaveis remoques, como gigantes em folga; ficou, por fim, desencantado de côrtes e aulicos, vivendo mais para si que para os outros e isolando-se para melhor irradiar a sua ansia de Infinito; trasladou-se a Madrid, na fugaz esperança de exito material, não resistindo á voz perfida e suave das promessas, idioma delicioso de sereias que sempre enganam; em 1627 regressou á Córdova natal, que nunca o enganára, porque as cidades em que se nasce têm algo da bondade e acolhida que só as mães conhecem; e num dia de guarda, aos 23 de Maio desse anno, ao cabo de uma doença atroz, depois de ir morrendo, num supplicio longo, paralitico e desmemoriado, os seus olhos, janellas que se abriam para as paisagens maravilhosas do sonho, se fecharam para sempre, retornando ao espaço, em cujo seio insondavel foi o seu espirito fertilissimo rimar grandezas e hyperboles, no gongorismo cósmico das immensidades que formam a caravana dos mundos...

Seus ossos jazem na egreja de São Bartolomeu em Córdova, ao que se presume, mas que não se pode assegurar. E' bem possivel que alli se encontrem, no esquecimento, que é a piedade suprema, porque não permitte seja profanado o silencio profundo das cousas que dormem...

E ha uma grande belleza gongórica nesse facto tão simples — jazerem os seus ossos num templo consagrado ao culto de São Bartolomeu, o santo das procellas, o poeta sagrado das rimas que são trovões e das idéas que são relampagos.

E os versos de Góngora? E as suas imagens? E suas hyperboles arrojadas? E os seus conceitos e phrases flammejantes, como sorrisos de incendio, na volupia neronesca do fogo? Onde estão os versos de Góngora?

A mesma incerteza que existe quanto ao repouso de seus ossos, dos vestigios de sua carcassa: estarão nos livros, que poucos, que tão raros leram ou lêem? Não estarão sepultados no templo silencioso dos in-folios, em que as letras parecem resar baixinho os psalmos da belleza, num segredo de rimas sonoras?

Não, certamente. Góngora não está nos livros, ossos de seu espirito, como não está nos ossos, possivelmente enterrados na egreja de São Bartolomeu, livros de sua carne extincta... Góngora está na memoria de todos os poetas, na mente de todos os homens que sonham e brincam com o espaço, na corrida do tempo, como creanças attonitas deante das maravilhas do Universo...

Góngora, que ninguem leu, que ninguem lê, é o poeta mais lido por todos... E' que o lemos em todos os outros poetas, a começar em Shakespeare e a terminar em Hugo; lemol-o agora, quando o procuramos, nas linhas schematicas da poesia futurista e o admiramos na reducção de suas imagens vertiginosas, de suas idéas pomposas, que em 1627 eram forças descrevendo curvas e são hoje, em 1927, forças elasticas que fogem nas rectas, formando a paisagem geometrica das imagens simplificadas, das suggestões pela synthese expressiva dos termos reductivos. Economia de palavras e pletora de essencia. O perfume de uma rosa vale pelo aroma de todo um rosal... E' Góngora abreviado e no traço luminoso de um relampago: o oceano reduzido a gotta de agua...

Na America, gongorista em tudo, porque em tudo ha força e grandeza, prodigio e desperdicio, os versos do poeta hyperbolista andam soltos e rimam no espaço...

Brada no estro de Castro Alves, vibra na lyra de Joaquim Castelhanos, explode nas estrophes de Diaz Mirón, expoentes de nossa poesia condoreira. Em todos os surtos da acção americana, quer no passado quer no presente, o gongorismo é uma nota de clarim na alma do Novo Mundo: fulgiu na espada de Bolivar, Napoleão da liberdade, Quichote que defendeu e libertou povos, fazendo da America Hespanhola a sua unica Dulcinéa, cavalgando os Andes, como si fosse um verso animado das *Soledades*, numa hyperbole heroica de bravura e audacia; casa-se a todos os rugidos das selvas, rios, vulcões, mares e almas deste hemispherio gongórico pela sua gigantilidade vertiginosa; impelliu, quiçá, a raça fria que habita os Estados Unidos a construir as suas cidades babylonicas, com a gongorização delirante dos "arranha-céos", que são rimas angulosas, hyperboles macissas de aço e concreto...

Para que, pois, lêr Góngora nos livros?

Góngora não está, realmente, nos livros. O gongorismo, enthusiasmo da imaginação, berro de alma, vive, nutre-se da seiva de todos os espiritos e de todos os sonhos, e realiza, neste seculo, a arrojada epopéa de um Lindbergh voando, sozinho, de Nova York a Paris, acompanhado apenas de um gato indolente e de uma vontade pasmosa...

Góngora não é lido. Não deve ser lido... Góngora deve ser vivido! O gongorismo está no ar e no espirito. As obras que deixou são tão inuteis quanto os seus ossos confiados a São Bartolomeu, pastor dos ventos... O que nos interessa é o espirito de Góngora. E este está em tudo e em todos. Neste seculo das asas é que Don Quichote faz a sua cavallaria sublime e que Góngora rima as suas vertigens sonoras!

O gongorismo dynamico do homem moderno é a maior gloria póstuma do poeta hespanhol, cujo terceiro centenario de morte ora se está rememorando, por absurdo. Sim, é absurdo commemorar-se o terceiro centenario de um poeta que vive agora a sua gloria suprema e que nunca, como neste seculo gongorista, se sentiu tão vivo e eterno!

Góngora é o exaggero realizado... Este seculo XX lhe pertence; a America, no gongorismo alado dos condores e dos heroes da aviação, lhe pertence espiritualmente, porque a America o realiza, e o exalta, e o completa.

Góngora está nos livros e ninguem o lê. Mas o gongorismo está no homem e na nossa vida.

Saul de Navarro

VINGANÇA

CONTO de ANTOINE DE COURZON

— Vae ver um homem extraordinario... disse-me Ravelés, ao tomarmos o auto e justamente quando as suas mãos agarravam o volante. Mora naquelle lindo castello que fica á margem do Rance e se chama Castelfief. As ameias vêem-se quando a gente atravessa o viaducto, em caminho de ferro, antes de chegar a Dinart. Castelfief é uma velha moradia e o seu actual proprietario, Heitor de Castelfief, é o ultimo descendente duma antiquissima familia, senhora de baraço e cutelo de toda a região. Na sua physionomia, realmente bella e nobre, e no seu caracter perdura o orgulho, a raça dos poderosos barões da Edade Media. Emquanto para lá caminhamos, contar-lhe-hei, caro amigo, uma parte da historia de Heitor de Castelfief e a outra parte você a adivinhará depois da nossa visita.

Ha quarenta annos, era Heitor de Castelfief o mais bello homem de França e Navarra; e facilmente se percebe isso ainda hoje, apezar dos sessenta e cinco annos que já conta e da admiravel alvura dos seus cabellos annellados. O exito que elle obteve tanto nos salões da alta sociedade como nos bastidores de theatro e outros logares galantes é inimaginavel. Foi elle que organizou o famoso jantar entre cujos convivas se encontravam todas as suas antigas amadas com os respectivos maridos ou galanteadores actuaes. Toda essa gente acceitara o seu convite, tal o poder de attracção, o prestigio, o dominio do extraordinario conquistador. E, no emtanto, não faltavam alli homens e mulheres que, um dia, haviam jurado matal-o...

Quem realmente matou tres homens em duello foi elle proprio, Heitor de Castelfief. Tal circumstancia, porém, não o impedia, por mais que se repetisse, de continuar na mesma vida, atravessando todas as hostilidades e todos os perigos, que o ciume e a vingança lhe levantavam no caminho, com o seu ar de gentleman superior, vistoso cravo ao peito e nos labios um sorriso desdenhoso...

Um dia escapou por milagre do crime que contra elle ordenara essa actriz, Mona Lival, fallecida ha alguns annos. Certa da traição de Castelfief, a artista encarregara alguns malandrins de o supprimirem. Castelfief recebeu uma punhalada pelas costas, mas abateu ou poz em fuga os agressores, á bengalada. Depois, tendo-se feito applicar, numa pharmacia, os curativos mais urgentes, foi ter a um theatro do *boulevard*, com a bella actriz, que pallida de terror acceitou o seu convite para cear. Só no dia seguinte se soube da natureza grave do ferimento...

O casamento de Castelfief foi um verdadeiro acontecimento. Toda a gente preguntava que mulher teria tido a coragem de ligar a sua vida á de semelhante D. João. Contava elle então quarenta e cinco annos. A noiva tinha apenas vinte. Era linda, virtuosa e riquissima. Naturalmente elle, que tanto trahira, queria ter no seu lar uma esposa fiel e casta. Viveram cinco annos em Paris, com grande luxo, recebendo principescamente. Depois, um bello dia, venderam o palacete, abandonaram Paris, foram se instalar definitivamente em Castelfief. Julgou-se primeiramente que estivessem arruinados... Qual historia! Nem o rendimento elles tinham gasto da sua immensa fortuna. O mysterio impressionou Paris durante algum tempo... Depois esqueceu, como tudo esquece. Eis-nos, porém, chegados."

***

O automovel seguia agora por uma longa avenida entre filas de carvalhos seculares e ao cabo da qual se via um largo portão fechado. Parámos junto a esse portão. Precisámos de buzinar repetidas vezes para que nos apparecesse um velho guarda que, de boné na mão, nos preguntou os nomes, sem todavia nos convidar a entrar. Vimol-o voltar ao seu cubiculo e percebemos que telefonava para o castello. Só depois disso nos foi facultada a entrada na propriedade. E aos meus olhos cada vez mais a sombra do mysterio crescia e pesava sobre Castelfief e o seu senhor...

Um parque admiravelmente tratado ostentava, por alli fóra, os seus gramados e canteiros. Depois, subitamente, a uma volta do caminho, appareceu o castello como uma velha fortaleza, a alguns passos de nós. E ao fundo dum jardim á franceza, dividido em terraços, estendia-

se o Rance, serpenteando entre margens verdejantes.

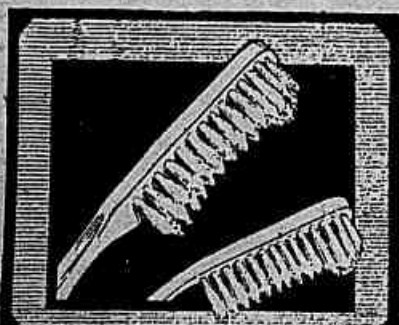
Deante da porta principal e tendo ao lado um lacaio correctissimo na sua libré, estava Heitor de Castelfief. O meu amigo Ravelés não o tinha favorecido no retrato feito pela caminho. Era um homem de alta estatura, possante e esbelto. Os cabellos brancos, penteados para trás, descobriam uma larga testa; o nariz era recortado em bico de aguia, o queixo energico, voluntarioso; usava a cara rapada, mas a sua physionomia, longe de se assemelhar ás faces imberbes do nosso tempo, lembrava a dos gentis-homens do antiga regime.

Com as mãos estendidas, aquelle a quem eu não ousarei chamar "o velho" acolheu-nos quasi alegremente e numa voz profunda e melodiosa — a mesma voz que devia encantar as mulheres daquelle tempo — agradeceu-nos a visita que faziamos ao seu solar. Atravessámos uma vasta sala lageada, a sala dos guardas, e, tendo passado varios salões, entrámos num aposento de forma redonda, onde se achava a senhora de Castelfief. Ravelés, que a conhecia, apresentou-me. Notei nella uma leve madeixa branca entre os cabellos do negro mais reluzente, e um olhar de profunda melancolia. Era linda a senhora de Castelfief... linda como raramente, naquella edade, são as suas patricias — porque logo, pelo brilho da sua pelle e o sotaque ligeiro da sua falla, vi que pertencia á raça hespanhola. Emanava da sua pessoa um estranho encanto; os seus movimentos revestiam-se duma graça original.

Entardeceu, cahiu a noite. Longamente fallámos do passado e do presente tambem — porque, se Heitor de Castelfief recordava os casos e pessoas do seu tempo, não deixava de se mostrar, apezar daquelle longo exilio, perfeitamente ao corrente do que se passava nas altas rodas parisienses. Coisa estranha, porém, e que logo me surprehendeu: quando elle fallava calava-se a esposa; e desde que esta proferisse uma palavra era elle que se reduzia a um absoluto silencio. E havia cerca de duas horas que nos entendiamos dessa curiosa maneira, dirigindo-nos ora a um ora a outro, quando Ravelés se levantou e fizemos as nossas despedidas.

— Então, que tal? perguntou-me o meu amigo, quando já rodavamos para Dinart. — Adivinhou o fim da historia?

Communiquei-lhe a minha descoberta de ha pouco. Ravelés ficou um momento calado, reflectindo naturalmente que ia revelar um segredo alheio, e depois, em tom grave, disse:

— Como já lhe observei, Heitor de Castelfief queria, apezar da sua vida de aventuras e dissipação, ter uma esposa irreprehensivel... Ora, um dia, descobriu que ella se agradara dum primo, rapaz da sua edade. E desde esse momento, encerrado neste velho solar, vive sózinho com ella, impondo-lhe continuamente a sua presença, como a imagem do remorso, sem a deixar por um instante esquecer a sua falta — porque, desde essa epoca, quer dizer *ha vinte annos*, que *Heitor não dirige á esposa uma palavra sequer...*

A installação do primeiro acampamento do serviço de prolongamento da E. F. N. B. (Noroeste do Brasil) entre Corumbá e Porto Esperança, vendo-se, entre os presentes, engenheiros e chefes de turmas, os seguintes: 1 — Intendente municipal de Corumbá. 2 — Dr. Gastão Sarahyba, chefe da commissão. 3—Engenheiro municipal de Corumbá. 4—Dr. Laurindo Macêdo, chefe de serviço de campo.

A OBRA DOS RIOS

Os grandes rios como o Mississipi são, ao mesmo tempo, terriveis destruidores, por effeito das inundações que causam com as suas cheias, e verdadeiros constructores de continentes em razão da alluvião que carregam e depositam na sua embocadura.

O conjuncto das embocaduras do grande rio norte-americano despeja no mar, por anno, 28 milhões de metros cubicos de alluvião. Por isso, o delta do Mississipi avança, cada anno, 20 metros pelo golpho do Mexico.

Tambem os rios Amarello, Pó, Danubio e Rhodano elaboram pacientemente vastas regiões para o futuro. Desde a éra gallo-romana até aos nossos dias, augmentou o delta do Rhodano cerca de 3000 kilometros quadrados.

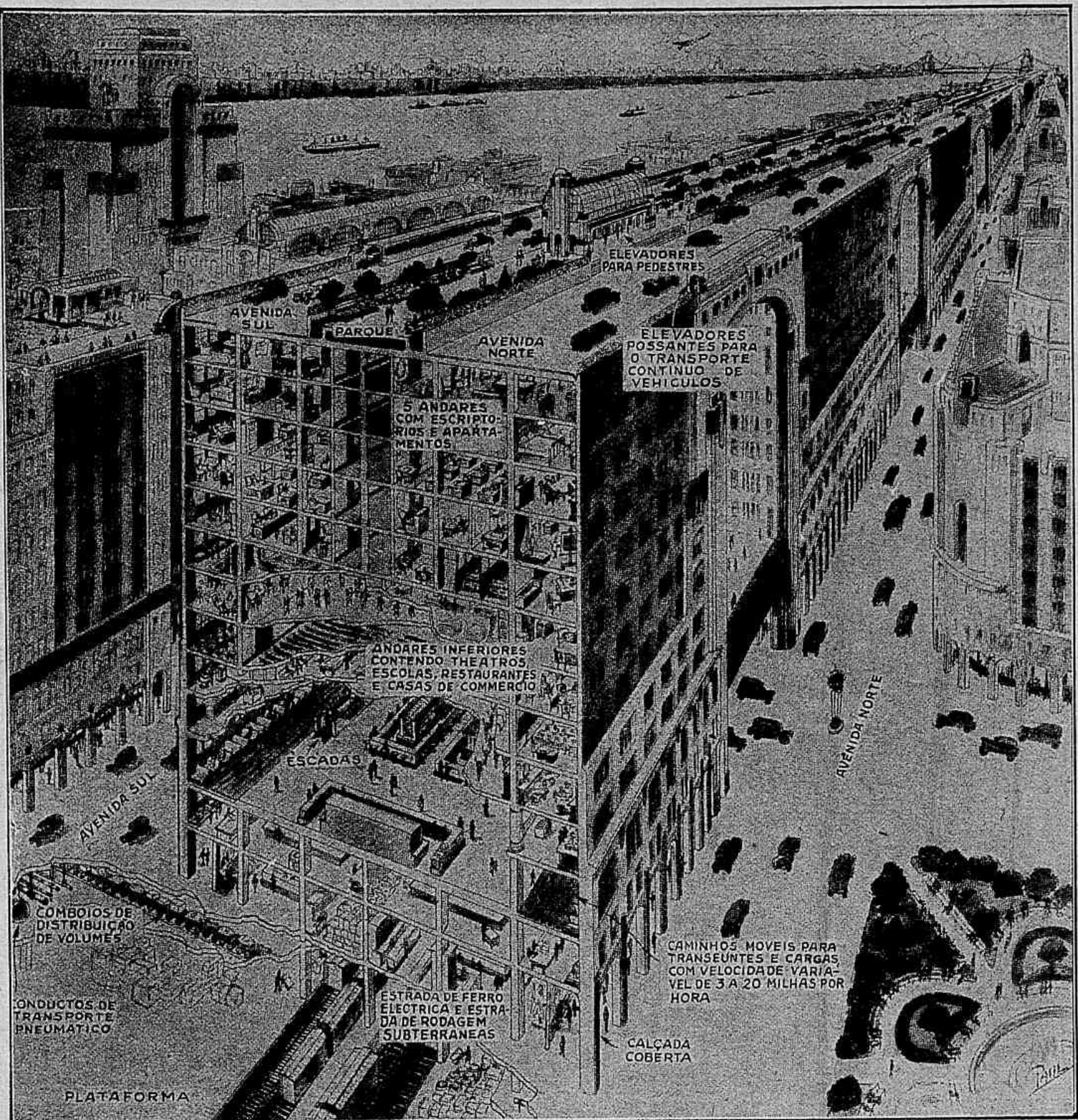
Os rios destroem, mas constroem tambem.

UM LEGADO MAGNIFICO

Um illustre cirurgião de Nova York, o dr. Edward E. Tull, recentemente fallecido, deixou o somma de um milhão de dollares a uma mocinha de treze annos, miss Edna Dany, filha dum modesto lavrador de Fairmont.

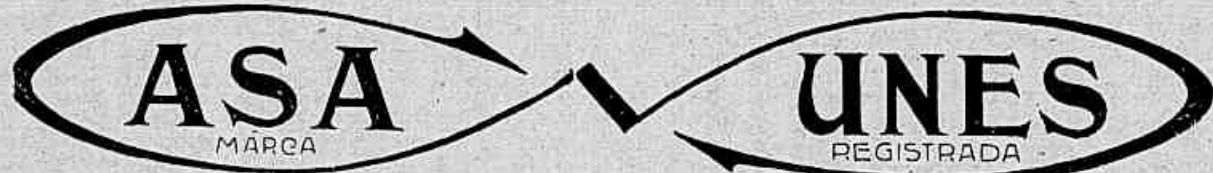
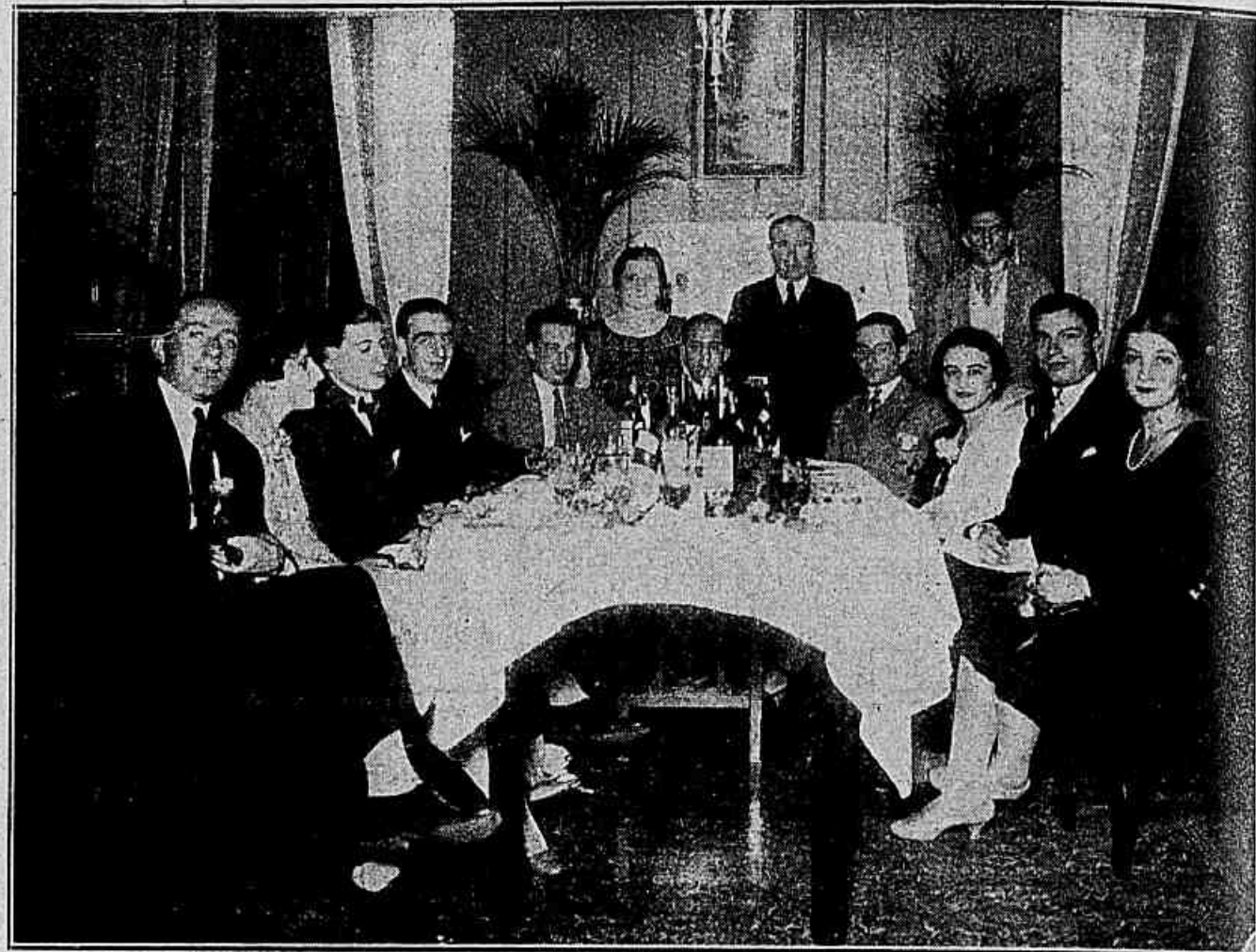
O dr. Tull, que adorava as creanças, quiz um dia adoptar aquella menina, mas os paes não lh'a cederam.

O FUTURO RIO DE JANEIRO

UM PROJECTO YANKEE QUE NOS HA DE SERVIR

Plano de uma avenida aérea com 16 milhas de extensão proposto pelo engenheiro John K. Henken para minorar as difficuldades da circulação em New York.

A proposito das conferencias do professor Agache e de sua presença no Rio de Janeiro, como consultor technico da municipalidade para a solução dos problemas urbanos em nossa formosa capital, julgamos conveniente reproduzir aqui o titanico projecto do sr. Henken, ultimamente submettido ás autoridades municipaes da grande metropole norte-americana.

Salvo melhor juizo, essa suggestão pode nos ser mais util do que toda a respeitavel pericia do urbanismo francez, que ainda agora, segundo nos informam os ultimos jornaes parisienses, se propõe a desafogar o transito dos *boulevards* cortando meio metro nas calçadas. Não acreditamos que o Rio de Janeiro se possa satisfazer com soluções de meio metro. E' preciso não esquecer que Pereira Passos, o prefeito genial, o unico homem que trouxe verdadeiro progresso a esta cidade depois de D. João VI, deixou-se illudir e fez ampliação de 10 onde era mister fazel-a de 100.

O Rio de Janeiro, porto de capacidade immensa, escoadouro natural de dous Estados transbordantes de riqueza, centro commercial fadado a desenvolvimento vertiginoso, precisa, desde já, de se armar com apparelhamento e recursos dignos de seu destino. As soluções mesquinhas, os remendos timidos deterão, suffocarão o surto magnifico de sua grandeza e quando, d'aqui a dez ou vinte annos, os factos obrigarem os governantes a iniciativas que já todos estamos presentindo inevitaveis, ellas nos serão cem vezes mais dispendiosas.

O violonista Nathan Milstein e o pianista Arthur Ermelin no jantar que lhes foi offerecido pelo negociante Alberto Subkoff.

O famoso cirurgião deixou maiores ou menores quantias a todas os seus empregados. A quem elle não quiz deixar coisa alguma foi aos seus herdeiros legitimos. Talvez, porém, as suas disposições não sejam cumpridas, porque uma irmã sua, mrs. Louise Tull Backer, e um "meio-irmão" o sr. Robert Jones resolveram atacar o testamento.

"ESMERALDA"

Por occasião do 50° anniversario do fallecimento de Louise Bertin, filha do fundador do Journal des Débats, *recordaram os jornaes parisienses a estranha fatalidade declarada contra tudo o que de perto ou de longe se relacionasse com a opera* Esmeralda, *da qual Victor Hugo escrevera o libreto e aquella senhora compuzéra a musica.*

A opera, que terminava pela palavra "fatalidade", foi levada á scena a 18 de Novembro de 1836 e cahiu redondamente. Na noite dessa primeira representação, soube-se na sala que o rei Carlos X fallecera em Garitz e essa noticia fez com que ficassem vazios todos os camarotes e outros logares occupados por legitimistas.

Mlle. Falcon, a principal interprete da opera, pouco tempo depois perdeu a voz completamente. Nourrit, que tambem tomara parte no desempenho da Esmeralda, *enforcou-se na Italia. Um navio a que fôra dado o nome* Esmeralda *sossobrou na costa da Irlanda; e um cavallo que recebera o mesmo baptismo chocou-se, durante um pareo, com outro cavallo e soffreu uma fractura do craneo que lhe causou a morte.*

OS ANIMAES NO CINEMA

Um naturalista lembrou-se de averiguar o effeito que, em varios animaes, produziriam as fitas cinematographicas em geral ou certos assumptos que ellas pudessem reproduzir.

Assim, por exemplo, numerosos cães de todas as raças viram desfilar no écran *outros cães, arreganhando os dentes ameaçadores — assim como gatos tambem em attitudes agressivas — e não houve entre os espectadores a menor excitação, o mais ligeiro rosnar.*

Chegou a vez dos gatos e ahi mudou o caso de figura. O apparecimento dum bull-dog no quadro branco fez com que todos aquelles dorsos se arqueassem, todos aquelles bigodes se assanhassem. Dahi concluiu o naturalista que o cinema, arte muda e puramente visual, não pode influir nos cães cujos sentidos mais desenvolvidos e, por assim dizer, sempre alerta são precisamente o olfacto e o ouvido. O gato, ao contrario, vê muito melhor do que fareja ou ouve, e dahi ser elle muito mais sensivel ao espectaculo do cinema.

A falsa modestia é um aspecto da vaidade.

LA BRUYERE

Pic-nic organizado pela classe medica de Ubá, Minas, na fazenda *Cachoeira do Funil*, de propriedade do coronel Manoel Olympio da Costa Cruz, no municipio de Cataguazes.

Elegancia Masculina

Nova York, Julho

Parece que muitos homens já terão verificado um pormenor curioso em se tratando de elegancia masculina: as abas dos modernos casacos são largas e apresentam um contorno rectilineo, que condiz maravilhosamente com as exigencias da moda de após-guerra.

Os grandes alfaiates desta cidade, reflectindo as ultimas innovações de Londres, Paris e Oxford, porém, mostram-se dispostos a fazer combinar o que se poderá chamar angulos rectilineos. Assim, decretaram recentemente que os collarinhos deverão ser pontudos até mesmo com um certo exagero, constituindo isto, sem duvida alguma, uma reacção forte contra os ultimos modelos que eram e são curvilineos. Se bem que apresentem essas pontas, elles continuam a ser medianamente baixos, representando neste ponto uma tendencia sportiva perfeitamente louvavel. A acolhida que tem sido dada a esse novo modelo indica perfeitamente que já cahiu no gosto do publico, podendo ser assim consagrado como moda acceita e corrente.

Se precisardes de um trajo para jantar, desejaes, sem duvida, saber qual o que deveis preferir.

O casaco segue sempre as tendencias do paletot sacco, e vereis que na altura das espaduas é generosamente amplo. A gola é longa e graciosa, mas não demasiado larga.

A calça é moderadamente ampla e o mais chic é adaptar-lhe uma larga lista de seda.

O collete em voga é preto para acompanhar o paletot, de seda preta para acompanhar a lapella, ou branco lavavel.

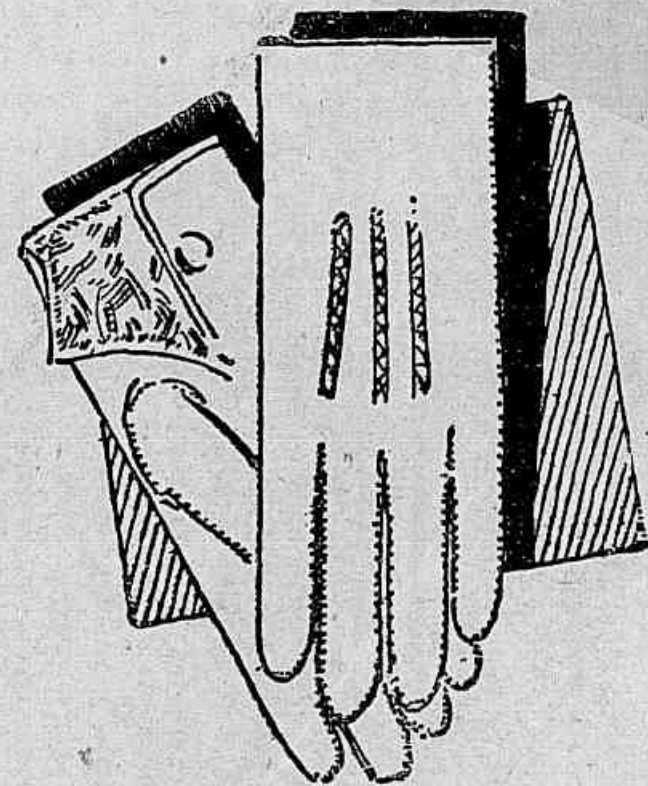
Colletes de seda phantasia não estão em moda.

O collete póde ter uma carreira de botões ou duas. Os brancos, em geral, teem duas, mas os pretos apenas uma.

A camisa póde ser lisa com peito duro ou com pregas amplas ligeiramente engommadas.

E' um modelo que o verão e a primavera permittem, emquanto que durante o inverno não encontraria approvação.

As luvas de pellica, pespontadas, se bem que os ornatos sejam simples, estão altamente cotadas nos circulos da elegancia masculina desta metropole. Os homens que procuram interpretar as ultimas innovações da elegancia masculina affirmam, não sem muita razão, que essas luvas constituem, de certo modo, um reflexo dos modelos que são usados pelos motoristas, pelos patinadores, em summa reflexo de certos habitos arraigados da vida sportiva nacional. Que importa que essas luvas tenham certo côrte sportivo se, apezar de todos os pezares, são extremamente modernas e elegantes? As luvas pespontadas, resumindo, constituem a ultima palavra das modas masculinas.

Os homens que se trajam bem interessam-se grandemente pelas combinações de cores, e ninguem poderá affirmar que tal preoccupação seja coisa frivola. Muito pelo contrario: ella representa uma tendencia esthetica, que encontra bella corporização na elegancia masculina.

Eis aqui, por exemplo, uma combinação que chamou recentemente a minha attenção. Tratava-se de um cavalheiro elegantemente trajado. Senão vejamos: terno cinzento escuro listado de azul; camisa azul escuro, com collarinho da mesma côr combinando; a gravata era listada de marron e azul marinha; o sobretudo tinha um tom agradavel azul escuro, muito em moda. O cavalheiro em questão usava um chapéu côco, um cache-col marron com quadradinhos azues e luvas cinzentas pespontadas.

PETER GREIG.

Cronica de Paris

A MODA traz-nos sempre alguma novidade, para que todos os ramos da industria e do commercio fiquem satisfeitos. Este anno, interessa-se muito especialmente pelas flôres e sombrinhas, que estavam, ha algum tempo, postas de canto.

Teremos sombrinhas preciosas e o mundo feminino acolhel-as-ha com enthusiasmo. A moda preoccupa-se com a rehabilitação do uso da sombrinha, que desapparecera do scenario. Dar-lhes-ha novas formas e colorido, para que despertem maior interesse.

As sombrinhas voltam a ser novamente o complemento da toilette feminina, tanto na primavera como no verão; e ainda mais aperfeiçoados os *en-tous-cas* anões, que usámos na temporada anterior, mas com 16 varetas, sedas escuras e cabos de admiravel belleza, em marfim, madreperola ou madeira talhada. Dentro desse conjunto, ha tres novidades; primeira, a côr azul escuro; segunda, as sedas escocezas, que se apresentam este anno de tom mais vigoroso, por ser esta tambem a caracteristica dos vestidos; terceira, a utilização da pelle de bezerro branco e vermelho ou branco e preto para forrar os cabos das sombrinhas, especialmente das azues ou castanhas, dando-lhes um cunho de ultima novidade. Junto dessas sombrinhas, que já conquistaram o coração da mulher, veremos outra novidade, que divulga a fama de Paris e Vienna como cidades da moda.

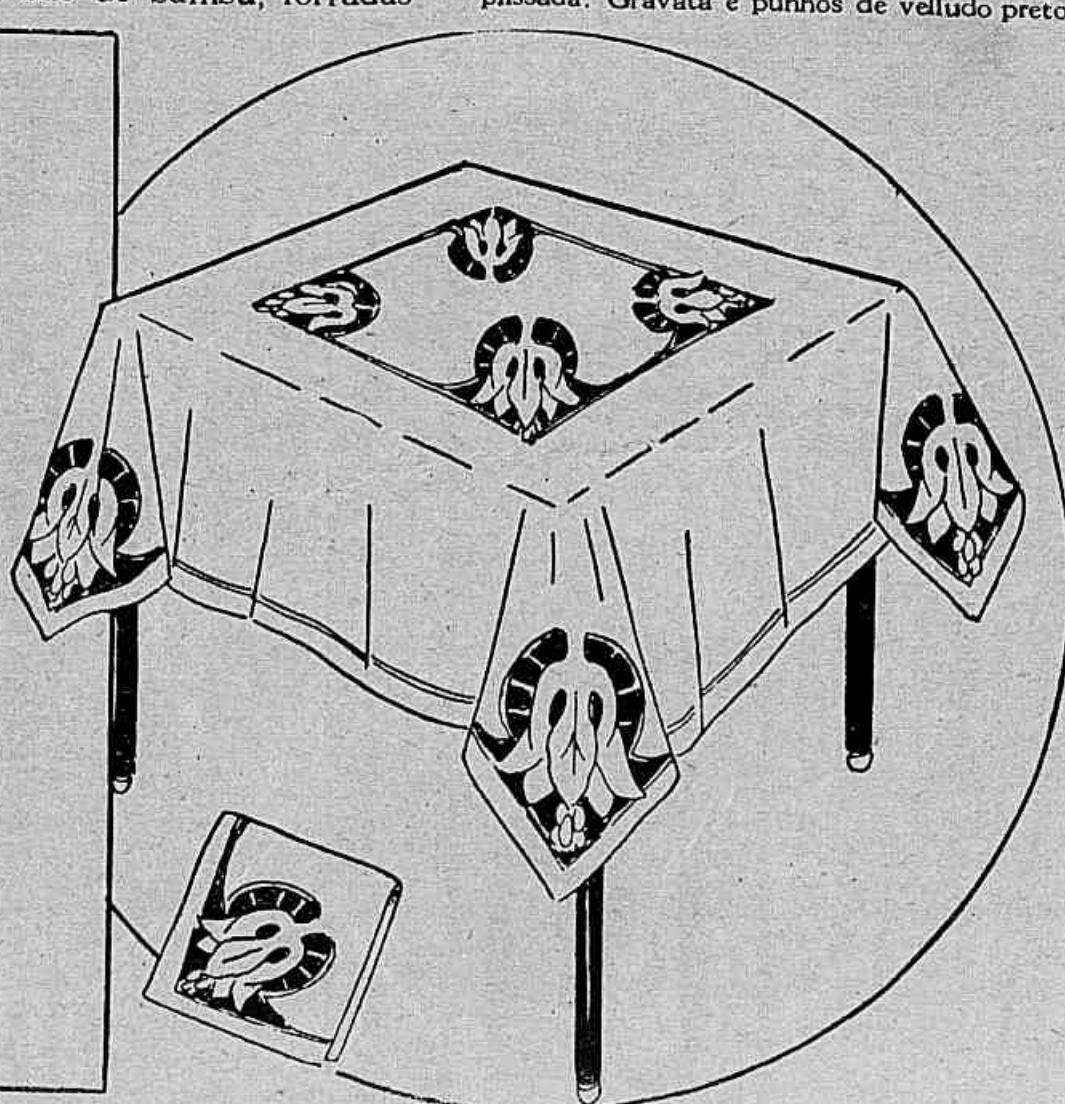
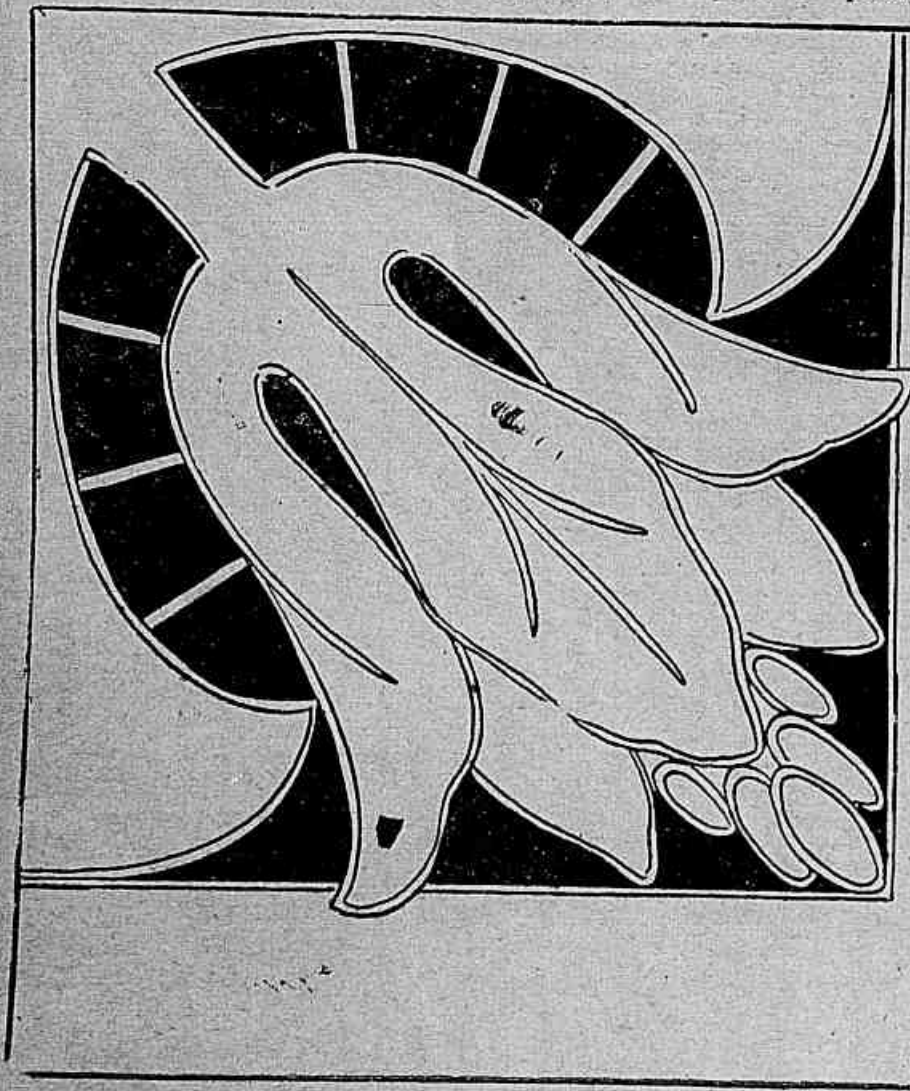
Referimo-nos ás sombrinhas japonezas, um encanto de fórma, tamanho e colorido, para as praias. São de bambú, forradas de batiste pintado á mão. A sua propria singeleza lhes dá valor como elegantes e torna-as sympathico e modesto complemento do traje de verão.

Em plano superior, encontraremos sombrinhas ricas que harmonizam com o vestido, adornadas com franjas de dois tons, com prégas e bordados. As sombrinhas são complemento da toilette e a toilette o é da sombrinha, e occorre dizer aqui que, apezar do exito obtido pelas sedas estampadas, triumpham os vestidos negros. Não nos surprehende, porque a distincção e elegancia do traje negro é indiscutivel e sempre está na moda. — X.

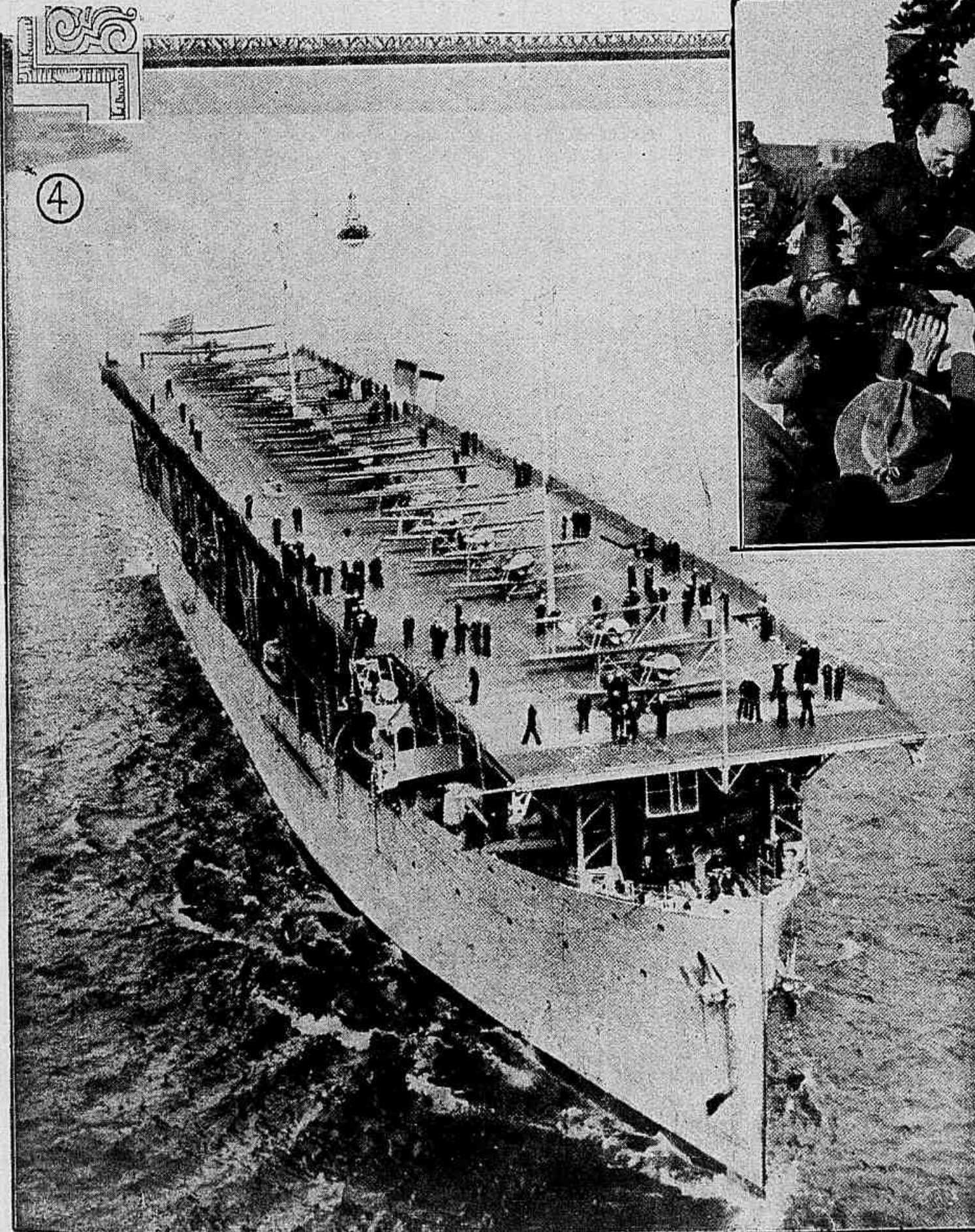
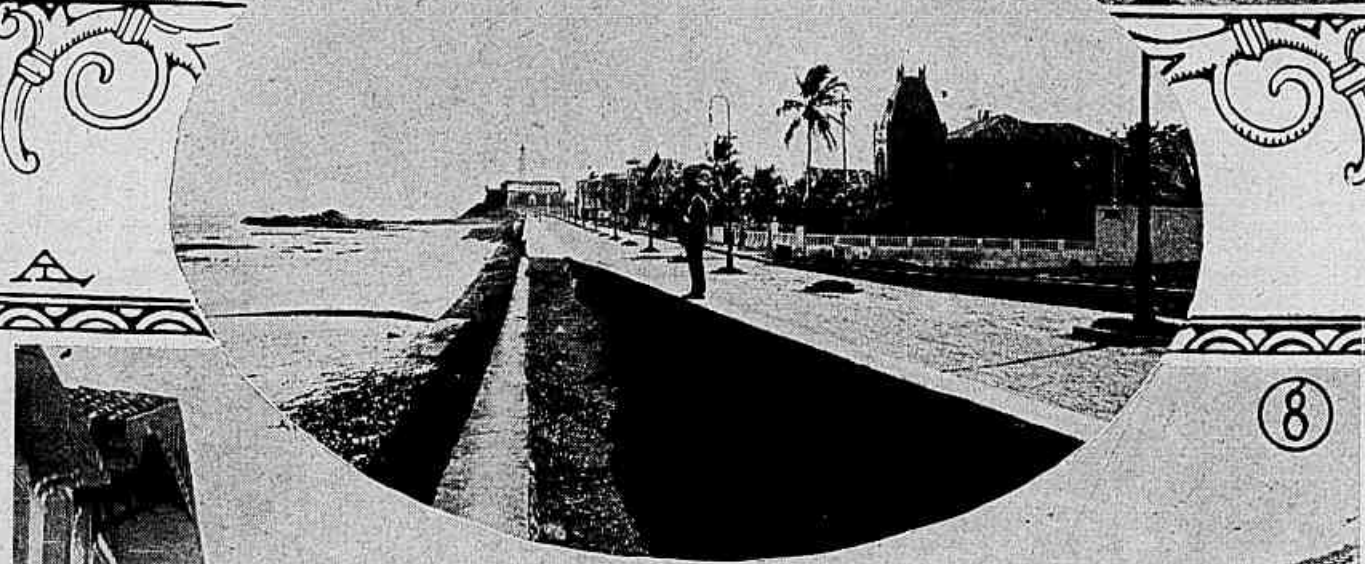
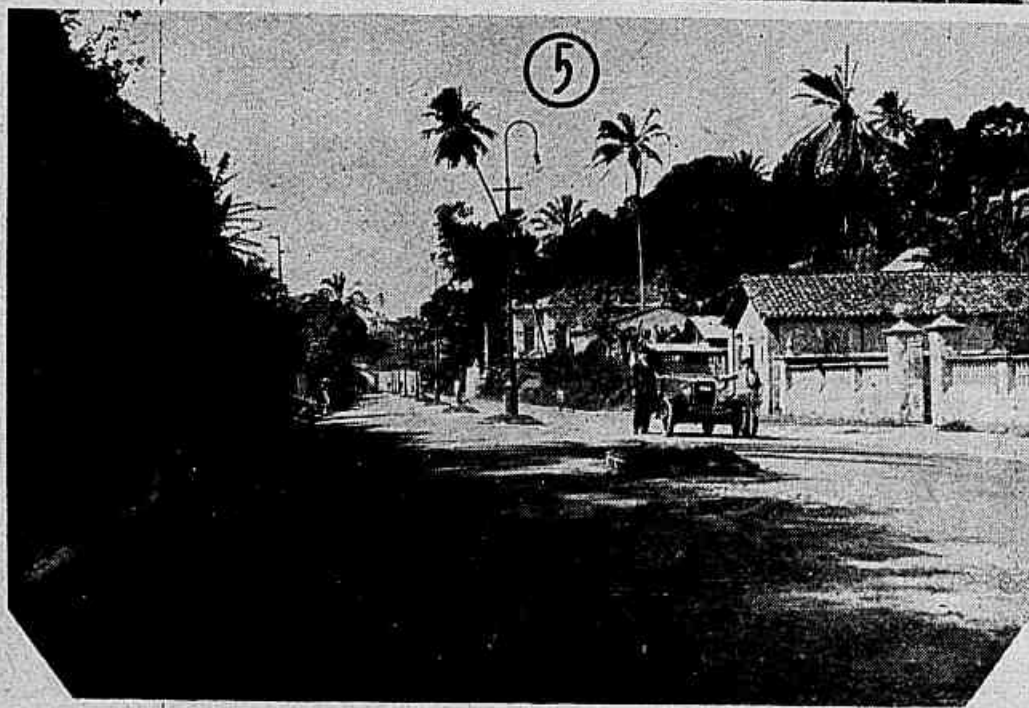
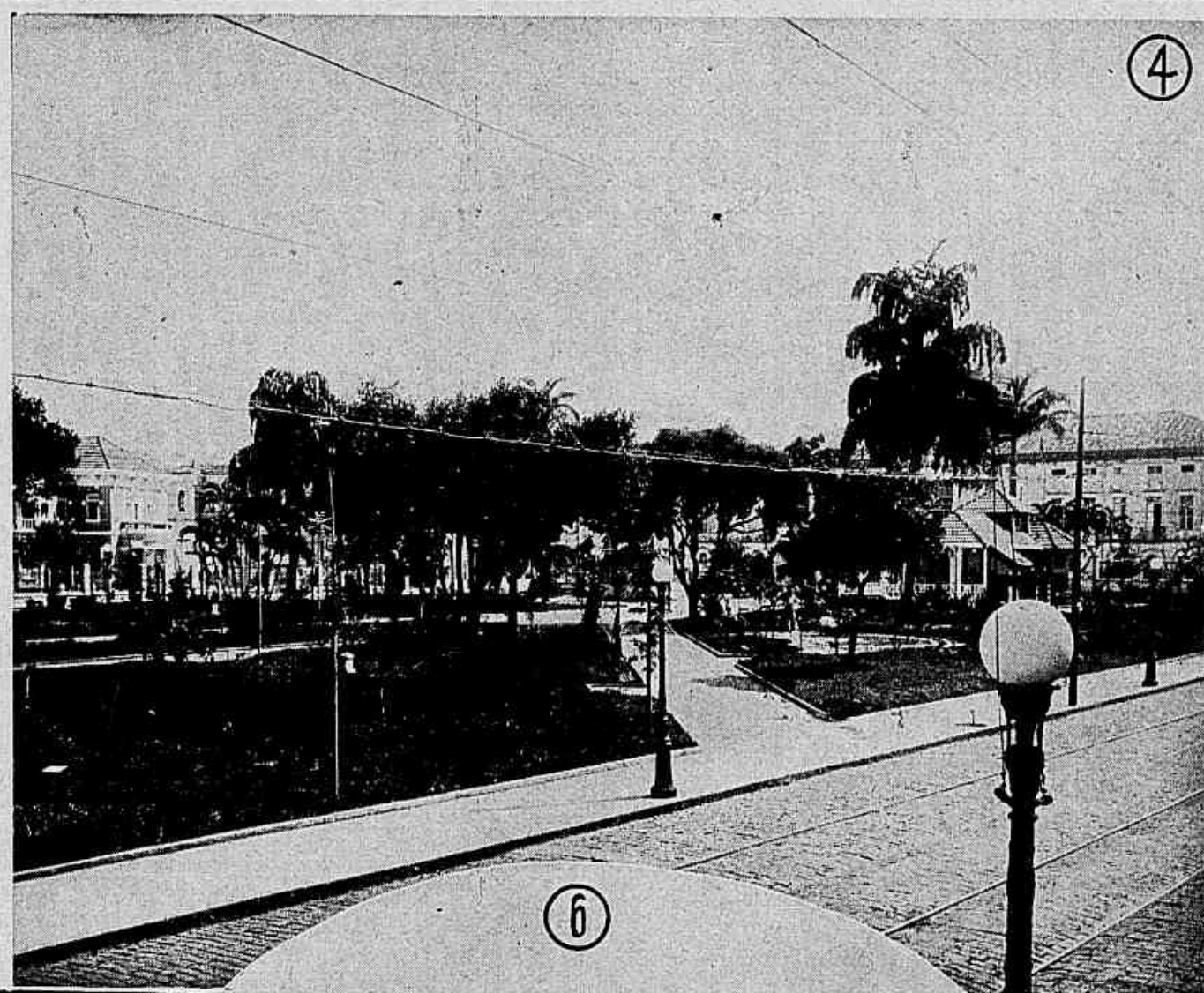
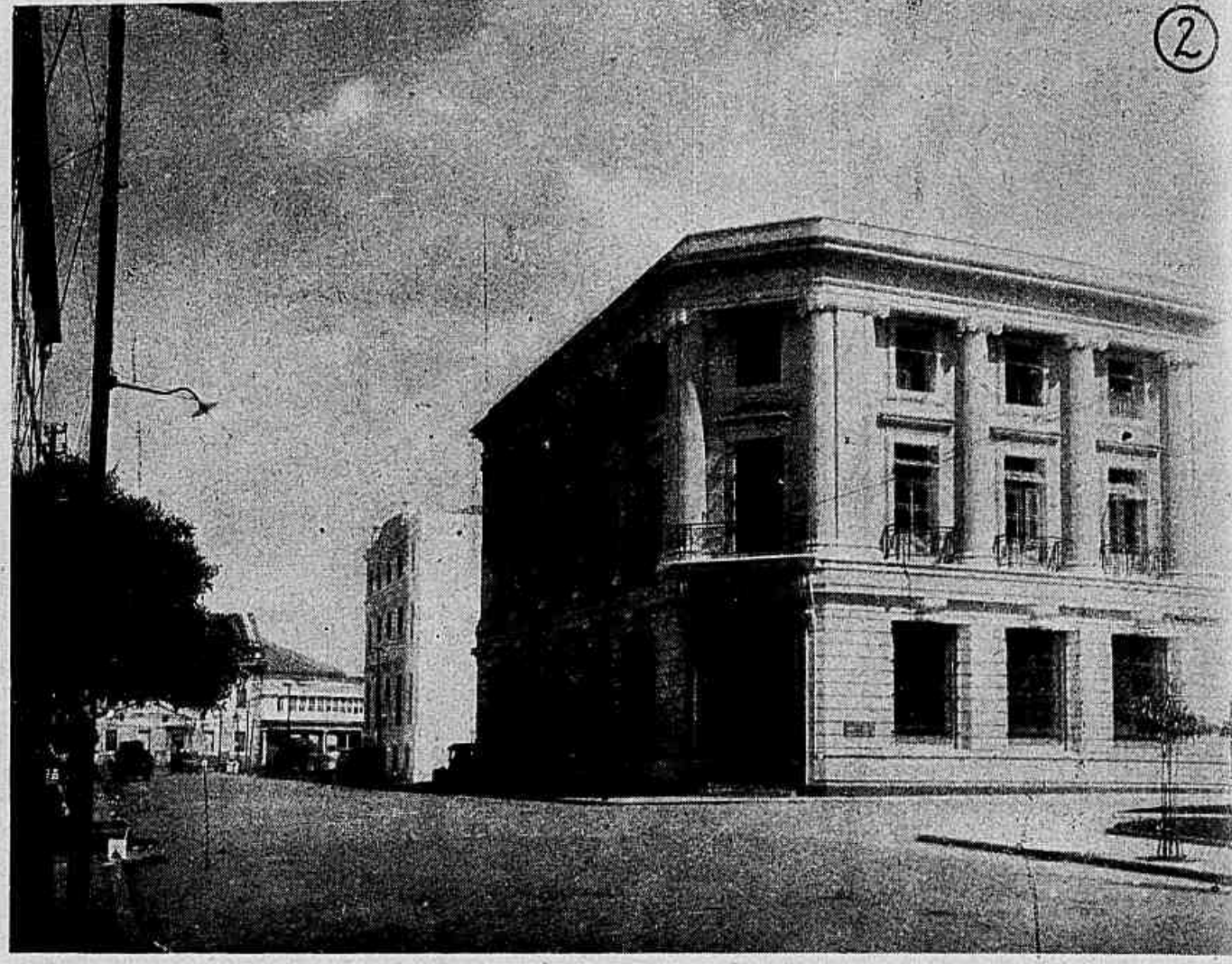
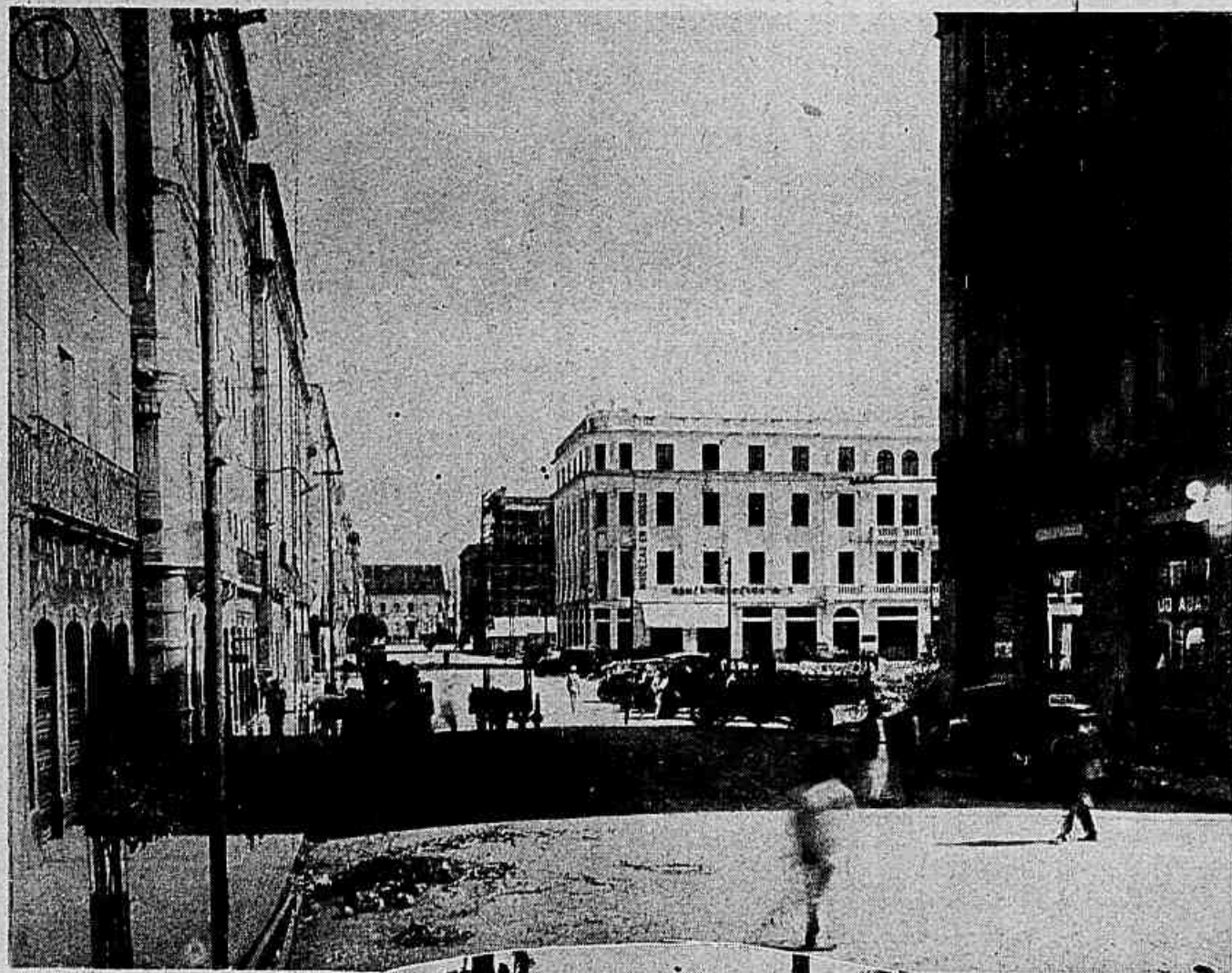
Motivo em bordado *richelieu* para vestido de creança. Contornam-se o triangulo, as flôres e as folhas a ponto de festão; os interiores a ponto de *tige* e o amago das flôres a ponto de nó. Aqui estão dois modelos de vestido, o primeiro em toile azul bordada a branco, o segundo em linon branco bordado a rosa.

Conjunto de tecido verde de lã. O manteau tres-quartos, raiado de bandas verde mais carregado, abre-se sobre um collete e uma saia de tecido de lã liso. Camisa de crêpe da China verde.

Blusa de toile de seda azul linho. Banda raiada de nervuras e incrustada simulando um *plastron*. A parte que fórma a cintura e os canhões das mangas é plissada. Gravata e punhos de velludo preto.

Vestido de crêpe da China beige enfeitado com um pequeno bolero simulado, em crêpe castor.

AS TULIPAS — Motivo de cantos, para bordar em *richelieu* e em ponto de tige para as nervuras. Enfeita lindamente essa toalha de chá, de fino tecido ... e o guardanapo condizente.

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — S. m. a rainha da Hollanda e s. a. r. a princesa Juliana dirigindo uma saudação aos seus subditos nas Indias Hollandezas pelo microphone dos Laboratorios de Ondas Curtas da Fabrica Philips em Eindhoven (Hollanda). 2 — Josephina Baker, a artista-negra, num papel de phantasia. 3 — Deante do monumento aos martyres da aviação hespanhola, em Madrid, o marquez De Pineao, o embaixador da Italia, coronel Kindelan, Ramon Franco e outras pessôas de relevo. (Photo *J. Vidal*). 4 — O navio norte-americano porta-aviões *Langley*, o maior da sua especie, sahindo do estaleiro de New-York e deslisando por East River com a sua carga de 16 aeroplanos. 5 — Em Berlim: Chamberlin e Levine, os heróes do vôo do *Columbia*, em triumpho, com a grande corôa de louros que lhes foi offerecida. 6 — A artista do cinema Janette Gilmore com o seu vestido adornado com o retrato de Lindbergh, o "aviador-louco" e tendo á cabeça um capacete de aviador, de contas de crystal, lançando, com a sua admiração pelo vôo do *Espirito de S. Luis* a moda que foi enthusiasticamente seguida nos Estados-Unidos por innumeras jovens. 7 — Madrid: aspecto do Senado durante a sessão de abertura do V Congresso da Imprensa Latina, acto que foi presidido pelo general Primo de Rivera. (Photo *J. Vidal*).

A BAHIA DE HOJE

A Bahia, a velha cidade historica do Brasil, berço da nossa nacionalidade, vae, ao impulso que lhe dá o actual governo, soffrendo uma grande remodelação. Trabalha-se na cidade do Salvador com patriotica actividade, e o operoso governo da Bahia imprime á velha e grande cidade um aspecto todo novo. Abrem-se ruas, traçam-se avenidas, erguem-se edificações, remodelam-se institutos varios, e a Bahia apresenta-se-nos com uma feição toda nova, de que dão ligeira idéa as gravuras que aqui se vêem. 1 — Aspecto da rua Dr. Miguel Calmon e dos grandes edificios construidos na área conquistada ao mar com os serviços das obras do porto. 2 — Edificio do British Bank construido, como outros grandes predios, na área commercial conquistada ao mar. 3 — Vista da entrada do Parque Nazareth. 4 — O parque Nazareth, recentemente inaugurado na capital do Estado. 5 — Avenida Oceanica, pavimentada a *tacmacadam* pelo governo actual numa extensão de cinco kilometros. 6 — Outra vista da Avenida Oceanica.

9

10

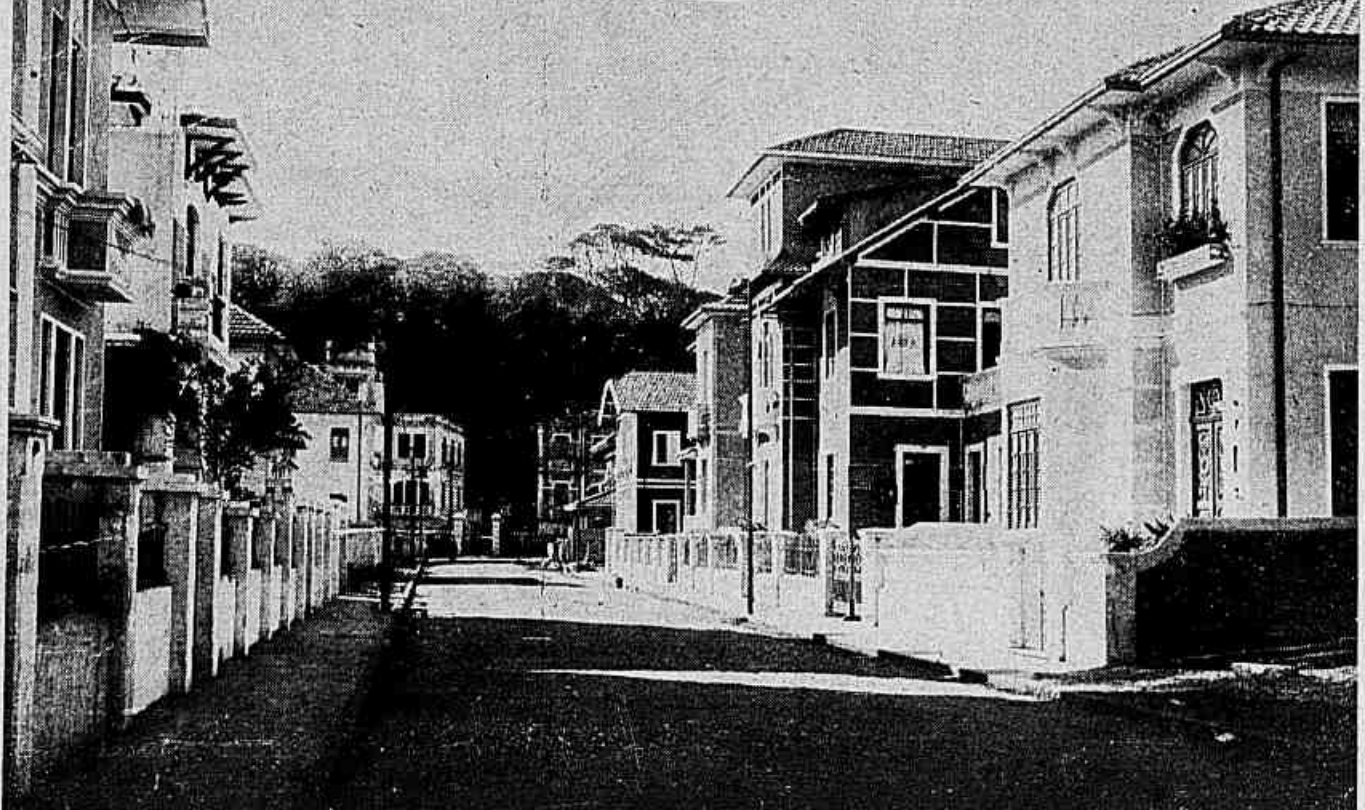
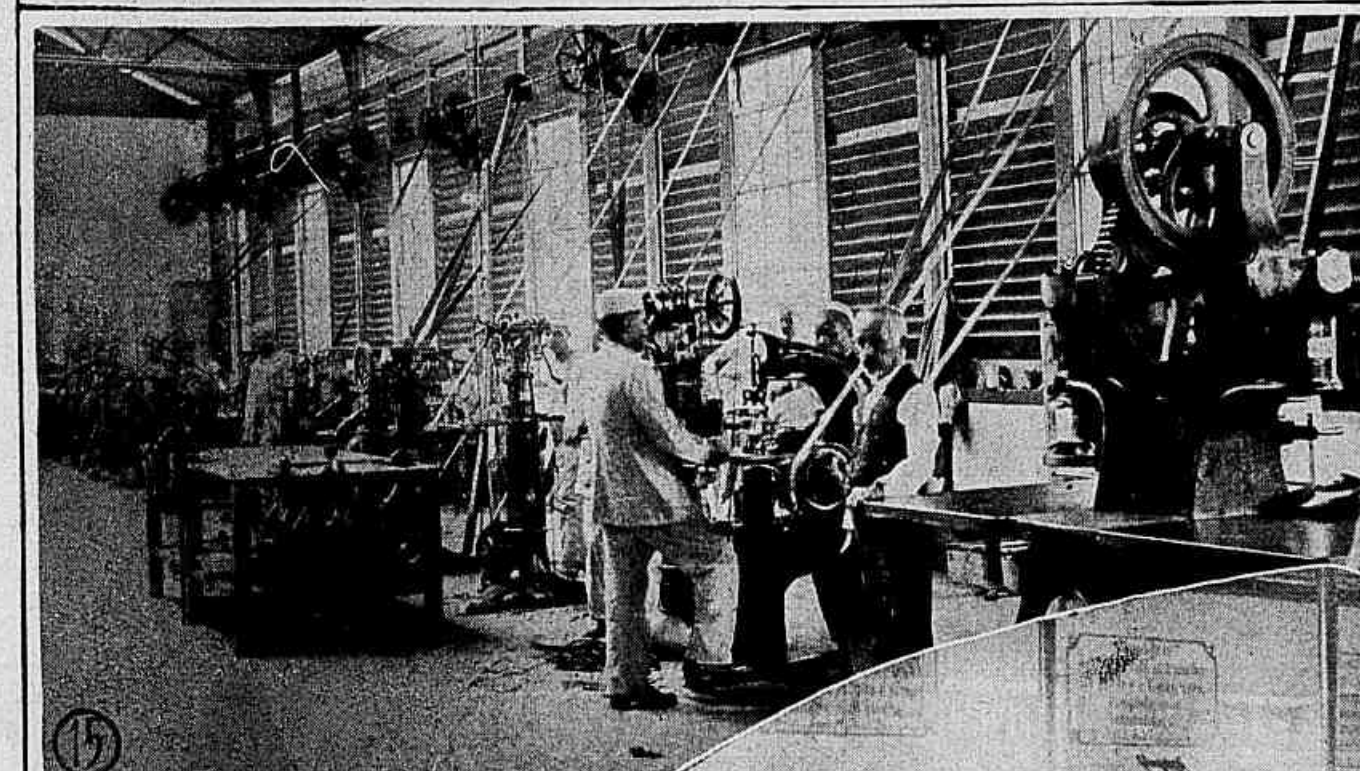
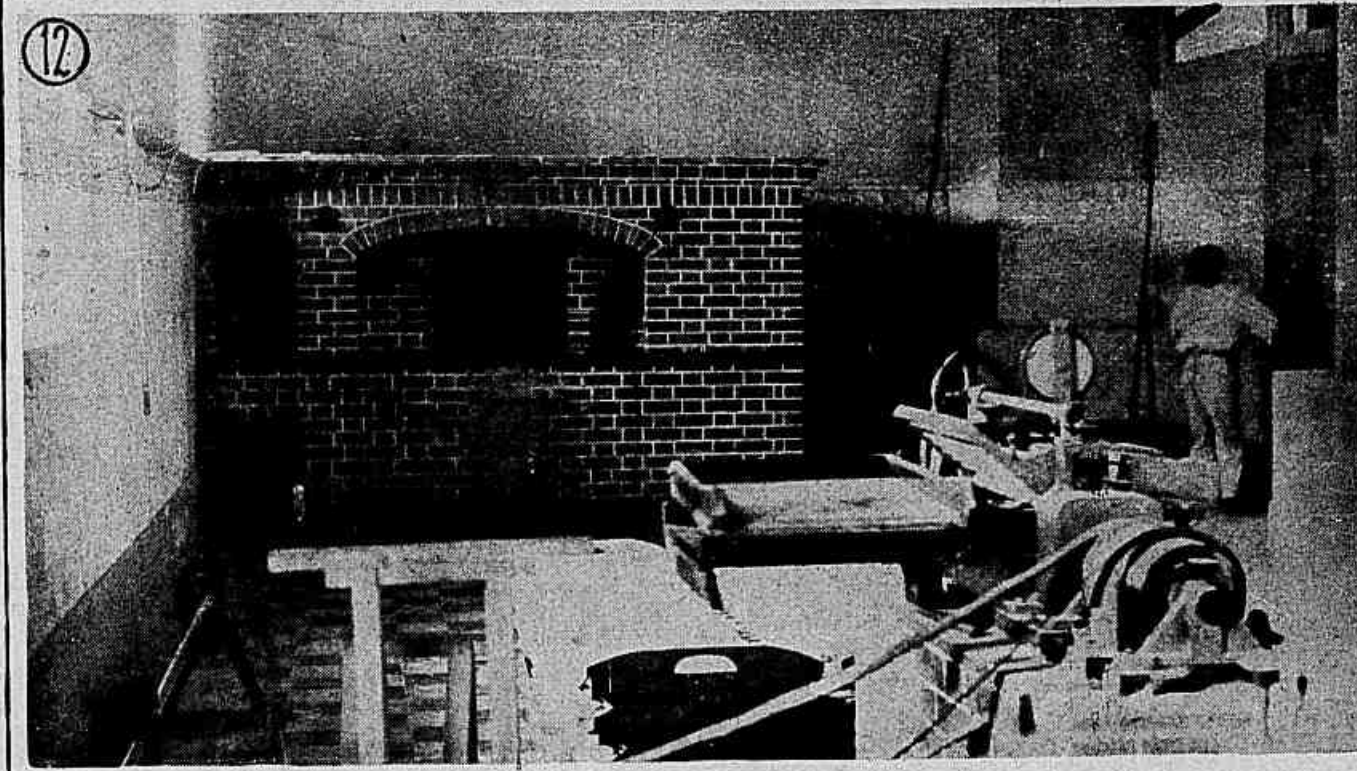
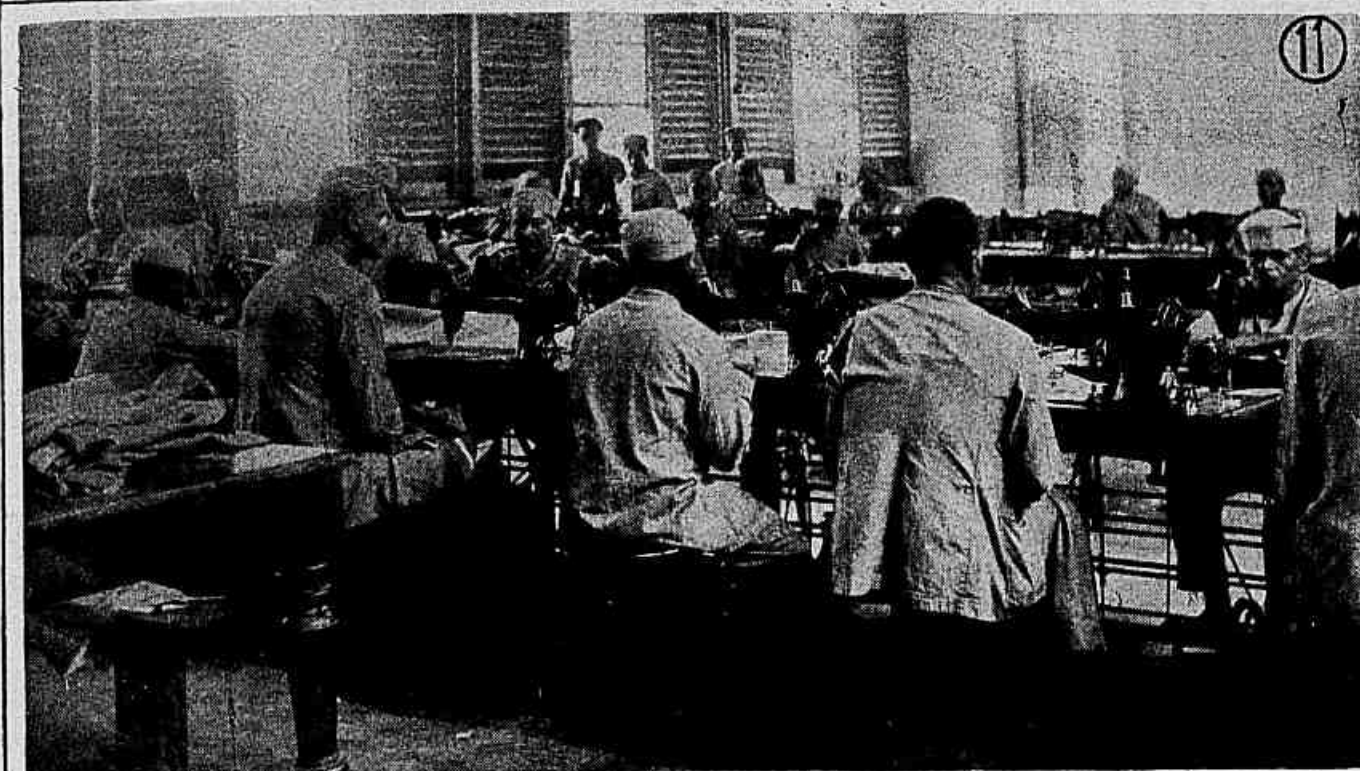
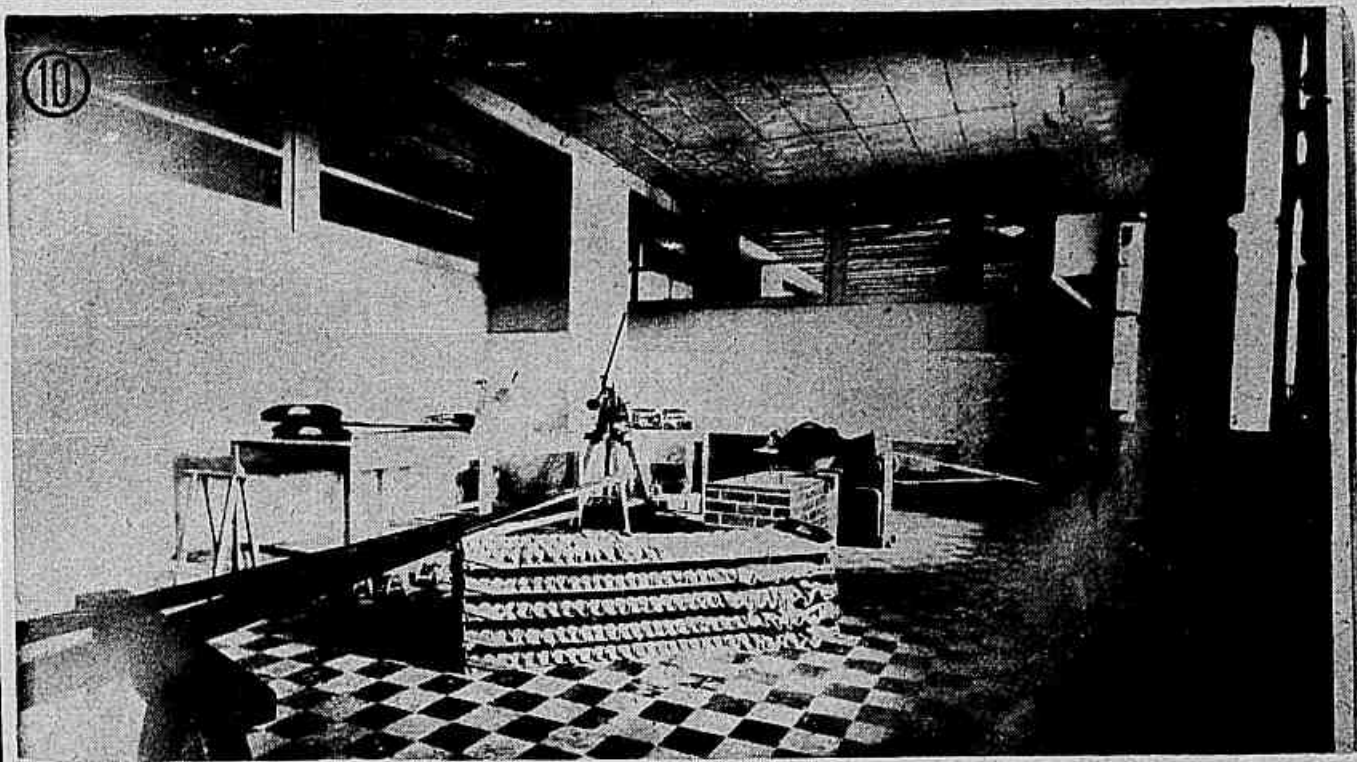
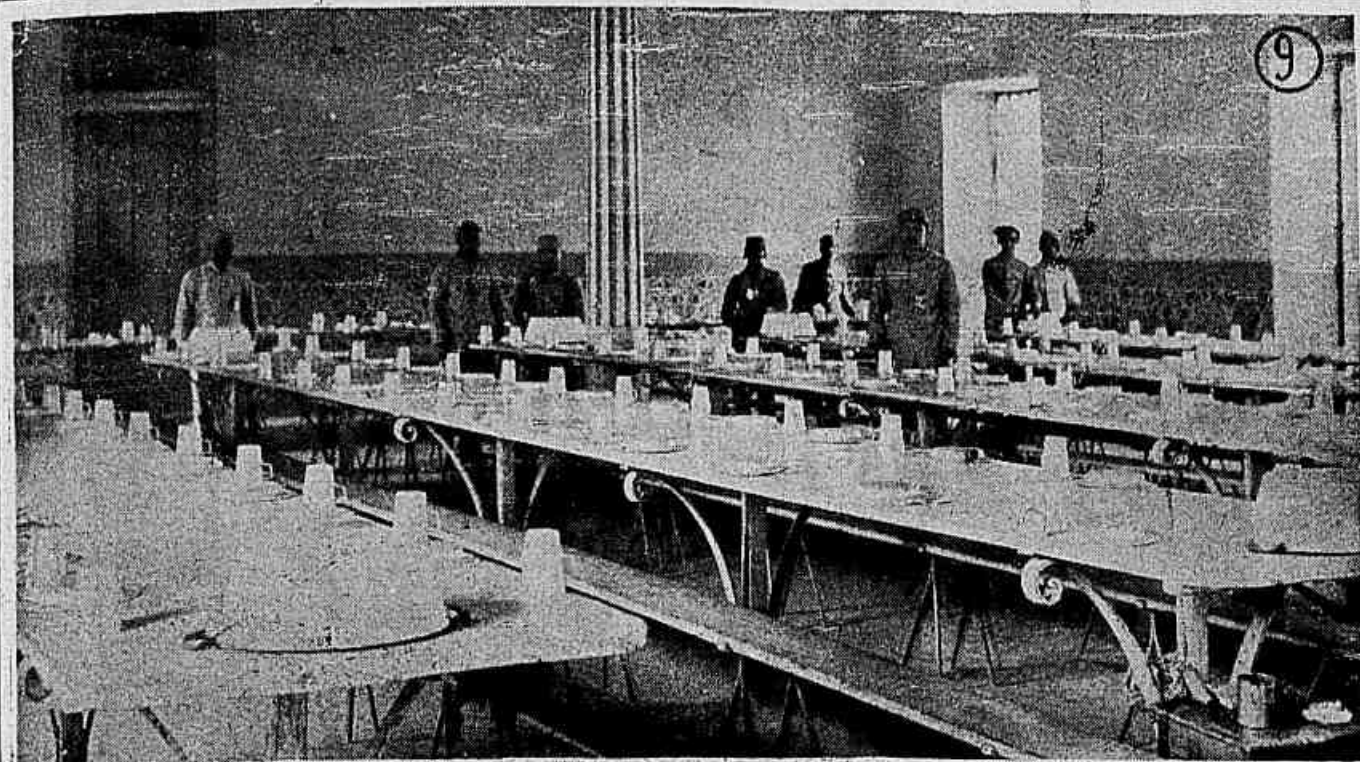
11

12

13

15

16

17

7 — Trecho da Avenida Oceanica na capital do Estado, que liga o arrabalde da Barra ao do Rio Vermelho, numa extensão de cinco kilometros, toda trac-macadamisada pelo governo actual. 8 — Rua Nova da Barra, aberta e toda construida em oito mezes. 9 — Penitenciaria do Estado: uma vista de parte do refeitorio. 10 — Idem, vista da padaria, após o trabalho diario. 11 — Idem, officinas de alfaiataria em trabalho. 12 — Outro aspecto da padaria da Penitenciaria. 13 — Idem, officinas de sapataria em trabalho. 14 — Idem, almoxarifado. 15 — Idem, officinas de sapataria em trabalho. 16 — Idem, officinas de carpintaria. 17 — Idem, officinas de alfaiate.

CAPUCHINHOS

por ESCRAGNOLLE DORIA

O RIO DE JANEIRO, ora tão descarioquizado, tinha outr'ora figuras bem suas, hoje mais em descôr local n'uma cidade cosmopolita, cheia de progresso em montanha russa, sacolejando os habitantes como n'aquella oscillam os seus frequentadores.

Entre aquellas figuras, desde o albor historico de Guanabara, estão os frades de quatro ordens — a dos benedictinos, a dos carmelitas a dos franciscanos e a dos capuchinhos — das quaes só a terceira não teve morro onde ficasse mafinal igreja e claustro.

Os benedictinos puzeram pé no Rio de Janeiro em 1589; os franciscanos, tendo dado um dos seus freires para celebrante da primeira missa no Brasil, comnosco cariocas ficaram cento e seis annos depois d'ella; os carmelitas chegaram em 1590, e finalmente os capuchinhos nos appareceram no anno do Senhor de 1650.

Taes datas mostram ha quanto tempo benedictinos, franciscanos, carmelitas e capuchinhos são pessôas do Rio de Janeiro, que a tantos franqueia hospedagem convidando-os a entrar, pela bocca da sua barra, para tornar pobretões ricaços, ás vezes sabe Deus e ignora a barra por que processos.

Os capuchinhos são mais conhecidos pelos cariocas natos ou naturalizados desde o seu estabelecimento no morro do Castello, em 1842. Mas desde 1650, com frei João Baptista da Bretanha — accrescido para os capuchinhos o nome da provincia ou da cidade natal ao nome da religião — estiveram Brasil a dentro os frades menores de S. Francisco, em numero sabido de setenta e nove, de 1650 a 1842, do nosso periodo colonico ao nosso vigor imperial. De muitos capuchinhos vindos ao Brasil não ha vestigio nominal como aconteceu, por exemplo, com os companheiros de frei João Baptista da Bretanha. Ficaram assim mais proximos da humildade de S. Francisco, porque na sombra do mundo. Deus distingue os seus n'este universo de tontos.

Entrando por selvas, catechisando indios, fundando cidades, como S. Fidelis, pelo progresso das aldeias, acudindo-nos nas guerras, das quaes summa a do Paraguay, guardando os restos de Estacio de Sá, os capuchinhos teem trazido o habito de S. Francisco de Assis a muitos momentos da nossa historia e da nossa tradição.

N'ellas ficaram em memoria numerosos capuchinhos, entre outros: frei José Maria delle Marche, apresentado para bispo de Goyaz e fallecido antes de solio e baculo; frei Caetano di Messina que, de crucifixo em punho, acalmou os animos da revolução praieira; frei Eugenio Maria da Genova, a erguer em Uberaba uma Santa Casa e deixar-lhe um cemiterio, recebendo *post mortem* da cidade mineira uma rua com o seu nome franciscano; frei Germano de Annecy, o saboiano francez tão inclinado ás sciencias; frei Luiz di Piazza, popular no Rio de Janeiro; frei Fidelis d'Avola n'elle popularissimo, proposto para bispo de Assumpção após a guerra do Paraguay e sepultado com honras militares pelo governo da Republica.

Assim, coração da historia do Brasil a dentro, quantas lembranças capuchinhas no rememorar de successos, no desfiar de ephemerides!

Acontecimentos brasileiros são constantemente registrados nas paginas de *Il Massaia*, boletim romano das missões estrangeiras dos frades menores de S. Francisco, ha pouco tão dolorosamente feridos nas affeições pela perda do superior frei Eugenio de Commisso. Foi o celebrante da derradeira missa dita na igreja de S. Sebastião do Castello, no "adeus solemne" tão bem expresso por frei Jacintho da Palazzolo, esse que em plena mocidade confessa "la pace e le dolcezze della cella monastica", não alheia aos labores do mundo, a cujas miserias póde acudir.

Il Massaia, o boletim capuchinho, mostra a constancia e a extensão das missões dos discipulos de S. Francisco, alumno de Deus. Não se limitam ao Brasil; o habito marrão, cingido por corda branca, surge onde menos se espera, na Eritréa africana, na Bulgaria balkanica, na Agra indiana, no Itambacury de nossa Minas, em Santa Thereza do nosso Espirito Santo.

No Rio de Janeiro o capuchinho conta dous seculos e setenta e sete annos de existencia: não se lhe póde portanto recusar direito de cidade. Em a nossa, por muito tempo, deu nome a uma de ruas mais antigas d'ella, a dos Barbonos, trocado este nome depois pelo de Evaristo da Veiga ainda conservado apezar das atabalhoadas reformas na nomenclatura municipal dos logradouros publicos, alguns verdadeiros logros.

Com effeito uma ordem régia de 1739 determinou ao governador Conde de Bobadella a construcção de um hospicio para os padres barbadinhos ou barbonos «um pequeno e humilde hospicio — recommendava a corôa — com sua capellinha, mas sem forma de convento, que na pobreza da fabrica corresponda á humildade e pobreza com que tanto edificarão os ditos padres".

A capuchinha Santa Veronica Giuliani, no seu tumulo em Mercatello.

No caminho para o Desterro, desde o quintal do capitão João Antunes até á ultima columna do dito caminho, Gomes Freire tomou, por avaliação em tempos de absolutismo, tres casas terreas no sólo de um pedaço do morro baldio e sobre elle construiu o hospicio para os Barbonos, conforme lhe recommendara o rei através Atlantico.

Na horta dos capuchinhos foram plantados os dous primeiros pés de café trazidos pelo desembargador Castello Branco, chanceller da Relação, das regiões paraenses, em 1771. Convem relembrar o facto n'este anno, quando S. Paulo entende magnificar um centenario do café.

No hospicio capuchinho teve supultura outro desembargador, collega de Castello Branco, o dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva, o poeta do *Hyssope*, vindo do reino na alçada incumbida do julgamento da Inconfidencia Mineira, conjura na qual figuraram varios collegas do juiz, no direito e na poesia.

Mas não só a mortos deu abrigo o solo do hospicio capuchinho. D'elle sahiram as bagas dos cafeeiros confiadas por João Hopman á terra da sua chacara no Estacio de Sá, então Mataporcos, com optimo resultado seguindo conselhos do vice-rei, o marquez do Lavradio.

De Castello Branco, do vice-rei, de João Hopman, dos capuchinhos, entretanto, quem se lembra ao saborear a sua chicara de café vindo das cafelunas de todo o paiz, bem preparado ou aguado *secundum artem* pela ganancia dos donos de botequim menos escrupulosos, seguindo o exemplo dos leiteiros, os eternos baptisadores sem pia.

São no Rio de Janeiro os capuchinhos os depositarios do culto do padroeiro da cidade, S. Sebastião, e o povo carioca assim os considera, fiel ao seu orago do destruido morro do Castello, sobretudo em occasião de epidemia, como se observou na pandemia grippal de 1918, cujo obituario veridico não foi de certo o confessado. A senhora mentira gosta muito do senhor homem para formarem casal.

Depositarios do culto ao padroeiro da cidade, os capuchinhos veneram e procuram fazer venerar os santos da sua ordem.

Este anno celebram o segundo centenario da morte de uma santa capuchinha, Santa Veronica Giuliani, fallecida a 9 de Julho de 1727.

No ducado de Urbino, em Mercatello cujos muros banha o Metauro, o rio historico de margens tintas pelo sangue de Asdrubal, o irmão de Annibal, Ursula Giuliani nasceu a 27 de Dezembro de 1660, ajuntando-se na familia ao grupo moço de sete irmãs do mesmo sangue.

Desde a mais verde idade annunciava Ursula Giuliani ter vindo á terra para exaltar o céo. Lendo com frequencia a vida de Santa Rosa de Lima quiz, logo, imitar os exemplos da santa peruana, principiando pela pratica da esmola já comparada a emprestimo feito a Deus.

Em 1668, o pae, Francisco Giuliani, obteve em Piacenza um cargo tão honroso quão lucrativo. N'elle julgou fazer apparecer as filhas, mas Ursula não concordou com os desejos de mostras de fortuna, revelando-se inclinada á vida claustral, da sua doçura a seus rigores.

Paes, familia, amigos se oppuzeram ao intento, ora com meiguice, ora com fereza, cercando a recalcitrante de homenagens ou ameaças. Appellava o pae, em desespero de causa, para o coração da filha. Na luta entre o affecto e as aspirações havia logar para as lagrimas d'ella.

Mandaram Ursula á terra natal de Mercatello, para o lar de velho tio, onde a assediaram de novo propostas de casamento. A tudo resistiu Ursula até lhe abrirem, em Outubro de 1677, as portas do convento das Capuchinhas na cidade de Castello.

O noviciado de Ursula, já Veronica pelo esquecer de seculo imposto nas communidades, foi aspero por varias causas. Professa, Veronica não descansa, activa nos misteres rudes, na cozinha, na lavanderia, na enfermaria, na padaria, nem sempre a coberto das antipathias e invejas suscitadas por qualquer merecimento em qualquer parte. E' da regra humana e ai das excepções!

Compensavam-na graças celestes abundantes e uma das que mais podem favorecer a creatura humana é a paz da bôa consciencia, vasia sempre a audiencia das auto-accusações.

Recebendo como S. Francisco de Assis a impressão das Chagas de Christo, viveu vida cada vez mais de sacrificio, sempre descalça, dormindo duas ou tres horas por noite, ciliciando-se, jejuando.

Eleita mestra de noviças, em 1688, Veronica Giuliani o foi até á morte, procurando inculcar ás aprendizes da fé tres cousas principaes: o amor de Deus, o horror pelo peccado, a caridade para com o proximo. Abbadessa em 1716, sempre porem mestra de noviças, por ordem superior, regeu a communidade até 9 de Julho de 1727, quando expirou aos sessenta e sete annos de sua idade, virginal do alçar do primeiro dia ao bater do ultimo.

Ficou a repousar-lhe o corpo no humilde cemiterio das capuchinhas de Mercatello; encarregou-se a memoria do povo de fallar em favor de suas obras.

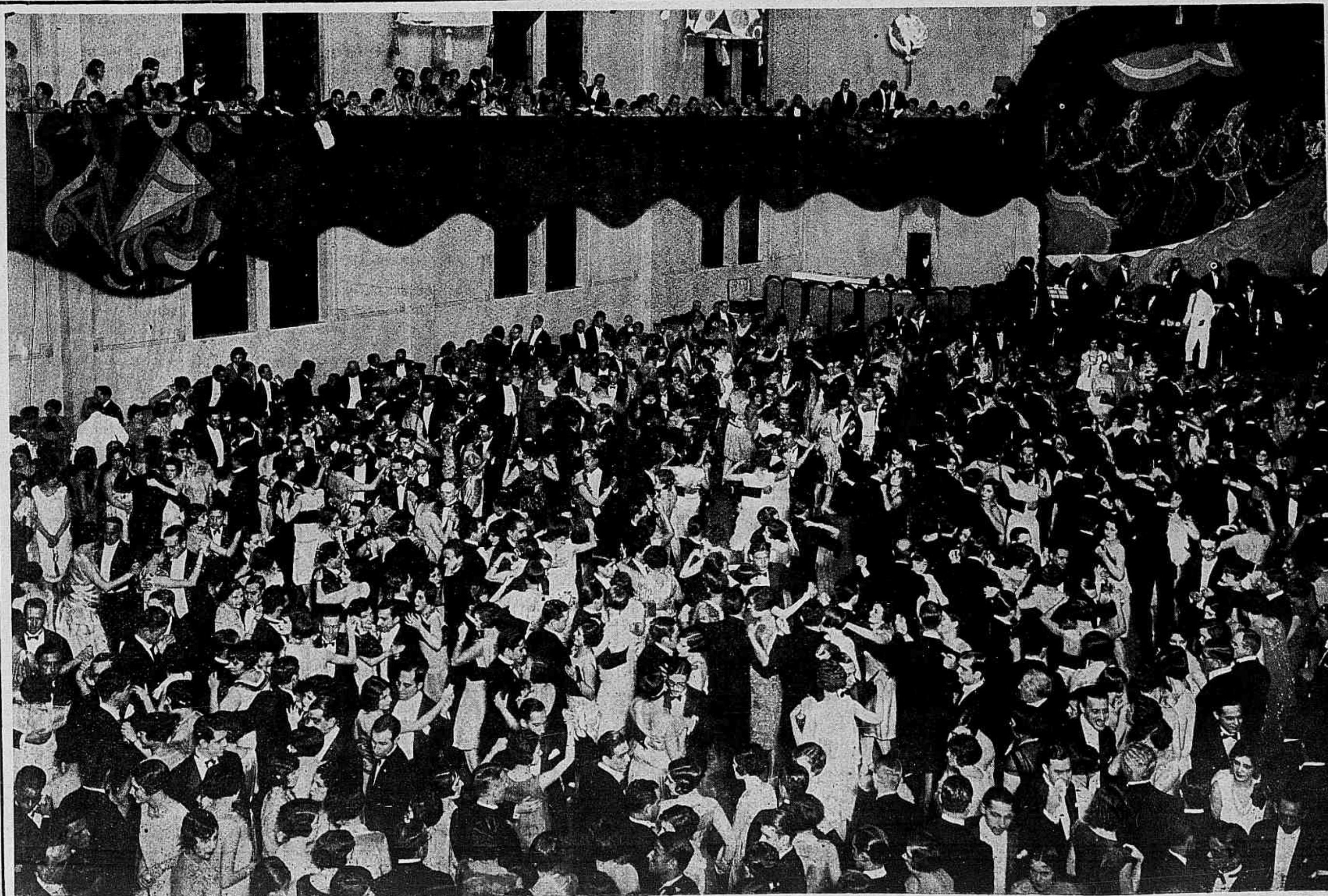
Foi cuvida, e o processo da beatificação da capuchinha, objecto dos maiores favores celestes, começou. Em 1802, Veronica Giuliani era declarada beata e em 1839 a autoridade de Gregorio XVI promulgava, com as solemnidades do estylo, a canonização da freira cuja casa natal se transformou, conforme augurio d'ella, em mosteiro de capuchinhas.

Demora este até hoje em Mercatello, conservados intacto o quarto onde nasceu a santa e a peça estreita onde costumava rezar, penitenciar-se, reflectir, erguer altar e presepio.

Os restos mortaes d'ella são guardados como preciosidade e alvo de assiduas visitas. Junto dos ouvidos surdos de morte de S. Veronica quantas preces se murmuram, quantas dôres veem á tona n'um simples mover de labios, ás vezes a prender soluços! Os corações afflictos se abrem com a santa e ella, na urna funeraria, através do vidro d'esse confissionario de nova especie, parece no eterno sorriso de morta trazer-lhes sempre absolvição.

A antiga igreja dos frades capuchinhos no morro do Castello.

O 25.º ANNIVERSARIO DO FLUMINENSE F.C.

O Fluminense Football Club commemorou o 25.º anniversario da sua fundação realizando, no salão do seu Gymnasio, um baile que transcorreu brilhantemente. Damos nesta pagina tres grupos tirados durante o baile e, encerrando-a, um lindo aspecto do salão durante as dansas.

Pagina de Eva

A festa da Pro-Matre

Correramos a casa.

No descampado daquella rua Sigma, hoje Avenida Venezuela, entre o uniforme alinhamento dos armazens e depositos alfandegarios do caes do Porto, o enorme edificio, antiga repartição publica, occupa o espaço de um vasto quarteirão.

Tratava-se da inauguração official da associação e o pequenino grupo destacado para escolher o local da capella onde se deveria celebrar a missa campal inicial, na falta absoluta de cadeiras e bancos, descançava do *«tour du propriétaire»* accommodado nos degraus da escadinha da entrada.

Não havia melhor assento.

A casa absolutamente vasia, com a nudez silenciosa de suas quinze grandes salas, não offerecia outro consolo á nossa fadiga.

Commentava-se a dadiva do governo, fazia-se a repartição dos aposentos e se lhes combinava as futuras distribuições.

— Para encher tudo isso ha de ser preciso tempo assim mesmo! — observou uma das presentes a quem aquella successão de salas desmesuradas, onde faltava até a mais simples installação electrica, decididamente impressionára.

— E trabalho... — accrescentou Stella Guerra-Duval com o seu bello sorriso de decisão e de confiança, — mas ha de se arranjar...

A phrase não cahiu no vacuo. Cinco dias mais tarde, a meio incubada e esporadica até então, rebentava a grippe com a virulencia inesperada dos grandes flagellos.

No curto espaço de tempo que medeia entre um sabbado e uma segunda-feira, Pró-Matre, improvisando-se hospital de prompto soccorro, abria as suas portas á pobreza dizimada, prestando durante a quadra sinistra da epidemia os mais relevantes serviços. Como nascera um bello dia, á feição de uma creação de conto de fadas, amainada a grippe o hospital desappareceu.

Pró Matre, entretanto, subsistiu.

Dando razão ás palavras tão galhardamente confiantes de Stella Guerra-Duval, tudo com effeito se arranjou.

Em poucos mezes passou de ideia a plano e de plano a realidade. Graças á proficiencia de seu fundador e á energia, ao incansavel devotamento, á deligencia de suas dirigentes, num insignificante lapso de tempo logrou fundar-se, apparecer, vingar, impor-se.

Foi com estas palavras que num artigo publicado em 1918, no defunto Jornal do Commercio da tarde, eu saudava ha nove annos passados o nascimento da Pró-Matre. Creio ter sido a primeira, na imprensa, a occupar-me com a sua obra de extraordinaria benemerencia e a implorar em favor della não só o auxilio material como o interesse moral da sociedade. Nesse curto praso de existencia, os benefcios da Pró-Matre foram incalculaveis. A população carioca habituou-se a consideral-a o prototypo das suas maternidades, e a sympathia de todos lhe acompanha carinhosamente a benemerita acção de assistencia á mulher desvalida e á creança desamparada.

Bastava isto, aliás, para impol-a definitivamente ao respeito de todos e arraigal-a profundamente no coração da cidade. Pró-Matre todavia soffre do mal da época: a escassez de recursos.

Pela propria natureza de seus serviços e pelo extraordinario encarecimento do material medico e dos generos de primeira necessidade, as rendas de que dispõe mal lhe bastam para, sustentando a casa e mantendo repletas as enfermarias, ter as contas em dia.

E' para melhorar a constante premencia das suas condições financeiras que, todos os annos, se leva a effeito a festa da Pró-Matre, a festa que nos está agora batendo á porta.

A muitos espiritos mofinos se afigura absurdamente illogico auxiliar a gente a miseria e o soffrimento alheios com o producto do divertimento daquelles que o destino melhor aquinhoou. As festas de caridade são, no emtanto, o engodo necessario e brilhante, o condimento imprescindivel, o dourado da pillula por assim dizer, sem o qual não teria efficiencia e realização este altruistico verbo *dar*, que a dureza dos tempos tão arduo nos vai tornando.

Asseveram que Deus costuma escrever direito por linhas tortas. Ora se é dado ao Omnipotente esta fantasia de dilettante, porque reprovar em nós, os agrilhoados da realidade, para quem a fantasia é o bem supremo, o fantasiarmos de alegria e mascararmos de divertimento a miseria, que nos estende a mão humilhada e vasia. A caridade, como tudo mais, deve ter sua elegancia, e as festas da Pró Matre adquiriram uma reputação de elegancia que a deste anno por certo não desmentirá. Além deste cunho alliciador de grande chic, ha ainda, para attrahir a concorrencia exagerada que se almeja, a associação em si.

De todas as obras sociaes, Pró Matre é a mais meritoria. Não ha Brasileira que não lhe devesse pertencer ao gremio auxiliador. Todas aquellas para quem a maternidade nada mais foi do que uma recrudescencia de carinho e um novo motivo para cuidados e mimos, todas as ditosas que, no conforto de um lar alvoroçado e amigo, esperaram, com o coração a desfallecer de susto e de ternura, o ente pequenino que lhes ia finalmente dar á existencia a verdadeira e profunda razão de ser, é impossivel que se não commovam deante do abandono de suas irmãs em soffrimento physico e em desejo de agasalho. Ser mãe na pobreza e na vergonha, ser mãe na revolta desesperada de o ser, ser mãe num fremir de impotencia e de remorso, a mente em febre, aberta a todas as deleterias suggestões do suicidio ou do assassinato, as unicas "délivrances" ambicionadas e confortadoras, é a maior, a mais pungente, a mais dilacerante das desgraças!...

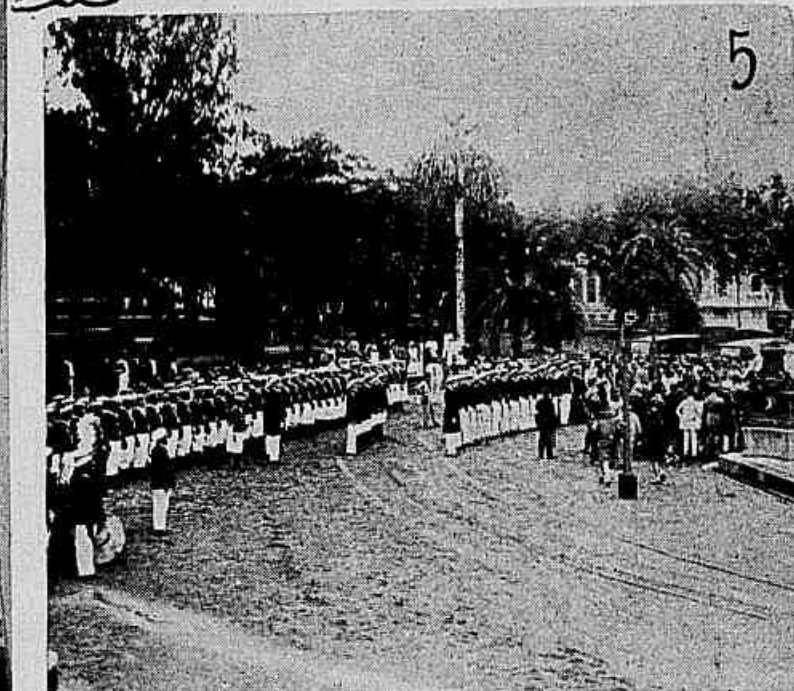
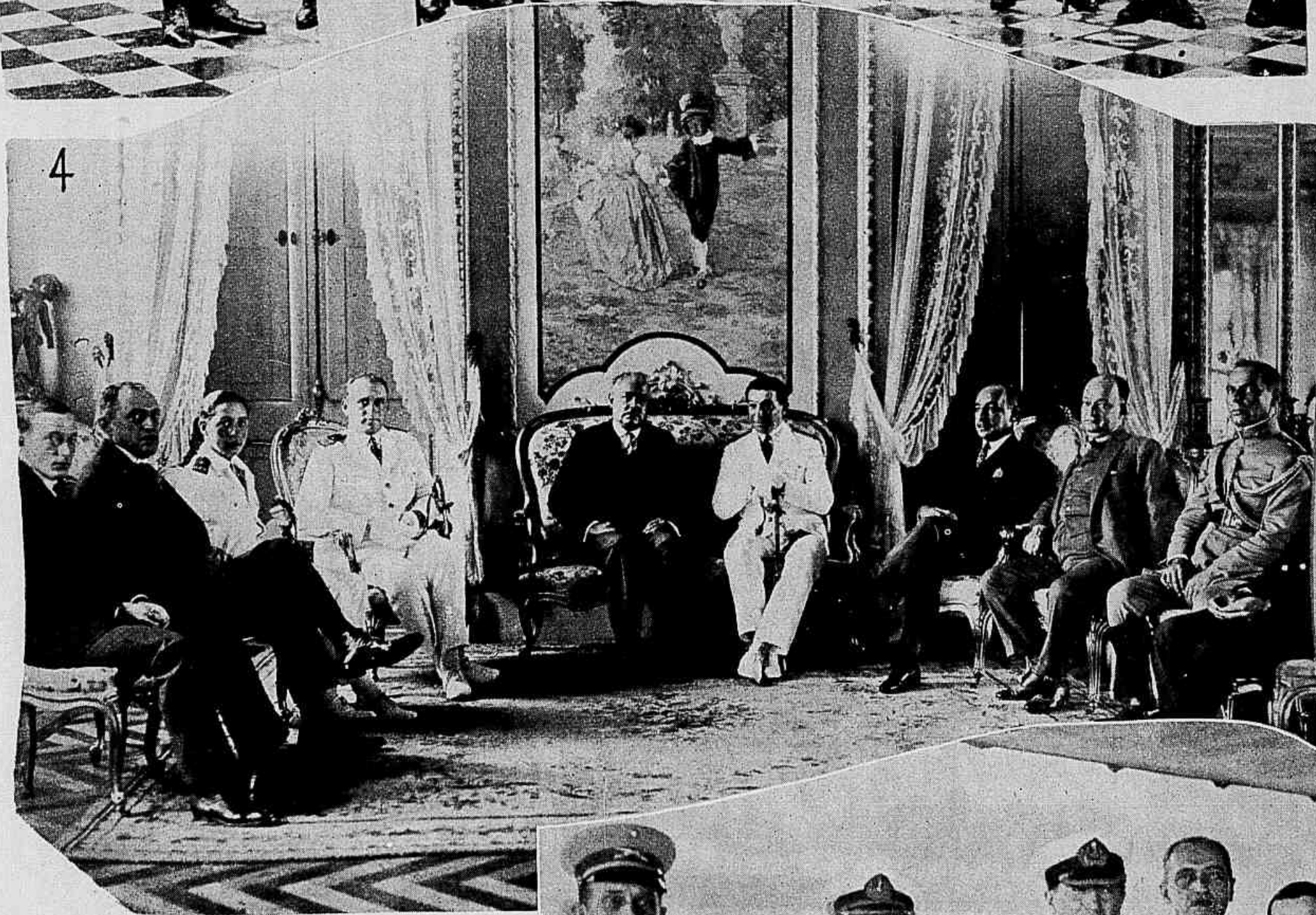
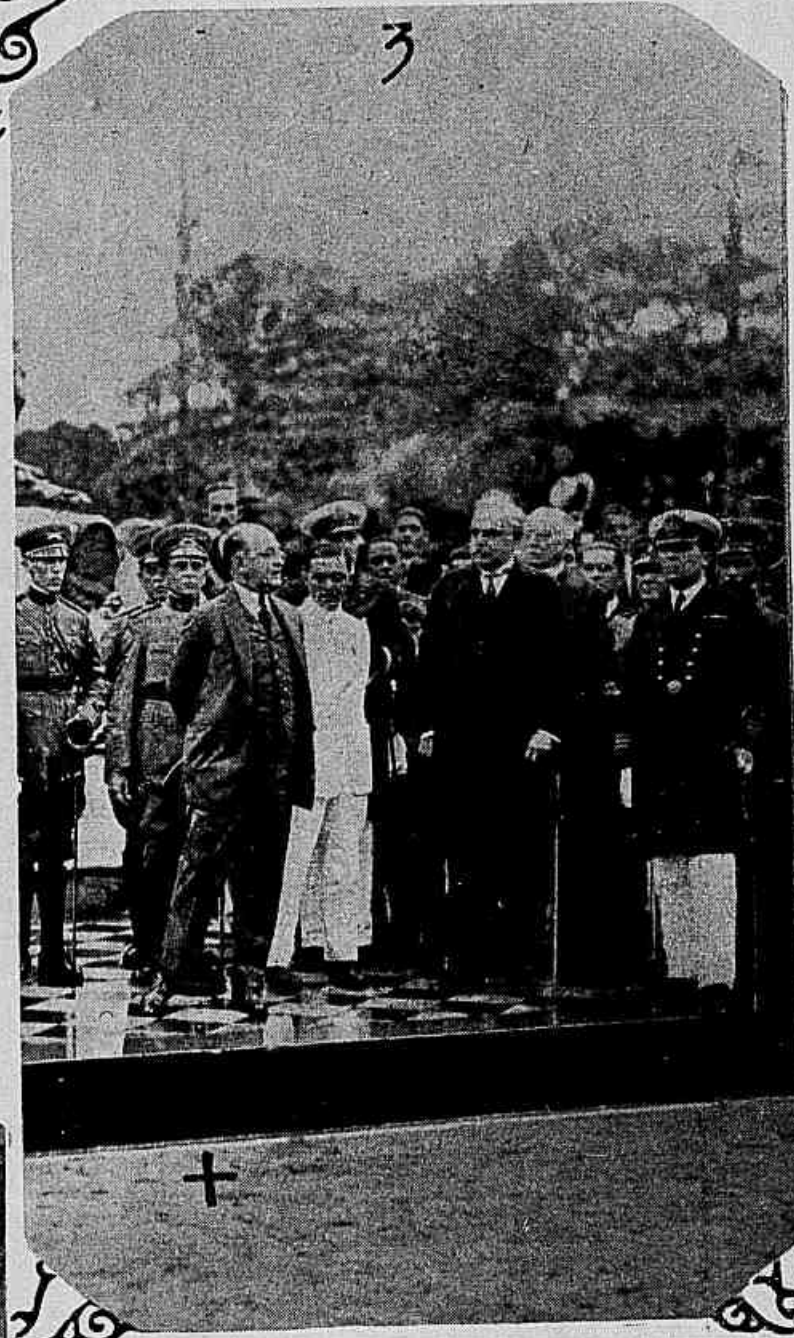
Pró Matre ahi está para minorar o mais possivel essa desgraça, para arrancar a maternidade desvalida ao seu lugubre cortejo de miseria e de desabrigo. Não ha ninguem, portanto, que não queira dar á Pro Matre o auxilio do seu óbolo. Não será uma esmola, será o cumprimento quasi de um dever, o dever que se cumpre não pelo amor de Deus talvez mas por amor aos homens que ainda é a melhor, a mais nobre feição do amor de Deus.

Maria Eugenia Celso.

O Dia da Belgica

O baile promovido por «L'Amicale des Anciens Combattants Belges au Brésil» e realizado nos salões do Club de Regatas Guanabara em commemoração da Festa Nacional da Belgica.

Da grande concorrencia que teve a linda reunião damos aqui tres grupos colhidos pela nossa objectiva nos intervallos das dansas.

A corveta "Baquedano" na Bahia

1 — A corveta chilena «General Baquedano» no porto da Bahia. 2 — No pedestal do monumento ao 2 de Julho. O immediato da «Baquedano» discursando. 3 — O dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia, tendo á esquerda o dr. Góes Calmon, governador do Estado, discursando no parque Duque de Caxias, junto do monumento commemorativo do 2 de Julho. 4 — No Palacio da Acclamação. O commandante da «Baquedano», capitão de fragata Merino Benitez, ao lado do sr. Góes Calmon, governador do Estado. Ladeando-os: á esquerda, o consul do Chile, sr. Alberto Catharino, e o dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia, e á direita dous officiaes chilenos, o dr. Ruiz Gamboa, superintendente das Docas, e dr. Mario Barbosa, official de gabinete. 5 — Formatura dos guardas-marinhas e guarnição da corveta «Baquedano» no parque Duque de Caxias, em homenagem aos herées da independencia da Bahia. 6 — A bordo da «Baquedano». Vêem-se o commandante, o immediato, o consul do Chile, o representante do governador e outras altas autoridades.

O CUMPLICE

POR JOÃO LUSO

NINGUEM devia fallar nelle sem um respeito commovido. A natureza dos seus serviços merece a gratidão universal. Não me refiro tanto ao papel que elle representa nas operações do commercio, nas encommendas e entregas da industria, nos mil problemas de politica, de sciencia e de arte que a sua celeridade e a sua fidelidade resolvem através das cidades, das nações e dos continentes... Quero fallar sobretudo da sua missão sentimental. Porque é principalmente neste terreno que elle se engrandece, e eleva, e atinge a sublimidade.

Não ha melhor amigo. Está sempre ao nosso dispôr, com a mesma docilidade, a mesma tendencia para obedecer sem discutir o nosso proposito, sem jamais levantar qualquer obstaculo ou objecção ao cumprimento da nossa vontade. A sua affeição é permanente e inamovivel. Não se assemelha nem de longe á daquelles classicos e sempre citados amigos que, nas boas circumstancias da nossa vida, se acercam e nos escoltam, admirativos, enternecidos, sempre a sorrir para nós e, mal principiam ou se annunciam as temporadas adversas, tão subtilmente se escapolem e para tão longe se retiram, que não ha meio — pelo menos até á proxima reviravolta da sorte — de lhe pôrmos a vista em cima. Não, este não se aproxima nem se afasta. Está sempre no mesmo logar. A qualquer hora que delle precisemos, alli o encontramos, firme, paciente, inarredavel do seu posto de dedicação. Não tem necessidades nem fantasias; não precisa de se mover nem de fallar; e, além de nos servir como o mais precioso dos escravos, de nos soccorrer como uma providencia queda, muda, passiva — não faz absolutamente nada.

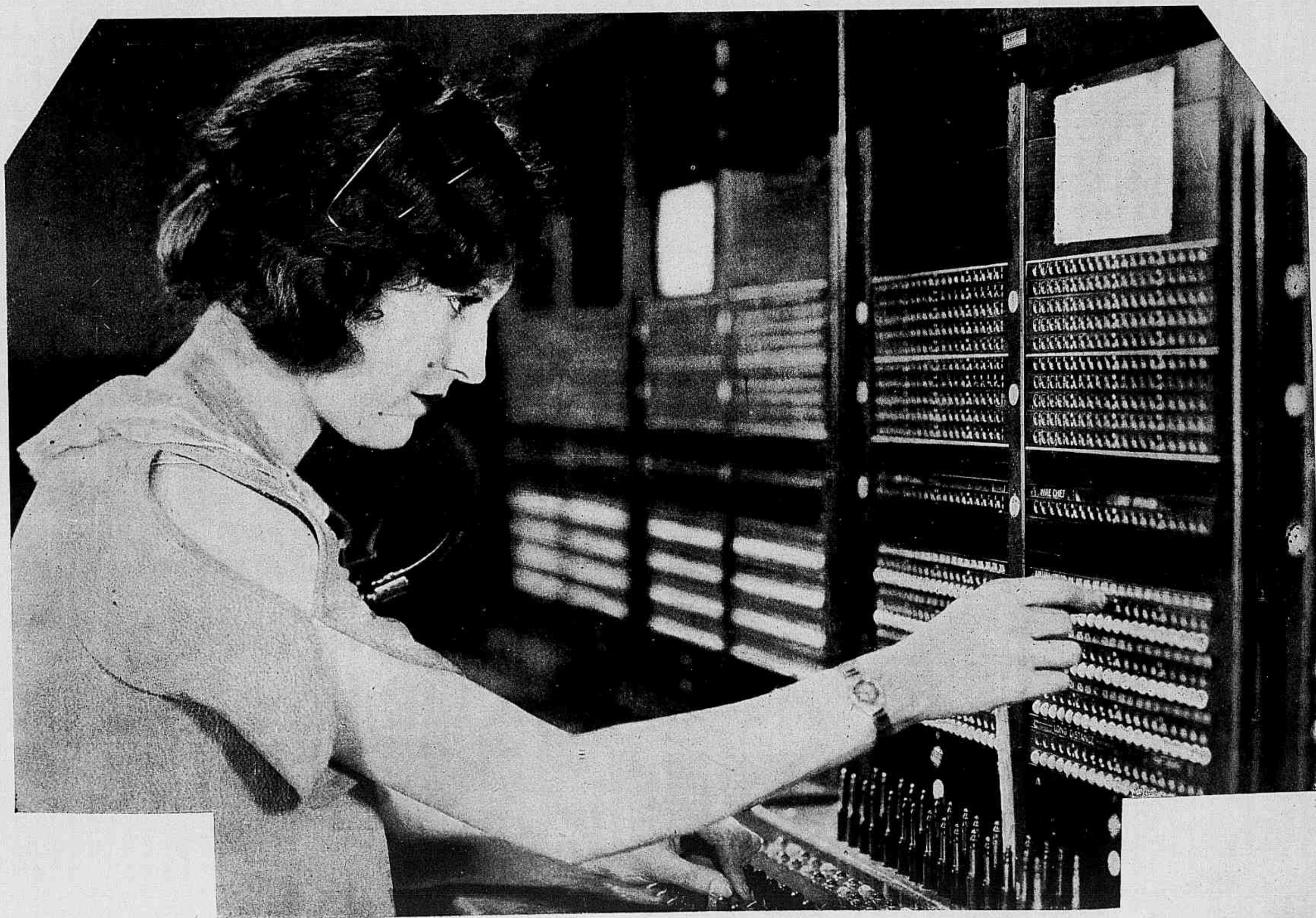
Mantem-se á nossa disposição como um verdadeiro instrumento, sem jamais se lembrar de agir sozinho, ainda mesmo em nosso beneficio — por saber, sem duvida, que dessas dedicações espontaneas e sem consulta prévia nos resultam, as mais das vezes, maleficios. Elle espera que reclamemos a sua intervenção, para nol-a conceder — e então rasgada, completa, incondicionalmente. Não exige, não pede, não aconselha, não suggere coisa alguma. Por isso a sua colaboração se torna de valor e efficacia incomparaveis. E' um mensageiro como nem a poder de dinheiro, nem de honrarias, nem de reciprocas utilidades poderiamos encontrar outro. Transmitte os nossos recados sem lhes alterar uma palavra, uma letra — e, por mais curto ou desataviado que seja o conto que lhe confiemos, nunca cede á tentação de o alongar ou adornar, acrescentando-lhe um ponto. Como o simples vidro deixa passar a luz, elle nos deixa passar o pensamento. A sua solicitude reproduz maravilhosamente as nossas emoções, como se fosse elle que vibrasse, e se agitasse, e se transformasse — mas unicamente por nós, para nós, e condemnando-se, mal o deixemos, a uma perfeita insensibilidade. Assim elle faz preguntas ou dá respostas da mais desinteressante formalidade; rebusca e aprimora as phrases amaveis; sublinha e aprofunda as segundas intenções; murmura as supplicas, accentuando-lhes a gravidade e a vehemencia, fazendo-as subir do fundo da alma e, se necessario, dando-lhes a sonoridade molhada, meio afogada, da voz que atravessa a eterna e sempre decantada caudal de lagrimas; canta o hymno de victoria, ao cabo da lucta que se venceu, ou de graças pelos favores que se alcançaram; esbraveja e grita as nossas coleras, gargalha as nossas alegrias, suspira as nossos maguas, geme os nossos desesperos... E, de repente, deixamol-o e parece uma coisa morta.

Do que por nós gosou ou padeceu, não guarda a vibração mais tenue, o mais diluido vestigio. Tem esta virtude suprema e unica: esquece o que dissemos. Se outros lhe exigirem que repita as nossas palavras, não proferirá uma syllaba; se procurarem nelle uma prova, um rasto do que passou, nada apresentará, nada terá

que offerecer; e podem infligir-lhe as peores torturas, podem abril-o de meio a meio, que lhe não arrancarão resquicio ou atomo do nosso segredo. Por isso, além de confidente, o podemos, com inteira segurança, tomar para cumplice. Para as nossas alegres partidas como para os nossos crimes mais hediondos, tel-o-hemos sempre submisso, sempre expedito como as nossas mãos, as nossas pernas e tudo o que integralmente nos pertença. Não precisamos nunca de o mandar duas vezes nem ha perigo de elle entender mal a nossa ordem. A sua obediencia é illimitada como infinita é a variedade dos seus prestimos. Foi elle que substituiu — e com que evidentes e enormes vantagens! — a carta anonyma. Este infame papelucho cada vez se tornava mais comprometedor. A graphologia desvendara-lhe todos os mysterios. Até dactilographada, os peritos tinham meio de descobrir a pessoa de quem procedia; e composta com letras de jornal, assim mesmo apresentava dedadas, nodoas, sombras manifestamente reveladoras. Além disso, a crapulosa epistola traçava a affirmação, mas não a sustentava, muito menos, se necessario, a provava. A' menor objecção do espirito do leitor, a sua eloquencia se detinha e annullava. Este outro vehiculo, se a sua simples asseveração não basta, insiste, argumenta e indica todos os meios de prova. Não larga a victima sem a convencer. E quando a victima, voltando porventura ao estado de duvida, queira ainda discutir, allegar a ultima possibilidade dum engano ou duma calumnia — é tarde. Como formula a delação, assim elle suggere e impõe a delinquencia. Elle proprio, sem auxilio ou connivencia de especie alguma, executa o crime. E não reclama esportula nem ameaça com a traição... Na verdade é o cumplice ideal.

Ha quem se queixe delle, atribuindo-lhe preguiças, rebeldias, perversidades... A eterna injustiça dos homens! Mas, se alguma vez de facto elle chega a insubordinar-se ou a encravilhar-nos, não procede senão em legitima desforra das injustiças que lhe infligimos. Por mil culpas que lhe não cabem, o invectivamos e atormentamos. Se os destinatarios da nossa mensagem demoram em lhe prestar attenção ou lhe fazem ouvidos de mercador, é contra elle que voltamos a nossa impaciencia, a nossa irritação, a nossa furia destruidora. Descompomol-o, damos-lhe safanões, cobrimol-o de murros; e ha quem o tenha, a martello, escavacado. Deante dessas iniquidades, que ha de elle fazer? Finge que se engana de endereço; simula a desattenção ou a surdez, faz com que terceiros perigosamente escutem as nossas confabulações — mas isso em justissimas, naturalissimas represalias, para nos obrigar a tratal-o com mais consideração, para nos demonstrar o erro que praticamos, injuriando-o ou flagellando-o — para nos "ensinar" emfim. Nem elle poderia deixar de medir a sua vingança pelo seu soffrimento, porque tem dignidade, caracter, coração como nós. Deve ter até uma sensibilidade mais vibrante, mais fremente que a nossa, pois que, sob a epiderme, lhe não corre simplesmente sangue, mas electricidade. E em summa, por mais que materialmente possa ser de madeira, moralmente, minhas senhoras e meus senhores, um telefone não é de pau!

João Luso.

Auxiliae a grande obra de piedade e de patriotismo

Ao alto: frei Mathias Teves, fazendo na Escola Polytechnica a sua brilhante conferencia sobre o convento de S. Francisco, na Bahia, cuja restauração se impõe como uma obra de piedade e de patriotismo. Preside á sessão o sr. ministro Octavio Mangabeira, que tem á direita o sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha, e á esquerda os srs. deputados Simões Filho e Manoel Villaboim. Vêem-se, a seguir, os srs. Afranio Peixoto, que apresentou o conferencista e de cujo discurso de apresentação damos, abaixo, longos trechos; Carlos D. Fernandes, João Mangabeira e José Marianno. Ao lado: aspecto da assistencia.

O convento de S. Francisco, na Bahia, essa obra de seculos que é a maior obra-prima da nossa architectura religiosa, monumento integralmente brasileiro pela concepção, pela realização e pela materia prima, ameaça esboroar-se!

Acudir-lhe, reconstruindo-o com a maior urgencia, é obra de piedade e de patriotismo! Para tanto, começa a correr o paiz um appello vibrante, appello que nos vem da Bahia, e que, felizmente, echôa sympathicamente em todos os meios, desde as espheras administrativas ao coração popular.

Frei Mathias Teves, que vive no convento de São Francisco, veiu ao Rio, com a missão de angariar donativos para a obra pia e patriotica da restauração do monumento bahiano, e falou para um auditorio selecto descrevendo, em soberba prosa illuminada por projecções, a obra-prima da nossa architectura religiosa.

Apresentou o orador o eminente intellectual bahiano professor Afranio Peixoto, que concluiu o seu formoso discurso, alludindo ás obras do passado, com os seguintes periodos:

"Nós tivemos esse passado e esse patrimonio. Os nossos maiores trouxeram a Patria até aqui. As primeiras igrejas da Bahia eram de cantaria de Lisbôa, e as de Minas douradas e esculpidas como a Sé da Metropole. Os damascos, os gorgurões, arrastavam-se no Tijuco ou em Olinda como no Paço da Ribeira. As fazendas da provincia do Rio eram solares, "palacios de principe", disse Ribeyrolles, dos de Vassouras. O Aleijadinho em São João d'El-Rey e Ouro Preto ou Manoel Ignacio da Costa na Bahia honrariam as artes da Metropole. Os nossos azulejos seriam gloria de Delft, como a nossa prata lavrada orgulharia hoje o Porto. Faziam-se rendas no jacarandá das commodas e mesas, e pinturas gravadas no couro dos espaldares. A cathedral da Bahia, ou Santo Antonio no Rio, correspondiam ao genio de Vieira ou de Monte Alverne..

"Tudo isto passou, se esqueceu, desmedrou, ás vezes fugiu... Outros se locupletaram com esse patrimonio — esquecido, malbaratado, até desviado para leigos e estrangeiros.

"No que ficou, quando acordamos, agora, o tempo vai fazendo a sua obra... Uma destas riquezas, das maiores senão a maior, no seu genero, como o Rio não possue semelhante, nem Olinda, nem São Paulo, talvez apenas se aproxime Ouro Preto, a igreja de São Francisco, um thesouro de piedade e de arte, de ouro e de esculptura, ameaça ruina, tendo entrado em decadencia.

"Para vos dizer o que isso é, bastará um depoimento recente, de sabio e artista estrangeiro.

"O sr. Paulo Hazard, do Collegio de França, enamorado de nossa terra, do Rio a Ouro Preto, de São Paulo a Bello Horizonte, e celebrando o Brasil neste numero da "Revue des Deux Mondes", hoje mesmo chegado, diz, passando pela Bahia, como um voto do seu coração: "Viver na Bahia; flanar pelos quarteirões da cidade baixa; demorar longamente na igreja dos Franciscanos; errar em companhia de um habito de monge por esse claustro decorado de azulejos, que são como reflexos do céo; encher os olhos do pitoresco da cidade alta e das côres das casas, a um tempo vivas e ternas; pouco a pouco viver da vida da terra, participar de seu progresso, de seus esforços, esquecer mesmo o officio até as obrigações, a propria raça... Infelizmente não, o navio me espera, é preciso partir. Restam apenas saudades"...

"Pois bem, essa maravilha em que os artistas coloniaes puzeram o genio da terra e os reflexos do céo, esse degrão para o ideal entra em decadencia, ameaça ruina.

"Cumpre salval-o. Para esse movimento de alma pia e patriotico interesse, aqui estamos. Para vos tocar a convicção aqui está um sabio e digno religioso franciscano, um brasileiro e um bahiano adoptivo que vos falará de seu mosteiro, de sua igreja, de nossa terra, com ternura e enthusiasmo".

Frei Mathias Teves produziu uma empolgante conferencia sobre o Convento de São Francisco, salientando o dever imperioso que têm os bons patriotas de impedir que desappareça essa obra-prima de architectura, essa joia inestimavel do passado. Emprestando á grande obra de piedade e de patriotismo todo o seu apoio, a REVISTA DA SEMANA, transcreve aqui alguns trechos da Conferencia de Frei Mathias:

"Preciosidade inestimavel de tradição religiosa, patria e artistica, ainda está ostentando o seu esplendor refulgente, mas que, grandemente damnificado na inclemencia dos tempos, requer, urgentemente, se lembrem os filhos das grandezas dos seus paes, reclama restauração completa e exige, imperiosamente, da dedicação e nobreza dos brasileiros não consintam eclipsar-se o seu esplendor, não se quedem impassiveis assistindo ao espectaculo doloroso offerecido pelas suas chagas, suas falhas, sua lenta agonia minado que está de quantas enfermidades. "*La grande pitié des églises de France*", este livro, um grito de angustia pela sorte das igrejas da França, desapropriadas, devassadas, transformadas algumas até em tabernas, salvou o patrimonio artistico do paiz de Clovis e de S. Luiz.

A grande piedade que aos corações brasileiros inspira o estado em que se acha o mais bello monumento de architectura religiosa salvará a igreja de S. Francisco na Bahia.

O Brasil, terra nova e de poucas tradições historicas ainda, com tanto maior carinho deve guardar o que de tradicional possue, porque nos feitos do passado se inspira a acção do presente, e nos monumentos deixados á posteridade, em linguagem eloquente através dos seculos, ainda nos fala o espirito dos antepassados.

Poucos embora, são de valor tanto mais consideravel os nossos monumentos historicos, entre os quaes avulta — expressão suprema do sentir e aspirar brasileiros — o Convento de S. Francisco, na Bahia, com sua monumental igreja".

Falando da sympathia que o seu appello vem despertando, Frei Mathias concluiu a sua conferencia assim:

"Já vol-o posso dizer, o meu appello tem achado éco altisonante nos corações brasileiros. A idéa tem sido recebida com enthusiasmo por todos a quem tive opportunidade de dirigir-me. Em audiencia particular, o exmo. sr. Presidente da Republica, o eminente patriota e fino estheta, admirador dos thesouros do patrimonio artistico da Nação, o dr. Washington Luis, apoiou a idéa e prometteu a sua valiosa protecção á obra da restauração. Ministros, senadores, deputados, scientistas, homens do alto commercio, todos se têm mostrado vivamente interessados na idéa. O jornalismo do Rio de Janeiro accorreu, pressuroso, para conferir-lhe o seu valioso auxilio. A REVISTA DA SEMANA espontaneamente se offereceu a abrir, no seu numero vindouro, uma subscripção em favor das obras de restauração do templo monumental, abrindo-a ella mesma com a quantia de cinco contos de réis. E, assim por diante, muito me tem captivado a gentileza de grande numero de amigos, que neste grande Rio me têm preparado o caminho para fazer triumphar a idéa. A todos os meus agradecimentos, em nome de São Francisco e tambem, tratando-se de obra nacional, em nome da Patria".

Salvemos a maior reliquia nacional!

1 2 3 4 5 6 7 8

A REVISTA DA SEMANA, emprestando todo o seu apoio á grande obra de piedade e de patriotismo que é a conservação e restauração do convento de São Francisco na Bahia, lança das suas paginas um appello a todos os brasileiros em geral, e aos bahianos em particular, concitando-os a concorrer com o seu óbolo para a restauração da maior obra prima da nossa architectura religiosa.

Circulando grandemente pelo Brasil inteiro, chegando ás mais reconditas paragens, está a REVISTA DA SEMANA apparelhada a diffundir por todo o paiz o inadiavel do momento, a necessidade do auxilio á grande obra que, visando um monumento localisado na Bahia, visa uma reliquia nacional de altissimo valor intrinseco e historico, para cuja conservação se reclama o concurso de todos os Brasileiros.

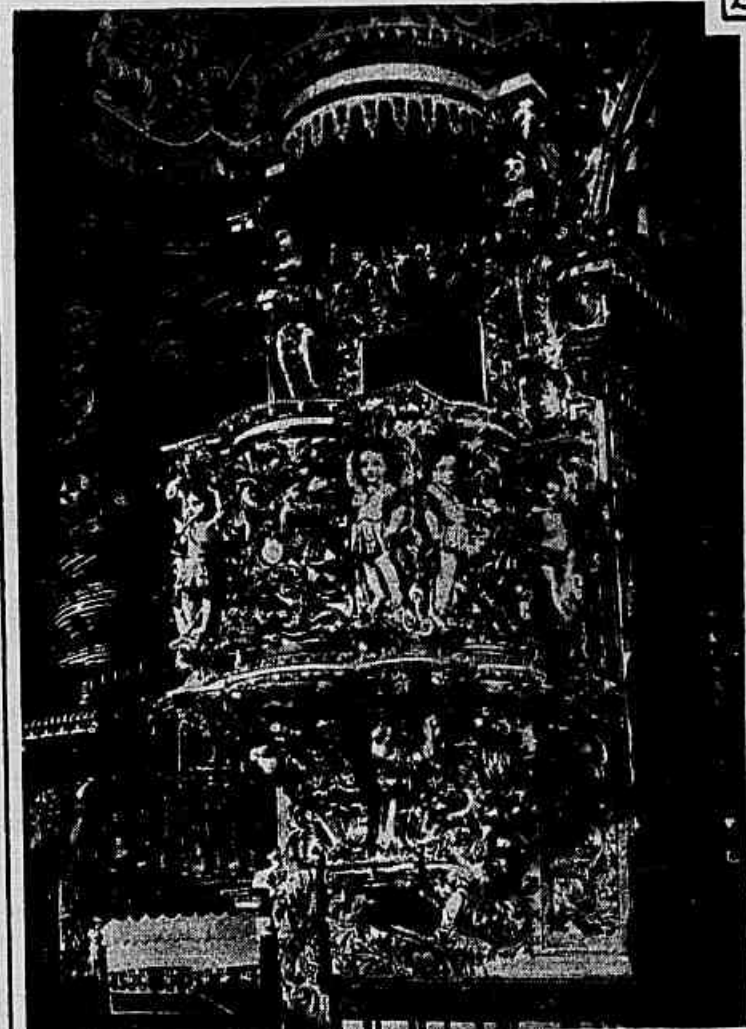
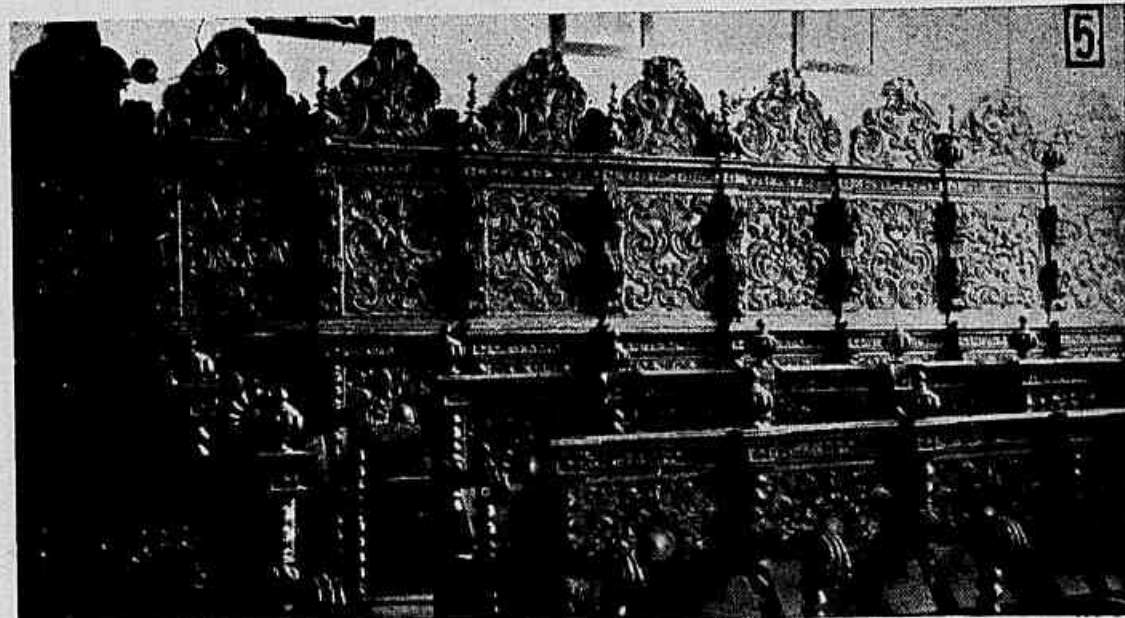
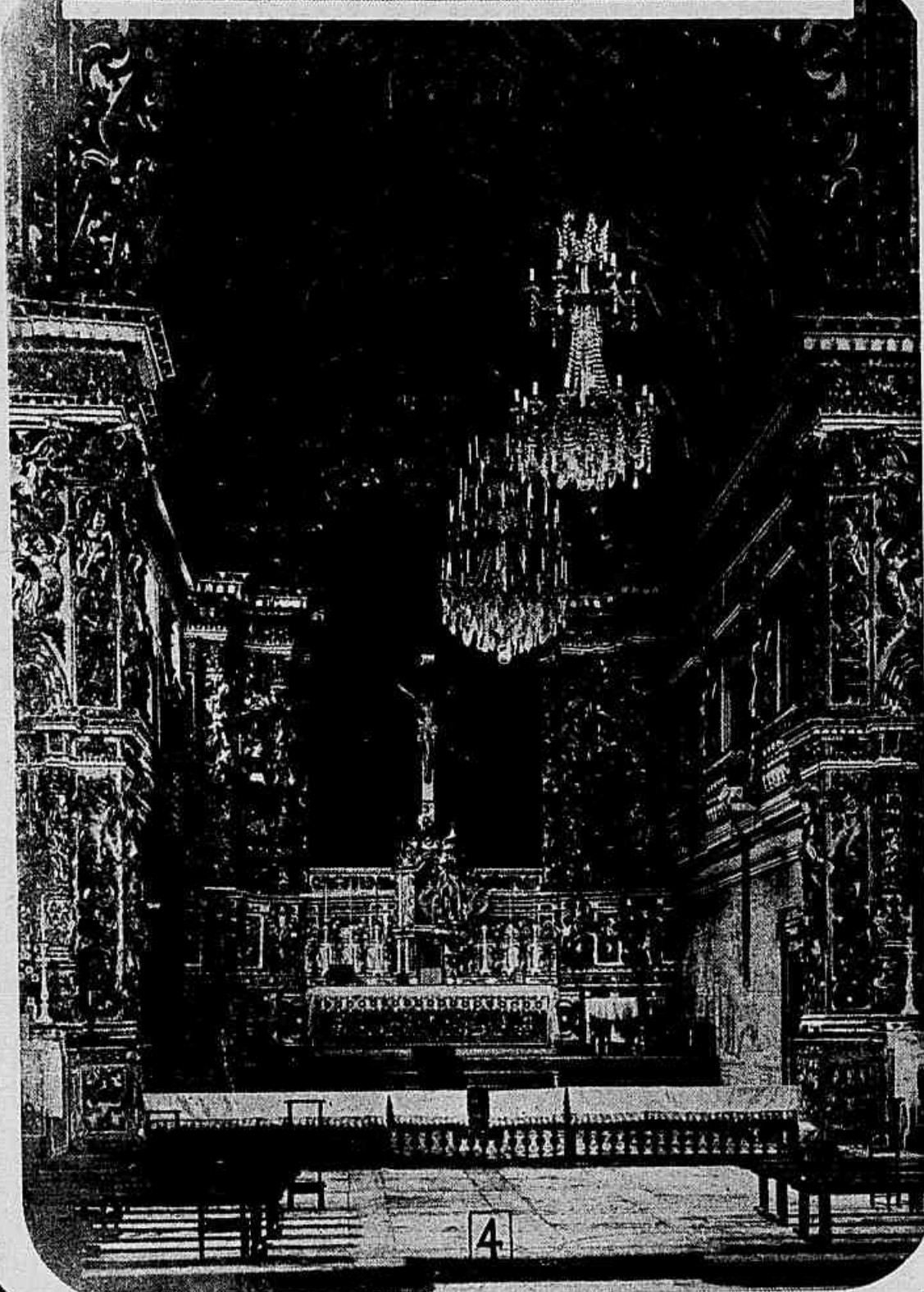
A REVISTA DA SEMANA abre uma subscripção em favor do convento de S. Francisco e concorre para a mesma com a quantia de cinco contos de réis (5:000$).

Associando-se á campanha em favor da restauração do Convento ameaçado, a "Revista "aguarda, com prazer, todas as dadivas dos brasileiros, que lhe poderão ser entregues pessoalmente ou enviadas em vale postal, de qualquer localidade do Brasil, e registrará, agradecida, as importancias que lhe forem remettidas consignando os nomes de todos aquelles que quizerem concorrer para a grande obra de piedade e de patriotismo.

***

Ornam esta pagina aspectos do convento de S. Francisco, capazes, a despeito da sua pequenez, de dizerem da grandeza dessa reliquia nacional.

Obra maravilhosa do estylo *barroco*, é uma obra toda nacional, planejada e executada, em quasi todos os detalhes, na Bahia, No logar em que, em 1587, havia sido fundado o Convento primitivo foi, em 1686, lançada a primeira pedra do actual. Em 1708 foi lançada a primeira pedra para a Igreja, que se inaugurou em 1713. Concluiu-se a obra em 1723, ficando completo o ornato interior em 1750.

Toda a Igreja, com os seus onze altares, é revestida de obra de talha ricamente dourada, que mal deixa perceber pequena faixa de parede que não esteja coberta das mais ricas esculpturas.

A nave central, ladeada de duas naves mais baixas, que se abrem em quatro arcadas, cada uma constituindo tres lindas capellas, é espaçosa e alta; a que cruza a nave transversal ostenta, nas extremidades, os dois altares mais notaveis pelo sumptuoso da arte: o do Sagrrado Coração de Jesus e o da Senhora Sant'Anna e Nossa Senhora dos Anjos.

A capella-mór apresenta indescriptivel riqueza.

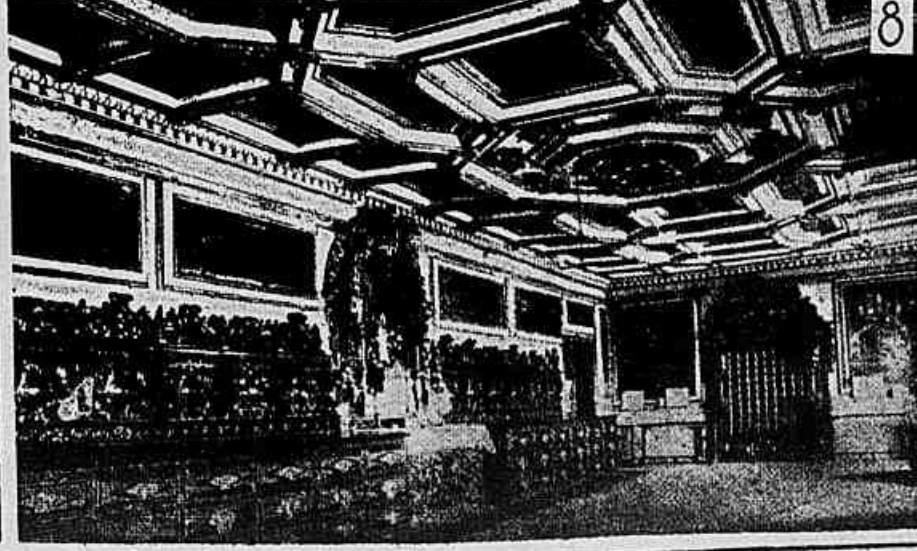
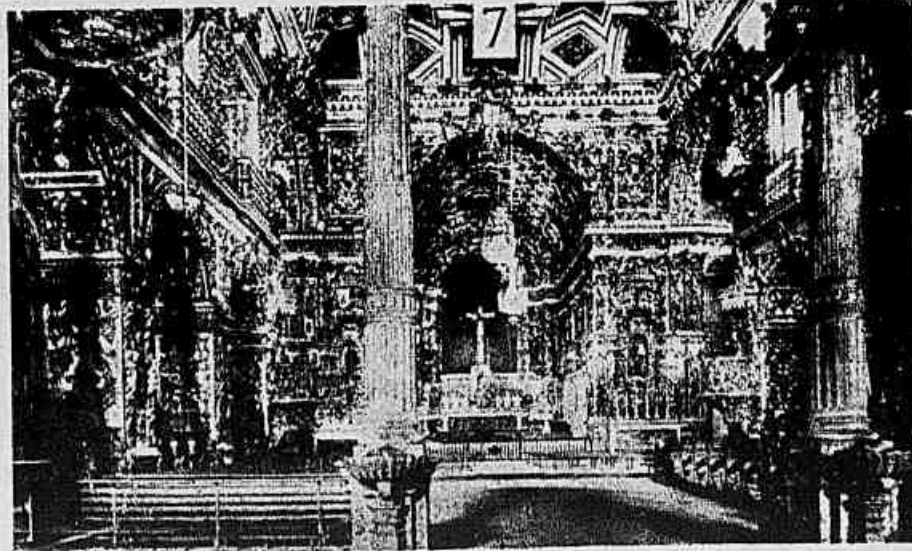
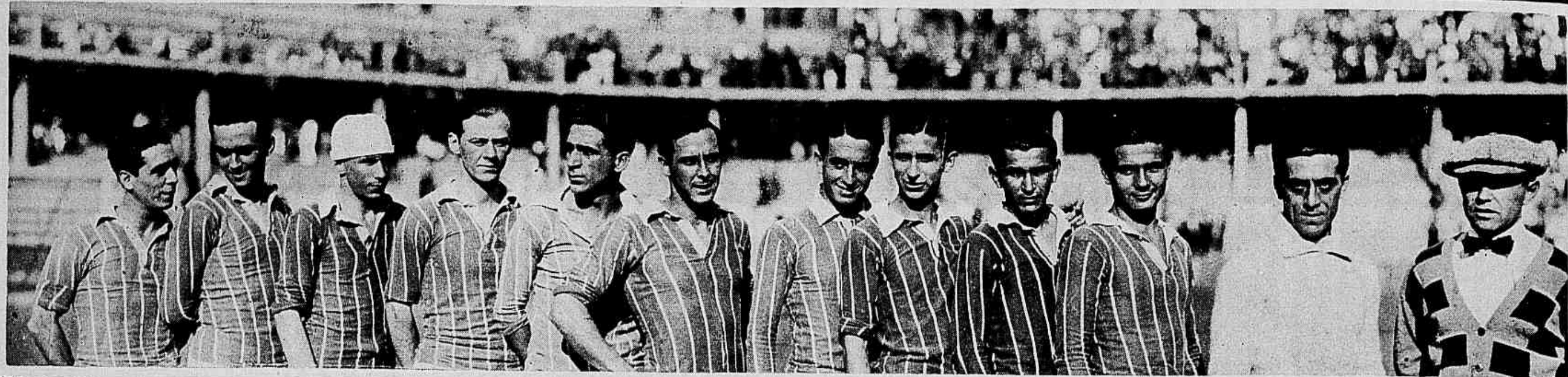
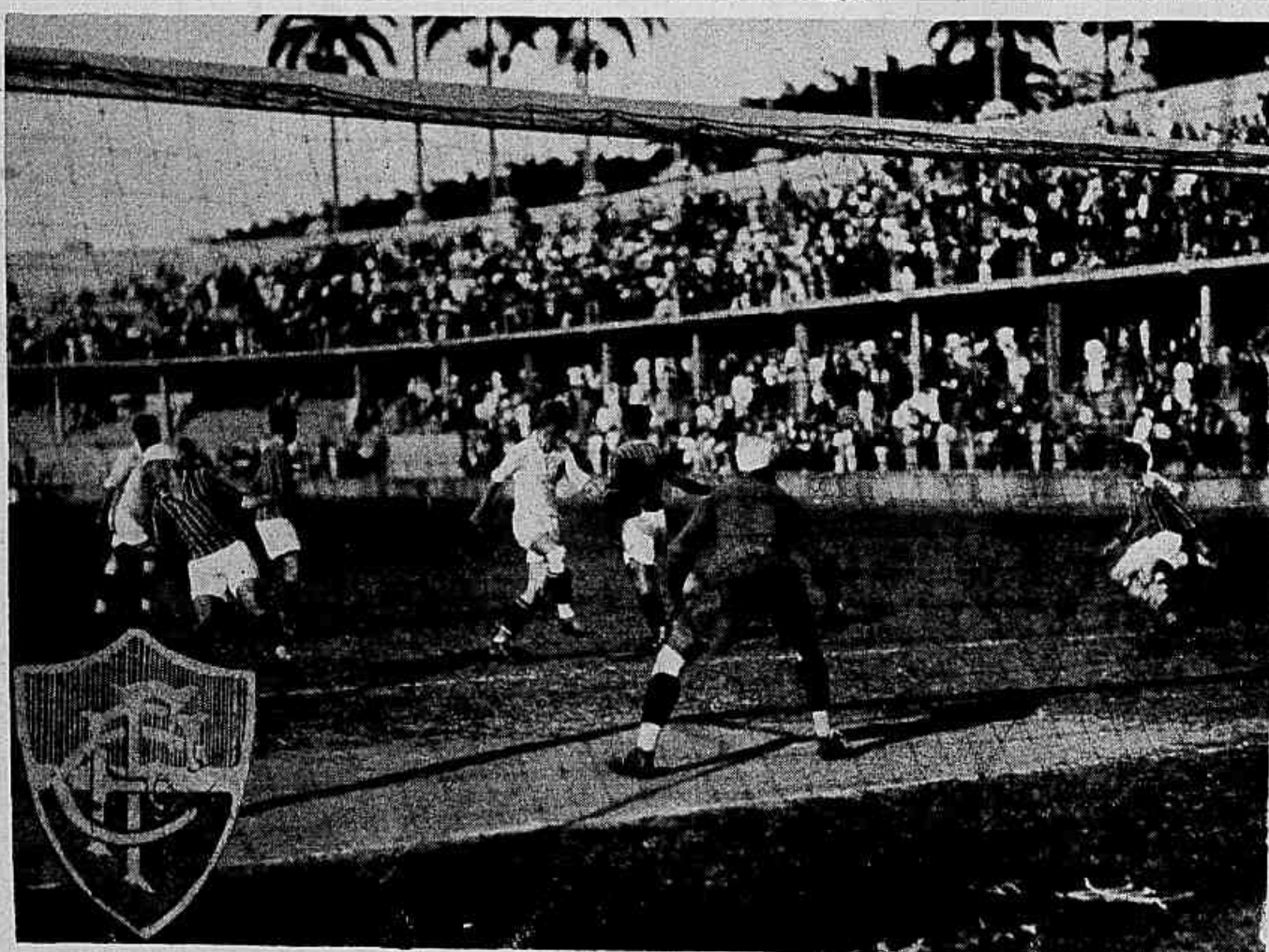
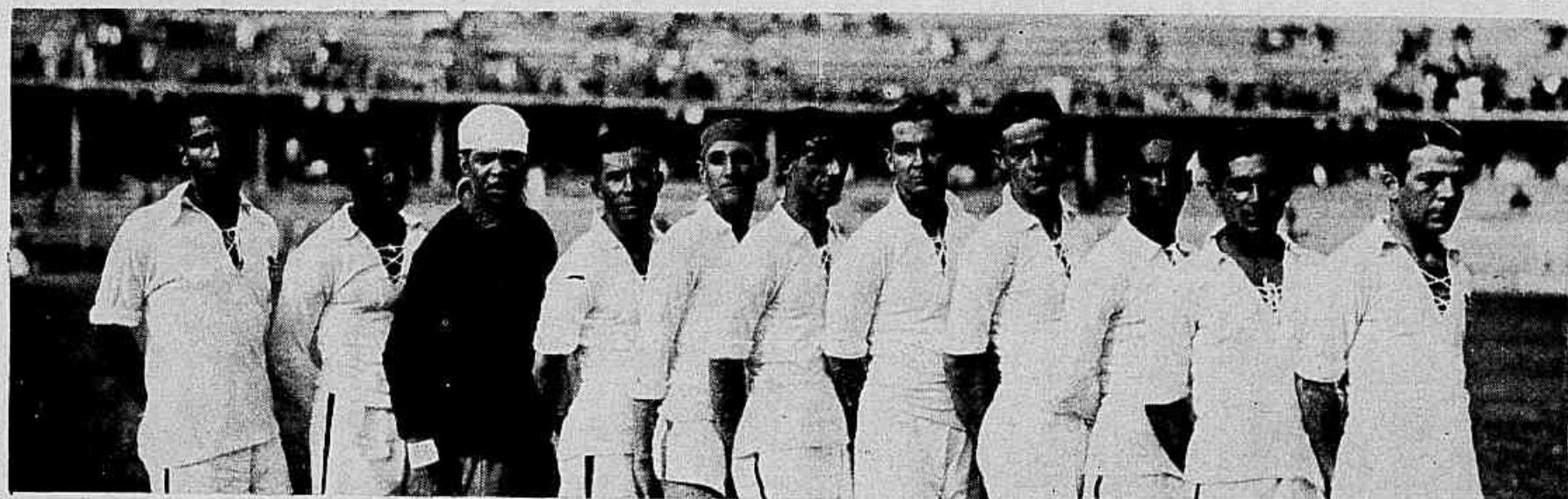
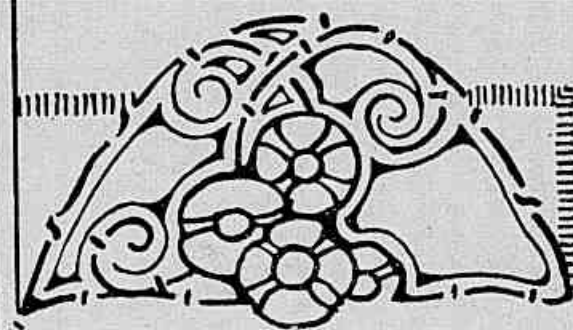
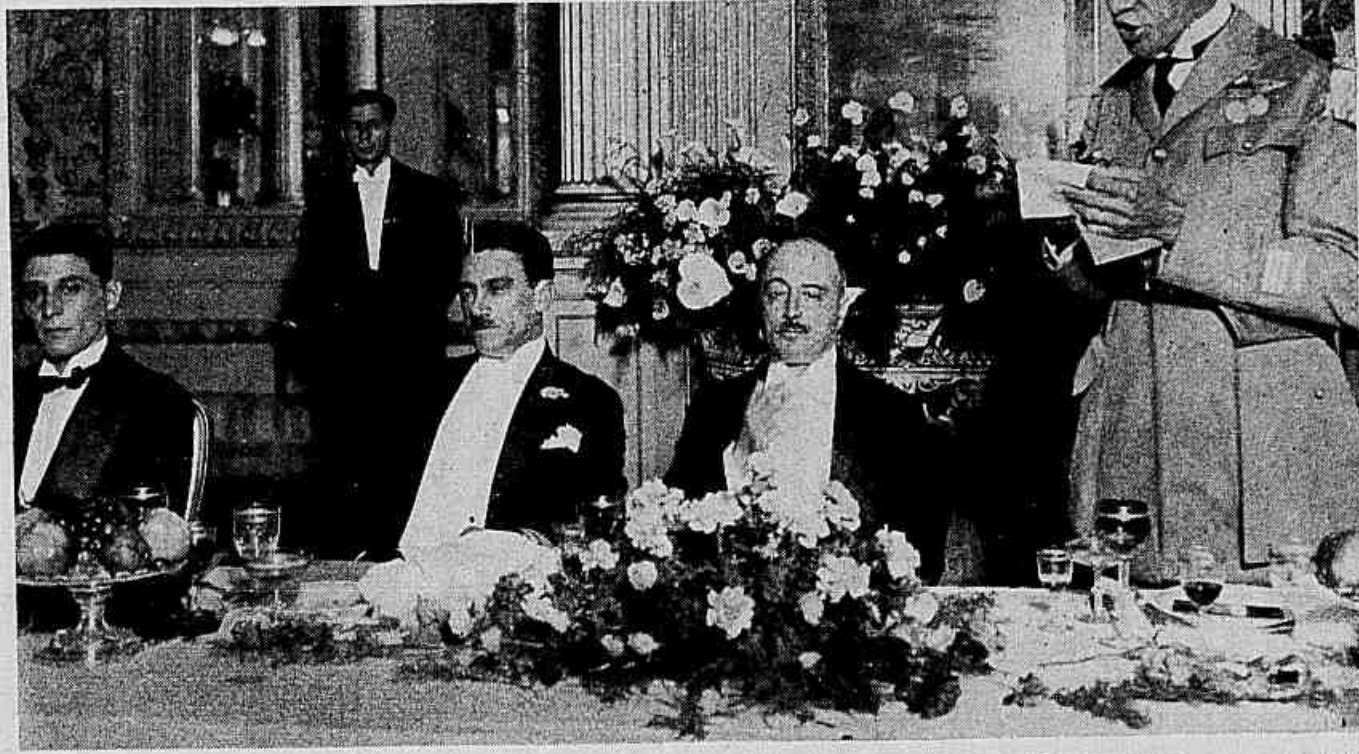
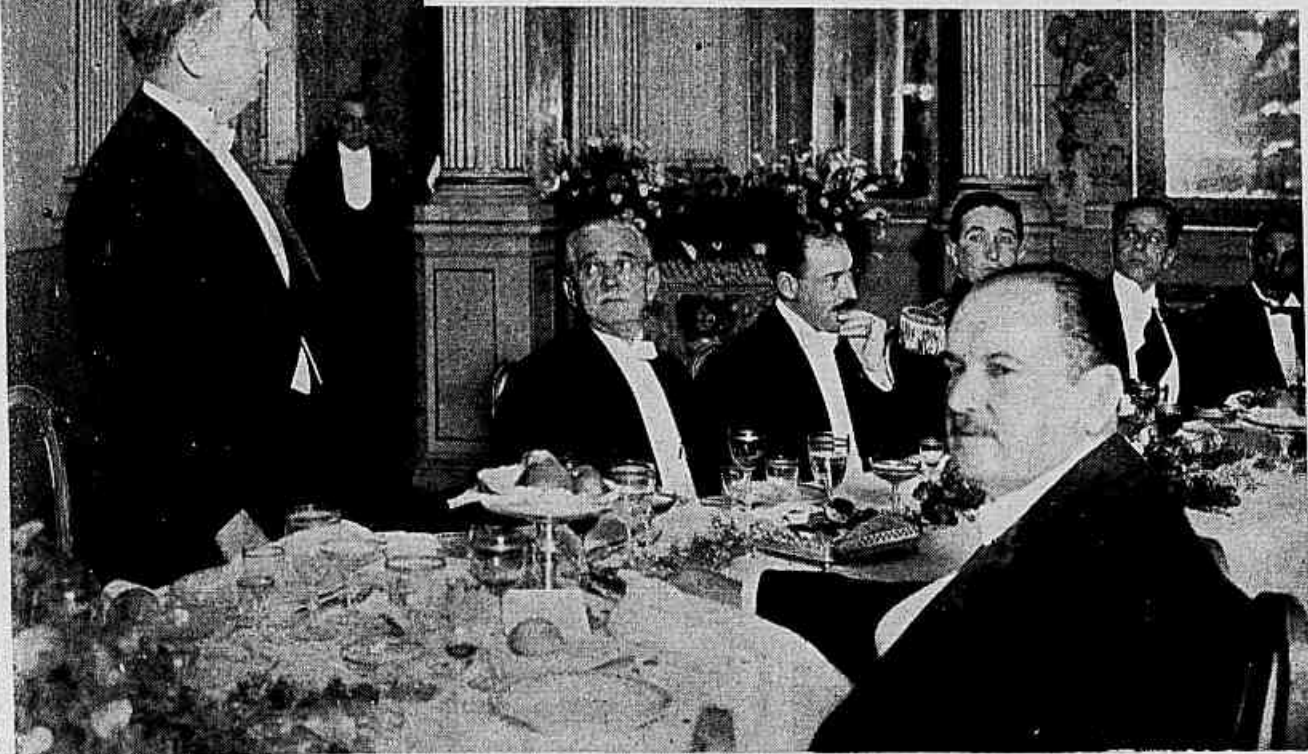
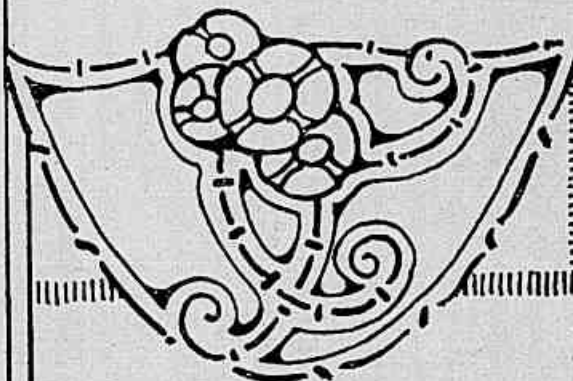
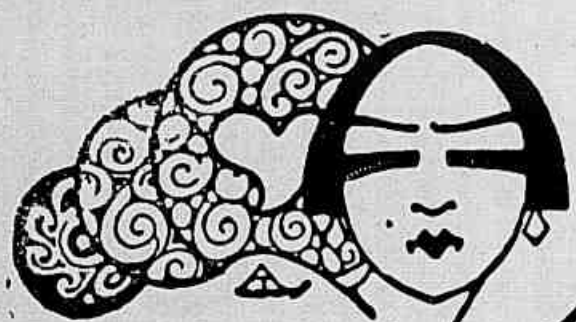
A distribuição da luz é discreta, realçando mais ainda os reflexos de ouro que por toda parte reluzem e encantam. Sendo o estylo o da primeira época do *barroco*, conserva, em toda a profusão de fórmas e arabescos, bem accentuadas as linhas geraes, fazendo sobresahir sempre a disposição architectonica e evitando a confusão das linhas, propria a épocas posteriores em que o *barroco*, na sua transição para o *rococó*, faz da architectura mais um jogo de linhas ousadas e decorativas.

E' de notar a belleza do cruzeiro formado no cruzamento das naves, em que tres arcos de consideravel altura se abrem para a capella-mór e as duas capellas da nave transversal.

Infelizmente, o tempo maculou em parte as bellezas da Igreja. O brilho do ouro está empanado e muitos dos bellos floreios estão quebrados. E ainda uma pseudo-restauração, executada em meiados do seculo passado, ao invés de restaurar, profanou a grande obra.

Os actuaes religosos do convento de S. Francisco emprehendem agora a verdadeira restauração.

Contam, para leval-a a effeito, com o concurso de todos os Brasileiros, que devem auxiliar a grande obra de piedade e de patriotismo.

1 — Cariátides no convento de S. Francisco, na Bahia. 2 — Pulpito no Convento. 3 — A igreja de S. Francisco. 4 — Interior da Igreja (aspecto parcial). Capella-mór, 5 — Cadeiras do côro onde se canta o Officio Divino. (Obra de Frei Luiz, o Torneador, 1713). 6 — Claustro. As columnas são de pedras tiradas de Cayrú, estado da Bahia. 7 — Interior da Igreja. 8 — Sacristia: gavetões, retabulos e armarios de jacarandá, obra de Frei Luiz, o Torneador.

Fluminense x São Christovam

No jogo de returno do Campeonato da Cidade. Ao alto, o *team* do Fluminense F. C., vencedor, no domingo ultimo, por 3x1, do São Christovam. Ao lado, o *team* vencido, do São Christovam. A seguir, vêem-se tres instantaneos do jogo.

A COLONIA HESPANHOLA AOS AVIADORES BRASILEIROS

Ao alto, á esquerda: o sr. Manoel Lopes Mollina, presidente da Camara de Commercio hespanhola, offerecendo aos heróes do «Jahú» o banquete dado pela colonia no Automovel Club; á direita, o cap. Newton Braga agradecendo a homenagem. Ao lado do orador vêem-se os srs. d. Antonio Benitez, ministro de Hepanha; dr. Mello Vianna, vice-presidenee da Republica, e commandante Ribeiro de Barros. Ao lado: um aspecto do banquete. Em baixo: grupo dos convivas. Sentado, ao centro, o sr. ministro de Hespanha, que tem á direita os srs. vice-presidente da Republica, Ribeiro de Barros e mecanico Mendonça, e á esquerda os srs. capitão Newton Braga, ministro Muniz Barreto e visconde de Moraes.

Noticiario Elegante

Anniversarios

No dia 30 — as sras. Cruz Gomes e Cléa Pereira da Silva; as senhorinhas Noemia Herminia Stockler, Emilia Lima e Silva, Arminda Freitas Dantas; o senador Thomaz Accioly; os drs. José Maria Tourinho, Antonio O. Reilly e Raul Delgado Motta; o jornalista Victor da Silveira; o sr. Octavio José da Silva.

No dia 31 — as sras. Zinha Belfort de Oliveira, Zilda Ruas e Ribeiro Junqueira; as senhorinhas Helena Schimidt, Odette Pedro de Oliveira, Maria do Carmo Santos, Laura Angelo Agostini; o coronel Bento Nunes Machado; o dr. Fabio Luz; a galante Carmen Esteves de Assis; o sr. Manoel Torres.

No dia 1 — a senhora Oliveira Machado; as senhorinhas Herminia Durão, Luiza Seidl, Nair Maria de Oliveira, Elza Alfredo de Castro, Ruth Lopes da Silva, Arminda Dantas, Helena Moss; o consul Oscar Corrêa; o major Oliveira Durão; o dr. Antonio Lopes Mesquita; o marechal Pedro de Castro Araujo.

No dia 2 — as senhoras Antonio Bruno e viuva Margarida de Souza e Silva; senhorinhas Odaléa Thompson, Carolina dos Santos D' Artavett e Josephina Daltro Ramos; o deputado João Simplicio; os drs. Julio Cassiano Guerra e John Meen; a graciosa petiza Angelita Armando Gonçalves; o capitalista Adolpho Acosta; o academico João de Vasconcellos Varzea; o illustre sr. Felix Pacheco, ex-ministro da pasta das Relações Exteriores, jornalista brilhante e membro da Academia Brasileira.

No dia 3 — a distincta senhora Armando Erse, esposa do scintillante chronista João Luso, nosso presado companheiro de trabalho; senhoras Fernando de Magalhães, Themistocles de Almeida, Lydia Monteiro de Souza e Adelino Martins; senhorinhas Lydia Baptista Leão, Guiomar Silva Lisbôa e Isabel da Silva Guimarães; o dr. Fernando Spindola de Mello; o chronista Othon d'Eça; o coronel Avelino de Almeida Cavalcanti; s. ex. revma. d. Prudencio Gomes Lima, figura notavel da Egreja Brasileira.

No dia 4 — as senhoras Costa Rego, Araujo Penna, Leopoldina José da Silva e Maria Clara Diniz Eloli Studart; senhorinhas Ida Santoro, Jenny Lagos, Dulce Augusto de Vasconcellos e Aida Carlos Ramos; o almirante Fiuza Junior, o dr. Augusto Menezes.

No dia 5 — as sras. Adelia de Oliveira Lima, Herminia de Donato Monteiro e Leonardo Ferreira de Souza; as senhorinhas Maria Laura Chagas, Maria das Neves Chagas Monteiro, Vera Euler e Lalinha Cunha Bastos; os drs. Oliveira de Menezes e Irineu Franklin Sampaio; s. exma. revma. d. Antonio Francisco de Assis, illustre bispo de Pouso Alegre; o brilhante jornalista dr. Mozart Monteiro.

Noivados

— a senhorinha Regina Moreira Guimarães e o sr. Paulo Thedim Barreto;

— a senhorinha Ivette Pons e o tenente da armada Luiz Lins de Vasconcellos;

— a senhorinha Hilda da Silva Junger e o sr. Abelardo de Campos Barreto;

— a senhorinha Elonora Schindler e o sr. Albino Theodolo Bentzen;

— a senhorinha Ondina de Freitas Damazio e o sr. Mauro Lobo.

Casamentos

— a senhorinha Guiomar Izabel Gonçalves e o sr. Antonio Moreira Soares;

— a senhorinha Hilda Fragoso e o professor Mario Cunha;

— a senhorinha Henedina de Mattos Veiga e o dr. Ruben Descartes de Garcia Paula;

— a senhorinha Guiomar Ferreira Lima e o sr. Walfrido Martins Tinoco;

— a senhorinha Glorita Bulcão Vianna e o sr. Joel da Motta Telles;

— a senhorinha Aramyntha Campean e o sr. Guilherme Martins Capistrano.

Os que viajam

Deixaram o Rio: — o dr. Arlindo Ramos, com destino ao Espirito Santo do Pinhal; o dr. Gilberto Tosatti, que vae á Bahia; o dr. Alexandre Moscoso, que vae commissionado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica aos Estados Unidos; o deputado José Accioly, para Victoria; o sr. João Guilherme de Abreu, que regressa ao Maranhão; o capitão Manoel Ferreira de Souza e senhora, para Matto Grosso.

*

Chegaram ao Rio: — o dr. Angel Sojo, director de "La Razon" de Buenos Aires; o dr. Luiz e Silva, chegado de Pernambuco; o dr. José Vieira Tatagiba, procedente de São Pedro de Itabapoana; o dr. Nahon Rodrigues; o coronel Raymundo Borges, que regressou do Paraná; a poetiza Maria Sabina de Albuquerque, que regressa de sua excursão artistica pelos estados do Norte.

Musica

Vae ser finalmente satisfeita a curiosidade de quantos desejavam ouvir o notavel pianista allemão sr. Emil Frey, que acaba de chegar da Europa precedido de grande fama.

O insigne artista é professor do Conservatorio de Munich, na Allemanha. Esse *virtuose* dará nesta capital uma série de concertos que, de certo, serão muito apreciados.

*

Com um maravilhoso programma, realizou domingo uma esplendida vesperal a grande pianista patricia Guiomar Novaes.

Teve logar este recital no Theatro Municipal, e a querida artista recebeu os mais calorosos applausos.

Recepções

A senhora Octavio Mangabeira, cujos excellentes dotes de espirito e sociabilidade são bem justamente estimados em nosso grande-mundo, abriu quarta-feira ultima, para as suas relações e amizades, os salões da encantadora vivenda na Avenida Ligação.

Bailes

Para hoje está fixada a "2.a Noite de Elegancias" no Atlantico Club. A reunião de hoje consiste n'um baile, para o qual reina muita alegria e enthusiasmo no meio dos associados.

Conferencias

Realizar-se-ha hoje, ás 5 horas, na Academia Brasileira, a 2a. conferencia da série commemorativa do centenario do Romantismo.

Fará a conferencia o dr. Fernando de Magalhães, sobre o thema: O romantismo liberal; as grandes causas, a Abolição, a Republica, os opprimidos do mundo, Castro Alves e outros.

Certamente a Academia Brasileira terá, logo á tarde, uma concorrencia numerosa e distincta.

Em beneficio

Será das mais bellas a festa de caridade que se realizará, depois de amanhã, em favor da Casa de Santa Ignez.

Essa festa, que vem sendo organizada por uma commissão de damas de nossa melhor sociedade, está sob a intelligente direcção do sr. embaixador Conty, que fará representar a interessante comedia de Flers e Croisset "Le Retour", já representada no Rio em francez e portuguez.

Chás dansantes

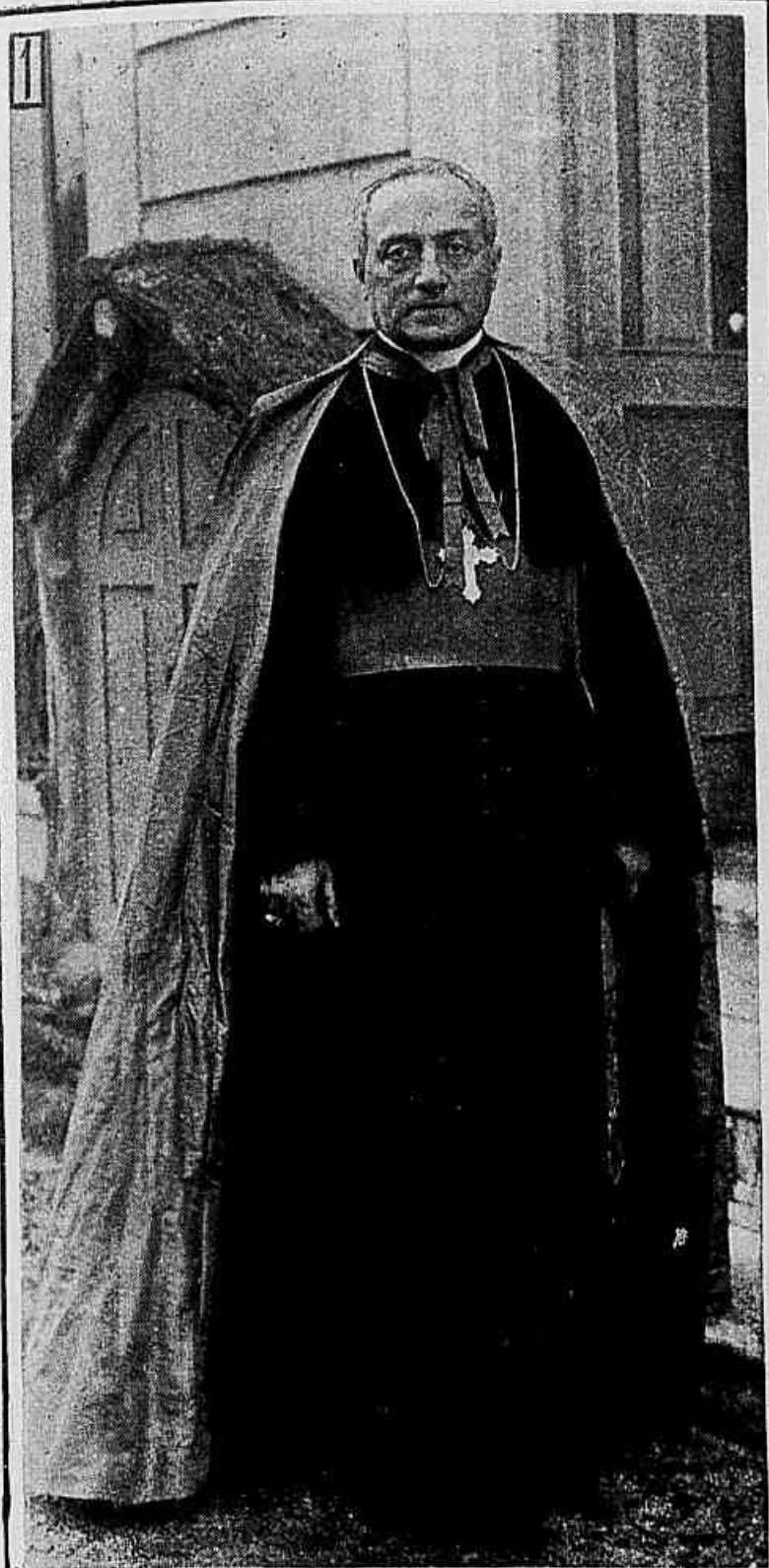
O Automovel Club obsequiou com mais um encantador chá dansante, quinta-feira, os seus associados.

O lindo salão dourado da rua do Passeio encheu-se de tudo o que o Rio possue de representativo e elegante em nossa alta sociedade.

As dansas correram animadas até á noite, num ambiente de distincção e verdadeira espiritualidade.

M. de D.

A Embaixada do Mexico aos nautas do "JAHÚ"

S. ex. o sr. general Ortiz Rubio, illustre embaixador do Mexico, abriu os sumptuosos salões da Embaixada para uma recepção offerecida em nome do seu governo aos tripulantes do *Jahú*. Archivamos dessa brilhante festa, de alta cordialidade mexicano-brasileira, os dois aspectos que aqui se vêem. *Ao alto:* um grupo tirado nas escadarias da Embaixada, vendo-se ao centro, no primeiro plano, o commandante do *Jahú*, Ribeiro de Barros, e nos extremos desse plano os srs. embaixador do Mexico e o capitão Newton Braga. Distribuidas pelos degráos da escadaria, vêem-se figuras de relevo na diplomacia e na nossa alta sociedade. *Em baixo:* grupo feito no salão da Embaixada. Sentada ao centro, a senhora Octavio Mangabeira, que tem á esquerda as senhoras embaixatrizes da Argentina e do Mexico e senhora general Coffee, e á direita as senhoras Newton Braga e ministras de Hespanha e Cuba. Vêem-se de pé, em companhia do sr. embaixador do Mexico e do major Brasilio Carneiro, representante do sr. Presidente da Republica, os srs. vice-presidente da Republica, commandante Ribeiro de Barros, capitão Newton Braga, ministro Octavio Mangabeira, general Coffee, ministro Muniz Barreto, ministros de Hespanha e de Cuba, general Carlos Arlindo.

A chegada do novo Nuncio Apostolico

1

2

3

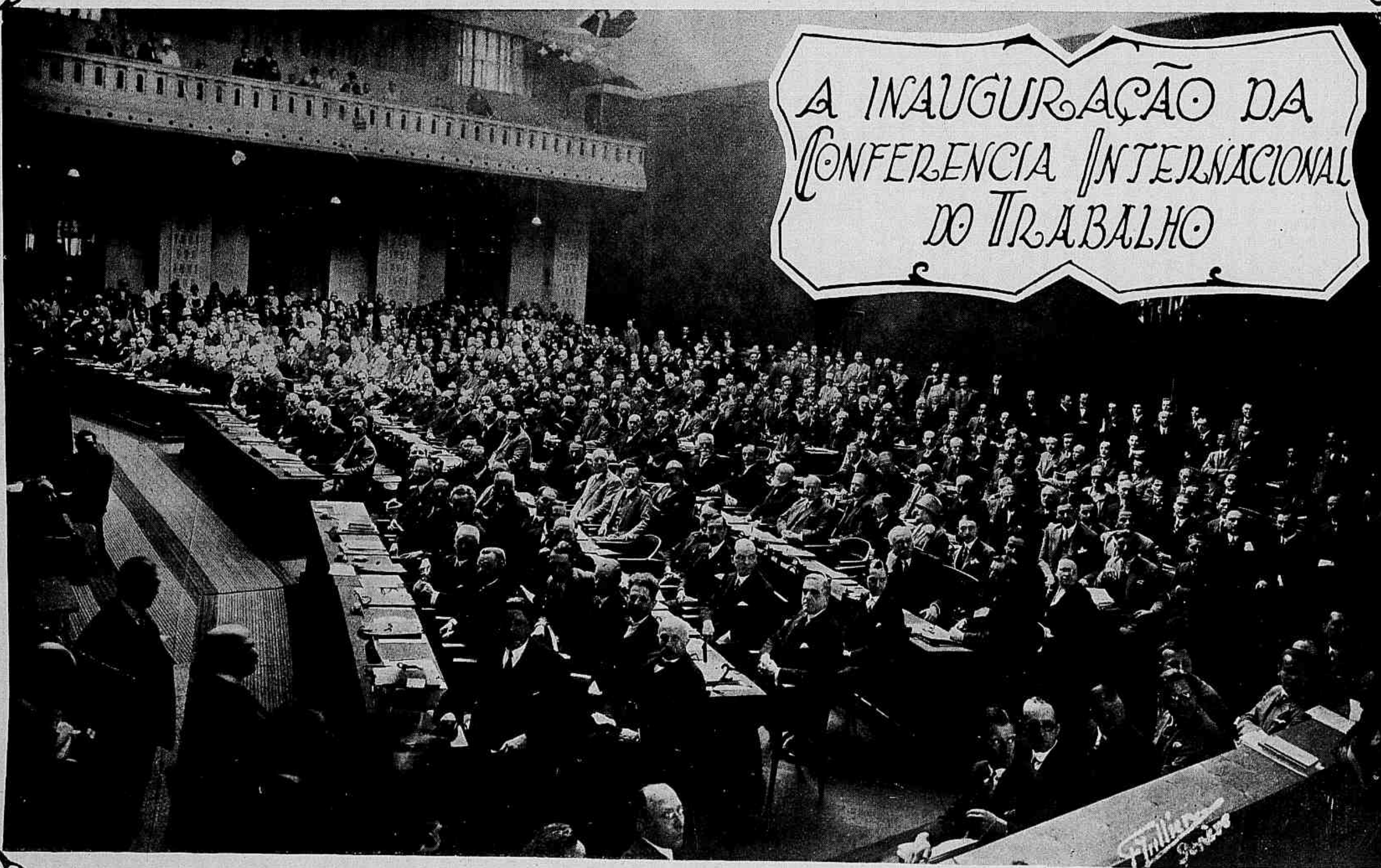
1 — Monsenhor Aloisio Masella, arcebispo titulado, o novo Nuncio Apostolico junto ao nosso governo, chegado ao Rio de Janeiro na manhã da terça-feira ultima. 2 — Monsenhor Egidio Lari, secretario da Santa Sé e que vinha exercendo com raro brilho as funcções de Encarregado de Negocios do Vaticano. 3 — O palacio da Nunciatura Apostolica, em Botafogo. 4 — O desembarque: o novo nuncio tem á direita d. Helvecio, bispo de Marianna, e monsenhor E. Lari. Vêem-se, entre vultos da Igreja e catholicos de destaque social, d. Mamede, bispo de Sebaste; monsenhor Costa Rego, vigario geral, e o superior dos Franciscanos. 5 — No palacio da Nunciatura: S. ex. o sr. Nuncio Apostolico tem á direita d. Helvecio e d. Antonio Cabral, bispos de Marianna e de Bello Horizonte, e á esquerda o conde de Affonso Celso, monsenhores E. Lari e Costa Rego e d. Mamede, bispo de Sebaste.

4

5

O BANQUETE AO PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS

Aspectos do banquete em homenagem ao dr. Sebastião do Rego Barros, offerecido pelos seus collegas do Congresso Nacional, pelos seus correligionarios e pelos seus amigos. Ao alto: visão parcial da mesa durante o banquete. Em baixo: grupo de pessoas que tomaram parte no banquete, vendo-se sentado, ao centro, o homenageado, que tem á direita os srs. Vice-presidente da Republica, Vice-presidente do Senado, ministros da Agricultura, da Guerra, da Justiça e da Marinha e chefe de Policia, e á esquerda os srs. ministro-presidente do Supremo Tribunal, ministros do Exterior e da Viação, senador Arnolpho Azevedo, ministro da Fazenda e presidente do Estado do Amazonas.

A INAUGURAÇÃO DA CONFERENCIA INTERNACIONAL DO TRABALHO

A sessão solemne da inauguração, em Genebra, da Conferencia Internacional do Trabalho. Vêem-se assignalados pelos ns. 1 e 2, respectivamente, os delegados do Brasil, ministro Moniz de Aragão, delegado governamental, e dr. F. de Oliveira Passos, delegado patronal, presidente do Centro Industrial e ex-presidente do Rotary Club.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

O GRANDE FESTIVAL DA PRO-MATRE

E' na proxima quarta-feira que se realizará o grande festival annual em beneficio da Pró-Matre, sendo de esperar o mais ruidoso successo para a noite de arte que se levará a effeito no Theatro João Caetano.

O mais importante acontecimento dessa festa de alta philantropia será a comedia em dois actos, em verso, "Por causa della", da brilhante escriptora senhora Maria Eugenia Celso, nossa illustre collaboradora, que terá os seguintes interpretes: Ella — Francesca Nozieres; a poetisa — Marianna Roxo; a solteirona — Alice Carvalho Araujo; a viuvinha — Elisa Nascimento Gurgel; Dédé — Dulce Carvalho Araujo; João Manoel — Bento Martins; Piccolino — Americo Azevedo; Zangoni — dr. Alberto de Queiroz; o estudante — Carlos de Laet Netto; o magistrado — Oswaldo Penido; o academico de letras — Sylvio Bevilacqua; o candidato á Academia — Paschoal Carlos Magno; o Jéca — Paulo Bevilacqua; o jornalista — dr. Fernando Guerra Duval.

Na *féerie* é tambem da sra. Maria Eugenia Celso o dialogo em verso do Principe Encantador (Paschoal Carlos Magno) e da Bella Adormecida (Maria José de Queiroz).

Grupo tirado no Club Militar por occasião do chá dansante offerecido aos bravos tripulantes do «Jahú». Ao centro do grupo, Ribeiro de Barros, tendo á esquerda o sr. ministro Vianna do Castello e o sr. general Mena Barreto, presidente do Club Militar. Vêem-se tambem o capitão Newton Braga e o mecanico Vasco Cinquini.

O MOMENTO DAS ASAS

O seculo em que estamos é, não padece duvida, a éra das asas. Se não haviamos ainda dado conta disso pelos vôos quasi inacreditaveis de Lindbergh, Chamberlin, Byrd e outros super-aviadores, ficámos convencidos pela façanha nossa, que tão bem nos sabe á alma, — do "Jahú".

D'ahi decorreu um notavel enthusiasmo em materia de aviação. Projectam-se *raids*, estudam-se linhas aereas e até no extremo e longinquo Norte se cogita da ligação aérea do Acre, Amazonas e Pará.

De todos os projectos que se tem visto é esse um dos mais uteis e dos mais imperiosos. Estados de precarios meios de communicação e quasi inexplorados, não é difficil imaginar-se o que poderiam representar as asas dos aviões ruflando sobre o aranhol potamographico da Amazonia.

Affirmam as noticias que os governadores do Territorio do Acre e dos Estados do Amazonas e do Pará se empenham na realização da linha aérea, e nós só podemos applaudir a idéa e formular desejos pela entrada do projecto na phase pratica.

Inauguração do Gabinete Dentario «Zeferino de Oliveira» na «Pequena Cruzada», á rua Tavares Bastos. Entre os presentes, vêem-se os srs. Clementino Fraga, director do Departamento Nacional da Saúde Publica, e professor Frederico Eyer.

Banquete offerecido ao dr. Fabio Barreto, em Ribeirão Preto; por occasião da sua nomeação para secretario do Interior do estado de S. Paulo, no governo do sr. Julio Prestes, ora iniciado.

A ultima tarde-dansante que se realizou no C. R. Botafogo.

O jantar da Associação Brasileira de Educação. Ao centro do grupo de professores que tomaram parte na reunião vê-se o eminente professor Miguel Couto.

"O GLOBO"

Completou hontem dois annos de existencia o popular e prestigioso vespertino o GLOBO, dois annos de ininterruptos triumphos, mercê da dedicação com que sempre serviu e serve ao publico.

Fundado por Irineu Marinho, o saudoso jornalista de esclarecida visão que teve a seu lado um grupo de experimentados batalhadores da imprensa, o GLOBO venceu de inicio e, impondo-se cada vez mais, é hoje um dos maiores orgãos do paiz.

Aos presados confrades de o GLOBO as nossas effusivas felicitações.

O almoço offerecido aos gloriosos tripulantes do «Jahú» pelo Club dos Bandeirantes na sua séde.

OLYMPIA WANDERLEY

A festejada cantora patricia senhora Olympia Wanderley, após haver sido applaudida com calor em São Paulo, conquistou um brilhante triumpho no sabbado ultimo, com o seu recital, que se realizou no Instituto Nacional de Musica.

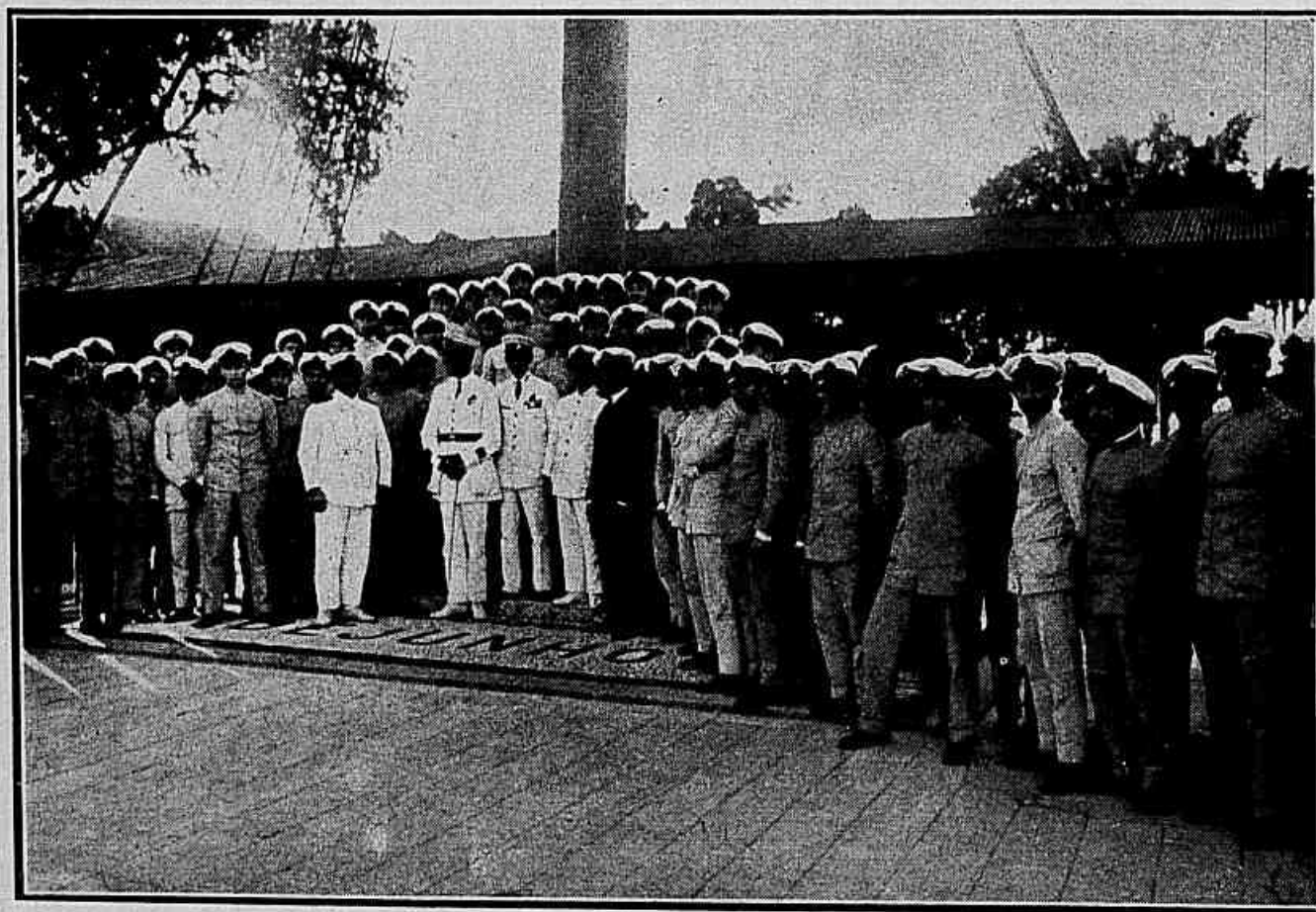
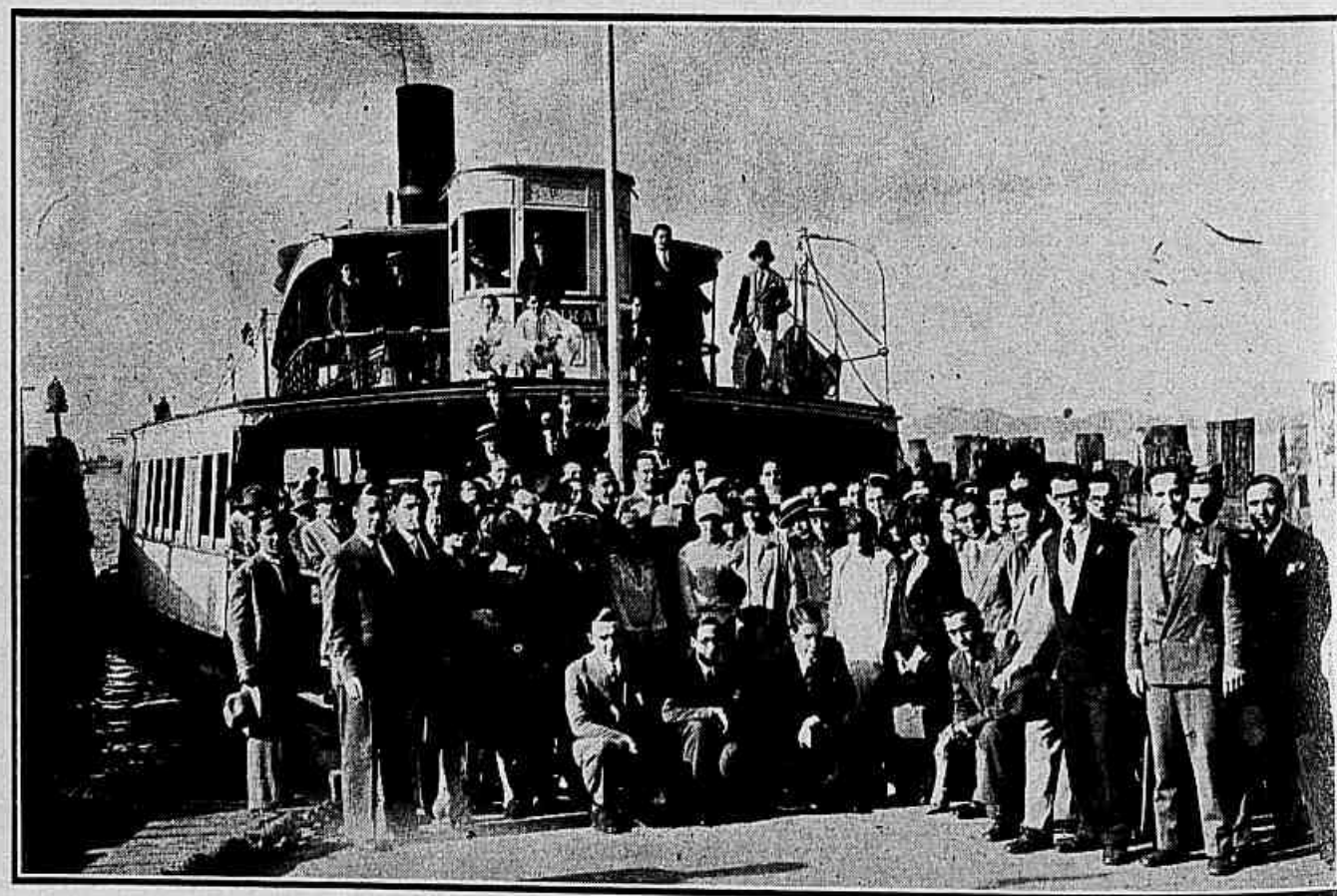
Tendo estudado na Europa, onde foi, em Paris, discipula da celebre concertista Maria Freund, a senhora Olympia Wanderley apresentou-se com excellentes credenciaes ao nosso publico.

O seu recital constou de tres partes: musica classica e romantica, musica moderna e canções internacionaes, comprehendendo estas — que agradaram extraordinariamente — canções brasileiras, portuguezas, indianas, russas, inglezas, francezas, hespanholas e suissas.

A senhora Olympia Wanderley foi vivamente applaudida, e com justiça, pelo brilho com que cantou o excellente programma do seu recital.

Grupo de pessôas que tomaram parte no almoço offerecido, por iniciativa de varios membros da Cruz Vermelha Brasileira e corpo clinico do seu Instituto Medico-Cirurgico á senhora Idalia de Araujo Porto Alegre, em regosijo pela distincção que acaba de lhe ser conferida pelo Comité Internacional de Genebra, concedendo-lhe a medalha «Florence Nightingale», premio internacional ás enfermeiras cujos trabalhos justifiquem essa honraria.

"GAZETA DE NOTICIAS"

Passa na proxima quarta-feira a data anniversaria da "Gazeta de Noticias", o popular diario da manhã que ha varias

A visita dos herées do «Jahú» á Escola Naval. Ao centro do grupo, entre officiaes da Escola e aspirantes, vêem-se Ribeiro de Barros e o capitão Newton Braga.

Os universitarios uruguayos na ponte das Barcas, de onde partiram para um passeio maritimo pela bahia de Guanabara.

O PEREGRINO

Calcei as minhas sandalias de coiro, tomei do velho cajado e do humilde púcaro de argila e, com uma linda manhã cantando no coração, parti...

Ardia, em meus olhos, o ouro da mocidade, o ouro do amor, o ouro da illusão.

Bem via as bellas arvores antigas, o bello céo cheio de sol — e, longe, na gaze fina da alvorada, a curva religiosa das montanhas... A natureza acariciava, com os seus longos dedos verdes, a cabelleira de prata dos rios — dos rios que no seu exilio de outomno são velhos eremitas, nos eremiterios do sol... Na minha alma revoavam os passaros do Paraiso, frondejavam as oliveiras de oiro do Apocalypse.

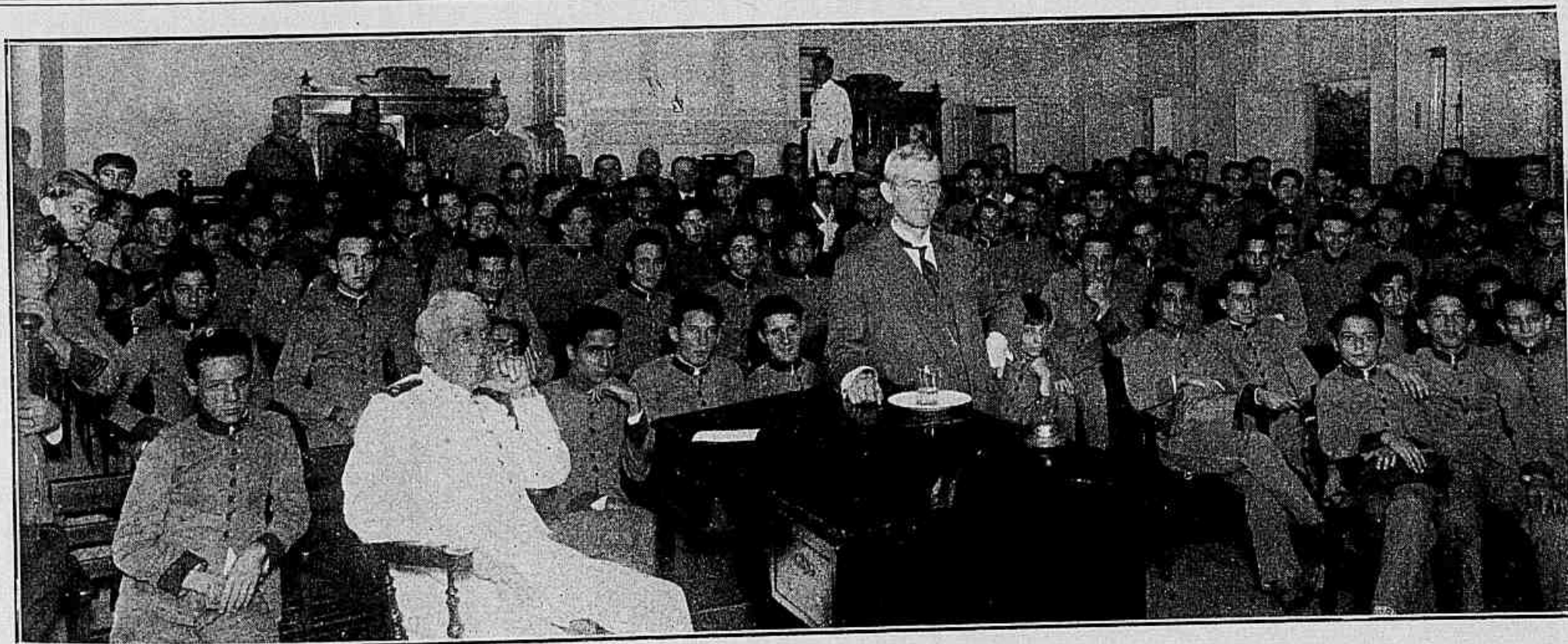
E eu sonhava comtigo e caminhava... Depois adormeci... E andei por terras santas, por caminhos longos como lagrimas e estradas cheias de rumor e de mysterio como os Evangelhos...

E quando despertei — na sombra fria dos meus sonhos — tudo em torno de mim havia morrido... Creio que vinte seculos tinham passado e o meu coração guardava, ainda, toda a saudade da vida e toda a esperança do amor... Voltei! Nos meus olhos apagara-se o incendio das fogueiras das paixões; meus cabellos eram longos como os rios que correm sob a neve do inverno e eu me curvava sobre o cajado, porque trazia nos hombros as ruinas do Passado...

E no fundo da minha vida, como a cinza de um fogo santo, havia apenas a amargura da velhice e a illusão da sabedoria.

THOMAS MURAT

CREANÇAS

1 e 2 — *Nilza* e *Jorge*, filhos do sr. Americo Salles e d. Alice Salles (Bahia).
3 — *Ubiratam*, filho do sr. Avelino Costa (Lapa, E. do Paraná).
4 — *Beatriz*, filha do sr. Manoel da Silva Arrojado e d. Caetana Garrida Arrojado.
5 — *Kleber José*, filho do sr. José Xavier Filho e d. Guiomar Ribeiro Xavier.
6 — *Mario*, filho do sr. Mario Manhães e d. Maria Alice Manhães.

O illustre professor Padberg, do Museu Nacional, no Collegio Militar, ao fazer nesse instituto de educação a sua substanciosa e brilhantissima conferencia.

decadas vive bafejado pela opinião publica.

Contando mais de meio seculo de existencia, poude sempre a "Gazeta de Noticias" orgulhar-se, através das suas varias phases, de contar com as mais brilhantes pennas e hoje ainda ostenta o fulgor das suas tradições galhardamente.

A REVISTA DA SEMANA felicita, com viva sympathia, a "Gazeta de Noticias".

DISPENSARIO S. JOSÉ

No domingo, 7 de Agosto proximo, realiza-se no Club de Regatas Guanabara um chá-dansante em beneficio do Dispensario São José.

Patrocinam a festa de caridade, que promette ser brilhante, as senhoras Magalhães Machado, Armando Santos, Ivone Petrarca Mesquita, Schmidt Lopes, Umberto Flores, Balthazar da Silveira, Vianna Fontenelle e Pereira de Souza e senhorinhas Maria Luiza Desrey e Maria José Covas.

Tendo de partir brevemente para Paris, o sr. José Gomes Lopes, chefe da importante perfumaria J. Lopes & C., offereceu no ultimo domingo um chá dansante ás pessoas de sua intimidade, em seu palacete á rua S. Januario. Tomámos nessa festa o aspecto acima.

DR. RAPHAEL MENEZES

E' hospede do Rio desde o começo da semana o joven medico bahiano dr. Raphael de Menezes e Silva, cujo saber, largamente attestado em clinica brilhante no grande Estado do norte, vem de ser reconhecido em concurso para preenchimento da cadeira de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Bahia.

Apresentando duas theses — "Em torno dos Modulos Coccygeos" e "Estudo Anatomico da Circulação Venosa Pericephalica, Veias Emissarias" — o dr. Raphael Menezes affirmou-se, a despeito da sua mocidade, um scientista de subido valor, e o seu ingresso na classe dos mestres é tão sómente uma conquista do esforço proprio e da cultura scientifica.

As nossas homenagens ao joven medico, que tão galhardamente ascende á cathedra.

O CÃO

POR HERMETO LIMA

O CÃO é um animal desprezivel, repulsivo e impuro — dizem os brahmanes. O cão é o animal mais digno de ser estimado; modelo de fidelidade, é incapaz de trahir o seu dono — dizem os admiradores do cão.

De que lado está a razão?

Digamos algo da vida do cão, para que os nossos leitores respondam.

Segundo os naturalistas, todos os cães são carnivoros, mas a educação que recebem de seus donos os tornam omnivoros. Considerados na sua generalidade — são ainda os naturalistas que falam — o cão se distingue de todos os animaes, especialmente, pela sua intelligencia. O seu olhar é de grande penetração; o seu olfacto de uma delicadeza extrema; a sua physionomia indica o seu estado de alegria ou de tristeza.

Quanto á sua origem, tem dado esta logar a innumeras discussões. Querem uns que elle seja o lobo aperfeiçoado; outros que seja o producto do lobo com o chacal, outros ainda que seja uma especie distincta entre os animaes do mesmo genero.

Mais docil do que o homem, diz Buffon, e mais ainda do que qualquer outro animal, não só elle se instrue mais depressa do que os outros irracionaes, como tambem se adapta aos habitos de seu dono e á casa em que habita. Desvelado, se á noite lhe confiam a guarda da casa é de uma fidelidade inquebrantavel. Ninguem della se approxima, ninguem ousa penetrar nella e, se alguem o tenta fazer, o fiel guarda estará sempre prompto a impedir ferozmente.

Para mostrar a ferocidade do cão vamos trasladar para aqui o seguinte caso, que encontramos na revista "Je Sais Tout".

«Quando Alexandre Magno invadiu o reino chefiado por Sophités, este, desejando obsequial-o, preparou uma caçada de leões á moda da terra. Havia nesse paiz uma raça de cães destinada á caca dos leões; esses cães não ladram quando farejam a féra e depois que a descobrem atiram-se a ella silenciosos. Para mostrar a Alexandre a coragem desses animaes, Sophités organizou uma caçada a que Alexandre assistiu. Soltaram-se quatro desses cães, que com pouca demora levantaram um leão colossal sobre o qual logo se atiraram e com força tal que o derrubaram, fincando-lhe os dentes, sem o deixarem mais. Um dos caçadores então approximou-se e empregou toda a sua força para obrigar um desses cães a largar a presa; trabalho inutil. O caçador começou então por cortar-lhe lentamente uma perna e o cão nem sequer deixou perceber que sentia a operação; cortou a segunda, a terceira e a quarta emfim, e o cão continuava agarrado ao leão. Finalmente, o caçador acabou cortando-o em pedaços e o cão expirou, sempre preso á fera.»

Estes cães parece que são os primitivos da raça hoje chamada "bull-dogs".

O cão é o unico animal que entende as ordens de seu dono, que lhe conhece a voz e os gestos, que attende pelo nome que lhe deram e que não esquece a casa onde mora. Por todos estes motivos, mais do que outro animal, elle é estimado pelo homem que, uma vez seu dono, tem nelle um verdadeiro amigo.

Innumeras são as historias da fidelidade do cão.

Vamos pedir emprestadas algumas dellas ao diccionario de Larousse:

— Um barqueiro tinha um cão e desejando dar-lhe um banho levou-o em seu barco até ao meio do rio. Ahi chegado, atirou o animal na agua e quando elle se approximava do barco o barqueiro dava-lhe com o remo para que elle se afastasse. Numa das vezes em que o barqueiro batia no animal, faltou-lhe o equilibrio e cahiu. O cão, que até ahi só queria subir no barco, mudou de ideia. Deu para empurrar o dono e assim fez, até que o viu salvo numa das margens do rio.

— Em um Banco da rua de S. Denis, em Paris, havia um cão que se chamava "Annibal", conhecido por todos os moradores da rua e que tinha a incumbencia de guardar a caixa forte do Banco. Uma vez, depois de encerrado o expediente, o porteiro sahiu, esquecendo-se de fechar uma das portas do estabelecimento. O cão, que dormia sempre junto á caixa forte, nesse dia não o fez. Deitou-se junto á porta aberta e de lá não sahiu até pela manhã, á hora em que o porteiro chegou.

— A 29 de Julho de 1830, quando os *communards* sublevados atacavam o palacio do Louvre, passava um pobre operario que, sendo attingido por uma bala, morreu alli mesmo. Seu cão, que o acompanhava, ali ficou 2 dias velando junto ao cadaver. Terminado o levante, carroções andavam pelas ruas apanhando cadaveres das victimas, quando déram com o do operario. Foi com os outros atirado para o carroção. O cão acompanhou-o até ao cemiterio. Enterraram o operario, o cão só dalli sahiu quando o enxotaram. Mas, no dia seguinte, lá foi gemer sobre o tumulo de seu dono, fazendo o mesmo todos os dias.

A esse proposito, Casimir Delavigne fez uma linda poesia, que ficou celebre.

Mais uma, para terminar, e quasi semelhante a essa:

— Em 1858 enterrava-se em Edimburgo, no cemiterio de Greyfriars, o cadaver de um pobre homem chamado Gray. No cortejo funebre, seguira de cabeça baixa, tomado de uma indizivel tristeza, o seu fiel cão.

No dia seguinte, o guarda do cemiterio achou o cão deitado sobre o tumulo de Gray.

Como não é permittida ali a entrada de cães, o guarda pôl-o fóra.

No dia immediato, o cão lá estava. Foi expulso de novo.

No terceiro dia, não obstante o frio que fazia, lá voltou de novo o cão. O guarda então apiedou-se delle, começou a alimental-o.

Em seguida um sargento encarregou-se desse serviço e depois um restaurante das proximidades. Durou isto cerca de 10 annos.

Nisto veiu a lei da taxa sobre os cães. Cerca de 20 pessôas offereceram-se para pagar o que competia ao cão do cemiterio, mas o perfeito da cidade conhecendo-lhe a historia não só o isemptou do pagamento como mandou fazer-lhe uma coleira com a seguinte inscripção: "Greyfriars Bobby. Esta colleira lhe foi offerecida pelo prefeito de Edimburgo. 1867".

Até á sua morte, o cão ia todos os dias repousar sobre o tumulo de seu dono. Tratado carinhosamente por muitas pessôas, a nenhuma elle se affeiçoou.

Um monumento foi levantado á sua memoria a expensas da Baroneza de Bourdette-Coutts.

Acha-se na extremidade meridional da ponte George IV, em Edimburgo.

O Rio de Janeiro tem tambem o seu cão celebre.

Contemos-lhe a historia.

Um dia passava pela rua Evaristo da Veiga um cão sujo e maltratado. Os soldados da Brigada Policial apiedaram-se delle, recolheram-o ao seu quartel, matando-lhe a fome, fazendo delle o seu amigo e dando-lhe o nome de "Brutus". Muito tempo viveu o cão ali para gaudio dos soldados, até que, rebentando a guerra do Paraguay, o Corpo Policial para lá foi sob a denominação de "31 de Voluntarios da Patria". O cão seguiu com elle. Após innumeras batalhas, uma bala levou-lhe uma das patas. Curado, voltou ao campo da batalha, até que, terminada a campanha, regressou ao Rio de Janeiro esse novo heroe mutilado. Um dia, sahiu o cão do quartel e um malvado, que por ali passava, jogou-lhe uma bola de strychnina, matando-o. Os soldados se quotizaram e mandaram embalsamar o cadaver de "Brutus", que ainda hoje se acha na sala d'armas do quartel de cavallaria da policia na Avenida Salvador de Sá.

Em razão de tanta fidelidade, o cão não podia deixar de ser apreciado pelo homem. Existe em Paris um cemiterio especialmente para elles. Ao centro do terreno, encontra-se um monumento de Barry: — "Cão de S. Bernardo" — com um baixo relevo e a inscripção "Il sauva la vie á 40 personnes, il fut tué par la 41me". Ha sobre alguns tumulos inscripções de saudade e entre ellas existe uma onde se acha gravada a conhecida phrase de Pascal "Plus je connais les hommes, plus j'aime mon chien".

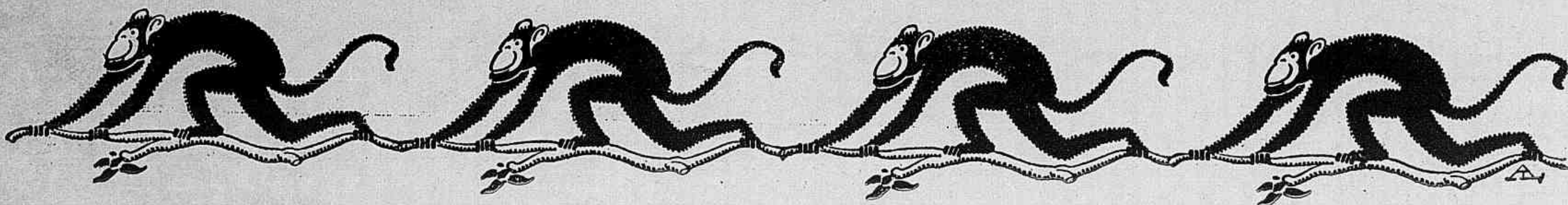
No Rio não ha cemiterio para cães, mas alguma coisa existe sobre elles: é o "Brasil Kennel Club" que de quando em quando organiza exposições muito interessantes.

Diversos são os pintores que se teem notabilisado pelas suas telas onde se acha representado o cão. Dentre muitos, podemos citar o pintor inglez Edwin Landseer com o seu quadro celebre "O processo dos cães", que nós reproduzimos ao lado.

Theophile Gautier, falando desse pintor e de seus cães, escreveu: "Landseer dá a seus cães a alma, o pensamento, a poesia, a paixão; elle os faz viver duma vida intellectual, quasi semelhante á nossa; se pudesse, dar-lhes-hia o instincto e o livre arbitrio; o que o inquieta não é a exactidão anatomica, é o proprio espirito do animal, e sobre este ponto nenhum pintor será capaz de egualar.

E, falando do quadro "O processo dos cães" diz: "Que majestade e que gravidade naquelle cão juiz! Compenetrado da importancia de seu papel, elle levou muito tempo a estudar a sentença que vae impôr ás duas partes que anciosamente ali esperam".

Hermeto Lima

O Processo dos Cães — Quadro de *Edwin Landseer*.

Como nasceu o Romantismo

POR BEATRIZ DELGADO

QUASI no fim do reinado de Luiz XVIII, existia na rua Battoir-Saint-André-des Arcs, no Bairro Latino, uma pequena livraria sem nomeada, dirigida por Ambroise Tardieu. A celebridade adquirida por alguns de seus camaradas dera-lhe volta ao miolo e fizera-lhe desejar uma opportunidade de fazer o seu nome conhecido. Nessa mesma época, mademoiselle Delphine Gay appareceu em sua casa para publicar um poema. E o intelligente e ambicioso livreiro aproveitou o ensejo para lhe confessar as suas aspirações. Mademoiselle de Gay contou-lhe, então, que alguns dos seus amigos literarios desejavam fundar uma revista onde expuzessem os seus ideaes modernos e onde defendessem as suas concepções artisticas. Eram sete e chamavam-se Alexandre Soumet, Alexandre Guiraud, Victor Hugo, Alfred de Vigny, Emili Deschamps, Saint - Valry e G. Desjardins.

Lamartine, por David.

A grande cavalgada da Posteridade.

O negocio não seduziu o livreiro; mas a sua opinião modificou-se, rapidamente, quando o "cenaculo" lhe entregou sete

Uma soirée em casa de Charles Nodier, por Tony Johannot.

mil francos, para as despesas. E a revista appareceu com o nome de *Muse Française*. O primeiro numero, que surgiu em 28 apezar de vir datado de 15 de julho de 1823, não apresentou nada de revolucionario. Mas o seu espirito, as suas tendencias desagradaram aos defensores do "classicismo". Depois, levantaram-se divergencias entre os fundadores: Soumet e Guiraud permaneciam *demi-classiques*, emquanto os seus companheiros tinham um outro ideal.

No numero de 15 de abril de 1824, Charles Nodier publicou um artigo criticando os classicos. A Academia, escandalisada, respondeu com um solemne discurso proferido por Auger. E começou a guerra entre a Academia e a *Muse*. Estas difficuldades arrefeceram o zelo de Soumet, que ambicionava ser academico...

Charles Nodier

O problema impoz-se: ou a *Muse* terminava ou Soumet não pisaria a Academia. O ultimo numero appareceu em 15 de junho de 1824; mas havia um outro em preparação que Victor Hugo e Guiraud desejavam que apparecesse.

Então, nesse mesmo mez, Alexandre Soumet, Deschamps e o conde Jules de Rességuier procuraram o livreiro Tardieu. Lá, elles encontraram os seus adversarios e a discussão foi violenta. Mas a *Muse* foi sacrificada e Soumet tornou-se academico...

E assim morreu a primeira revista que abrira as portas ao romantismo.

***

Charles Nodier representava nessa época os prosadores da nova escola; e o conde d'Artois nomeou-o bibliothecario do Arsenal. Essa nomeação dava-lhe direito a um bello *appartement* no antigo pavilhão da marechala de Luxembourg. E na primavera de 1824 a casa de Nodier tornou-se o cenaculo preferido dos romanticos.

Todos os domingos havia reunião. De 1825 a 1830 passaram por alli os nomes mais brilhantes: Victor Hugo, com as suas attitudes graves e compassadas contrastando com a sua mocidade; Vigny, louro e delicado, dando a impressão de um espirito frio e amaneirado; Lamartine, sempre com a mão passando entre dois botões do seu casaco bem fechado; Alexandre Duval, que fez os seus debutes em plena revolução; H. Latouche, o revelador das obras de André Chenier; Saint-Beuve muito feio e contrastando com o elegante Emile Deschamps.

Os artistas são numerosos: Isabey e todos os novos que se esforçavam pela realização do romantismo em pintura, esculptura e gravura: Eugéne Delacroix, Eugéne Devéria, Louis Boulanger, David d'Angers, Alfred e Tony Johannot.

Victor Hugo aos 17 annos.

E um grupo de mulheres, alcunhadas as "musas" e que eram as poetizas Virginie Ancelot, Delphine Gay, Marceline Desbordes-Valmore e madame Tastu.

Das oito ás dez da noite conversava-se e discutia-se os ataques dos "classicos". Depois, Nodier levantava-se e com uma bonhomia encantadora contava qualquer anecdota da sua juventude, improvisava qualquer paradoxo brilhante, emfim dizia verbalmente alguma daquellas coisas originaes que o tornaram celebre.

E seguiam-se os poetas, e os versos debandavam pela sala como um bando de pombas fugidias...

Depois, Marie Nodier abria o piano e os seus dedos ageis e finos tocavam uma daquellas musicas delicadas que obrigavam a juventude a querer dansar. Madame Nodier, com uma singeleza adoravel, corria a tirar do fogão da sala uma pá cheia de brasas para aquecer o quarto de seu marido. E, emquanto a mocidade dansava e cantava, Charles Nodier, um pouco tropego, ia procurar na macieza do seu leito antigo um pouco de repouso para o seu corpo fatigado.

Alexandre Dumas, por Léon Noel.

***

Estes foram os prenuncios do romantismo, desse tempo cavalheiresco e ingenuo em que os homens sonhavam com uma pallida corteză tuberculosa e com uma mansarda florida. E durante alguns annos houve a illusão de que se voltava ás velhas legendas da Edade Media, aos castellos mysteriosos e enigmaticos habitados por qualquer castellã formosa, a todas essas pequeninas e lindas coisas que hoje fazem sorrir, docemente.

Depois, tudo mudou; e pouco a pouco chegámos a 1927, ao reinado do *jazz* e do *black-bottom*. Mas, entre todas essas innovações a que o andar do tempo nos obriga, o romantismo apresenta-se, sempre, como um frasco de bom perfume, que depois de muitos annos ainda evola um pouco de sua essencia...

Beatriz Delgado

A peruca de Racine atacada e defendida.

A VISÃO

Por Abel Juruá

"Meu caro Oliverio

Desde que cheguei a esta estação de aguas, onde vim buscar a saude — que ironia! — não tenho feito senão meditar. E medito tanto, meu velho, medito tanto e tão longamente que estou ficando immobilizado nessa romanesca e lethargica meditação. A causa della? queres sabel-a? E' simples, facil, racional. Sentindo-me dominado pela neurasthenia, tranquei-me no quarto desde o primeiro dia, no segundo andar do hotel, não descendo nunca á hora das refeições, que me fazia trazer por um criado nédio, rubicundo e amavel como o bom Sancho Pança ao serviço do visionario Don Quichote. Assim me conservei tres dias, para fugir á sociedade que pullulava pelos salões, ruidosa, estouvada, sem outro pensamento no cerebro inutil a não ser o de divertir-se delirantemente, doidamente...

Pensei em embriagar-me com a prosa de alguns autores que nos servem de guias e ás vezes de consoladores extraordinarios e geniaes; mas a minha ideia vagueava ás tontas pelas paginas dos livros, errando sem direcção, emmaranhando-se nos periodos e nas entrelinhas, não conseguindo orientar-se nem manifestar interesse. Então, aborrecido, comecei a contar e recontar os vidros das janellas, as contas do quebra-luz do meio do tecto, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, devagar, parando, voltando do principio ao fim, como se dessa contagem insipida me adviesse qualquer esclarecimento luminoso. Mas acabada essa distracção, a unica que me fôra dado ter naquellas tardes melancolicas, o meu desanimado espirito ficou mais desamparado, mais triste, mais nostalgico do que nunca.

E foi para isto que me mandaram para aqui, pretendendo curar-me dessa doença atroz chamada neurasthenia, que nos arranca todos os ideaes, todas as energias, essa doença sombria e obstinada que vence, sem luctar, a nossa coragem, o nosso amor-proprio, o nosso orgulho mesmo?

— Ah! pensei revoltado — voltarei amanhã para o Rio, pois se continuar aqui acabarei enlouquecendo.

E nesta brusca resolução chamei o officioso Sancho Pança, com um toque irritado de campainha.

— José — ordenei quando vi passar á porta a sua face prazenteira — diga ao gerente que me tire as contas pois parto amanhã cedo.

— O *seu* doutor parte já? — perguntou o bom do portuguez pasmado, equilibrando com notavel mestria a bandeja a tilintar de pratos e de copos — Pois o senhor chegou ha poucas horas e já se vae assim sem mais aquella?

— Que quer você, homem de Deus? não aguento mais este barulho infernal! Vim buscar socego e esses malucos hospedes berram de noite e de dia como possessos! Quem póde descançar num logar destes?

— E' porque o senhor é a modos exquisito, senão achava graça em tudo. Olhe, deixe estas paredes e metta-se nas salas, lá em baixo. Lá o senhor encontra muitas senhoras bonitas...

Interrompi-o com uma sacudidela enfadada de hombros:

— Quero lá saber de moças nem de velhas! o que desejo é ter paz. Neste maldito hotel, ainda não pude dormir uma noite inteira socegado. Quando tento fechar os olhos, um ruido de passos estrepita nos corredores, luzes se accendem, risadas estalam e fins de conversa em voz alta me atordoam os ouvidos.

Notando o ar apalermado do meu placido interlocutor, lembrei-me de que me estava dirigindo a um analphabeto e alterei portanto o floreio da minha illustrada linguagem!

— Sim — accrescentei num crescente mau humor — este povo que não conheço, e quero continuar a não conhecer, vem perturbar o meu silencio com sua irreverencia e seus desaforos...

— Escute, *seu* doutor — ponderou mansamente Alonso, fazendo um gesto conciliador com a mão esquerda — eu vou dar um geito nisso. Aqui ao lado tambem tive uma queixa do barulho da noite, de maneira que já fazem duas com a sua. Eu nada disse ao gerente, esperando mais reclamações, pois o senhor deve saber que quanto mais gente se queixar melhor será para o caso; por isso vou provocar ó hospede do quatorze a ver se fala, e lá pelo decorrer da semana que entra levo tudo ao conhecimento do gerente.

— Como se fossem abaixo-assignados para uma petição ao governo, hein, malandro? Você só se mexe quando todos protestarem, mas um desgraçado sósinho não é bastante para convencel-o, embora esse infeliz esteja cheio de razão. Eu nada valho para você, hein, patife? o meu visinho tambem nada vale... quanta gente é necessaria para obrigal-os a serem homens de bem? — prosegui enraivecido. — O meu visinho certamente é algum pobre velho doente...

Toda a physionomia de Alonso se abriu num sorriso perspicaz:

— Não é homem, *seu* doutor, é mulher.

— Ah! — exclamei surprehendido.

— E' um pancadão! — continuou Alonso, olhando-me de esguelha como para se certificar do effeito que aquella brusca revelação produziria no meu animo rebelde.

Abri logo olhos curiosos. Pancadão ali, a dois passos e eu sem saber!

— Pancadã! — accrescentei já mais sereno — que quer você dizer com isso?

Alonso tornou a sorrir demorada e expressivamente. A sua larga face estava toda banhada de alegria, uma alegria astuciosa, fina, de grande penetração.

— E' que é de truz! tornou mais baixo, dando dois estalidos com a lingua.

— E' casada, solteira, viuva? está só? interroguei precipitando as palavras que me acudiam em tropel aos labios curiosos.

— Eu cá não sei o que ella é, só sei que é bonita a valer. Quem a conhece melhor é a Felisberta, a criada do quarto, que está sempre a dar á tramella. Ha-de ser viuva ou solteira, porque não lhe vejo homem.

O meu tedio tinha soltado as torvas garras de abutre, deixando-me respirar um pouco. Endireitei-me na poltrona de palha, na qual eu vivia afundado como num grande berço, e com a pupilla já a chammejar:

— Mas é bonita mesmo, Alonso? porque para vocês quem tem olhos, nariz e bocca sem defeito já é considerada bonita.

— E' bonita mesmo, *seu* doutor. Com sua licença — e o bom de copeiro mais animado pelo meu aspecto sorridente, e o tom mais acolhedor da minha voz, pousou a bandeja numa pequena mesa ao lado. — Felisberta diz que ella parece ter algum desgosto, porque vive lendo sem parar um minuto...

— Cartas? — inquiri depressa.

— Não senhor, livros. E' um nunca acabar de ler. Chega a ser mania.

E o Alonso, depois de algumas informações incompletas, retirou-se com um sorriso amavel.

Então, meu caro Oliverio, desde aquelle momento a minha apathia foi-se desvanecendo e começou para mim um periodo de excitação, espreitando os vultos que via passar, perscrutando as trévas, de olhar vivo, penetrante, alerta ao mais insignificante ruido. Mas era em vão; nunca chegava a vêr a minha visinha, quando ha quinze dias um suspiro tão doce, tão extraordinariamente sentido sahiu daquelle quarto e penetrou no meu, enchendo-o de mysterio e de tristeza. Levantei-me como se uma mola me empurrasse, e novamente collei o ouvido á fechadura. Mas não ouvi mais nada, não senti mais nada, o silencio voltou a ser completo. Então, Oliverio, não resisti á minha indelicada curiosidade de homem. Sahi do quarto, e puz-me a passear pelo corredor de um lado para outro, arrastando os pés com tamanha impertinencia que ao fim de alguns minutos uma fechadura rangeu e um vulto branco, muito branco e muito esguio, postou-se entre portas como um fantasma, olhando-me silenciosamente. Fixei-a deslumbrado sem poder pronunciar uma só palavra emquanto a moça, com o lindo braço nú encostado ao batente da porta, me encarava sempre severa e fria. Os seus immensos olhos verdes, limpidos e serios abriam-se para mim, e o cabello vaporoso louro e fino, cahía-lhe ao de leve sobre os hombros, de um contorno muito puro. Diante dessa mocidade perfeita, estaquei como em frente de uma estatua maravilhosa, que me tolhesse os movimentos e a acção. Tentei dizer-lhe qualquer coisa para me desculpar a irreverencia mas não pude. Toda a minha alma em extase conservava um pasmo, uma admiração sem limites. Ella manteve-se naquella attitude poucos segundos, afinal fechou a porta e desappareceu. Voltei para o quarto como um collegial apanhado em flagrante, e durante oito dias vi-a sempre esgueirando-se no corredor ou apparecendo entre portas toda branca, toda loura pousando em mim aquelles olhos maguados como a implorarem a misericordia do amor. Uma tarde dirigi-me a ella, mas logo a sua imagem desappareceu rapidamente, emquanto um suspiro repercutia doloroso e longo.

A minha inquietação augmentou, e nervoso, excitado puz-me a escutar como um culpado todo o rumor que de lá sahia. Afinal um dia decidi ser mais explicito mais decisivo, e chamei Alonso em meu auxilio. O portuguez, a quem eu testemunhara a minha generosidade varias vezes, acorreu logo ao meu encontro.

— Alonso, disse-lhe eu, você vae fazer-me um favor.

— Quantos queira, *seu* doutor.

— Vae bater á porta desta senhora, aqui do lado, e dizer-lhe que preciso dar-lhe duas palavras já. E' um caso urgente.

A physionomia do pobre homem murchou de abatimento.

— Não é possivel, *seu* doutor. Ella foi-se embora hoje pela madrugada e não sei para onde.

Com semelhante norticia, senti-me desfallecer e a voz ficou quasi sumida. Foi-se embora. Porque? Quem era ella? Teria advinhado pelo ardor dos meus olhares o que minha alma estava soffrendo? Teria comprehendido o consolo que sua maravilhosa imagem me fizera? Ah! Oliverio, o desanimo voltou a esphacelar-me a vontade. Estou de novo sem coragem, sem forças, sem alegria. Apenas pude desprender-me dessa melancolia para desabafar a amargura que me invade. Tem pena deste farrapo de carne e abraça o teu

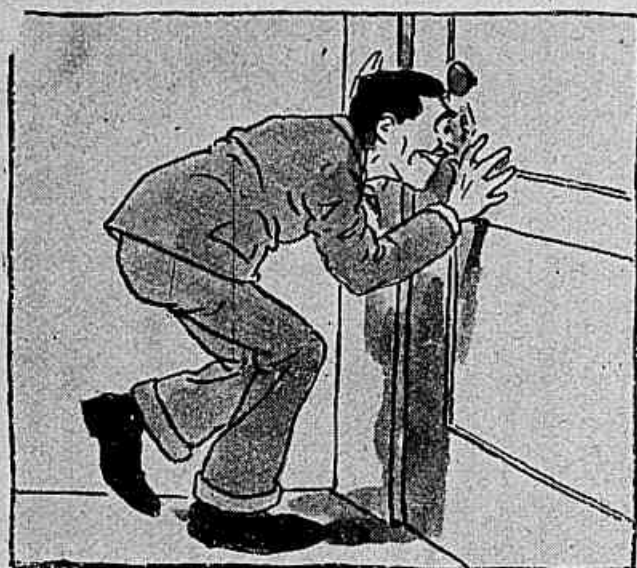
EDGAR".

Abel Juruá

A segunda reunião quinzenal do Rotary Club realizou-se com a presença do architecto francez sr. Alfred Agache, tornando-se, por isso, o almoço costumeiro do prestigioso Club uma verdadeira sessão dedicada ao urbanismo. Na gravura vê-se, sentado ao centro, no primeiro plano, o prof. Agache, que tem á esquerda o presidente do Rotary Club, dr. Miranda Jordão, e que está rodeado, entre outros, pelos srs. Plinio Cardim, secretario do prefeito do Districto Federal; Plinio Uchôa e Duarte Ribeiro, official de gabinete do Prefeito e director de Obras da Prefeitura; drs. Mattos Pimenta, Alencar Lima e Cerqueira Lima; srs. Berto Cirio, Leite Ribeiro e Chaby Pinheiro; prof. Correia Lima, director da Escola de Bellas Artes.

No Centro Escolar República del Brasil, no Perú

1 — A inauguração, no *Centro Escolar Republica del Brasil*, em Lima, da placa de bronze offerecida pelo ministro do Brasil, dr. Cavalcanti de Lacerda, em nome do nosso governo, em Junho ultimo. S. ex. o sr. Presidente d. Augusto B. Leguia, respondendo ao discurso do ministro Cavalcanti de Lacerda. 2 — O ministro do Brasil offerecendo a placa. 3 — O sr. Presidente do Perú diante do *Centro Escolar*. A' direita de s. ex. a senhora Cavalcanti de Lacerda, o ministro da Marinha, dr. Rubio, e o presidente do Conselho, ministro das Relações Exteriores, dr. Rada y Gamio; e á esquerda o ministro do Brasil, dr. Cavalcanti de Lacerda, e o sr. Arcebispo de Lima. Vêem-se ainda nos degráos da porta o 1.º secretario da Legação, sr. Cyro de Freitas Valle, o secretario Tasso Fragoso, o capitão Mendes de Moraes, addido militar, e as senhoras de Freitas Valle, Durval Guimarães e Mendes de Moraes. 4 — As altas autoridades assistindo ao desfile dos alumnos.

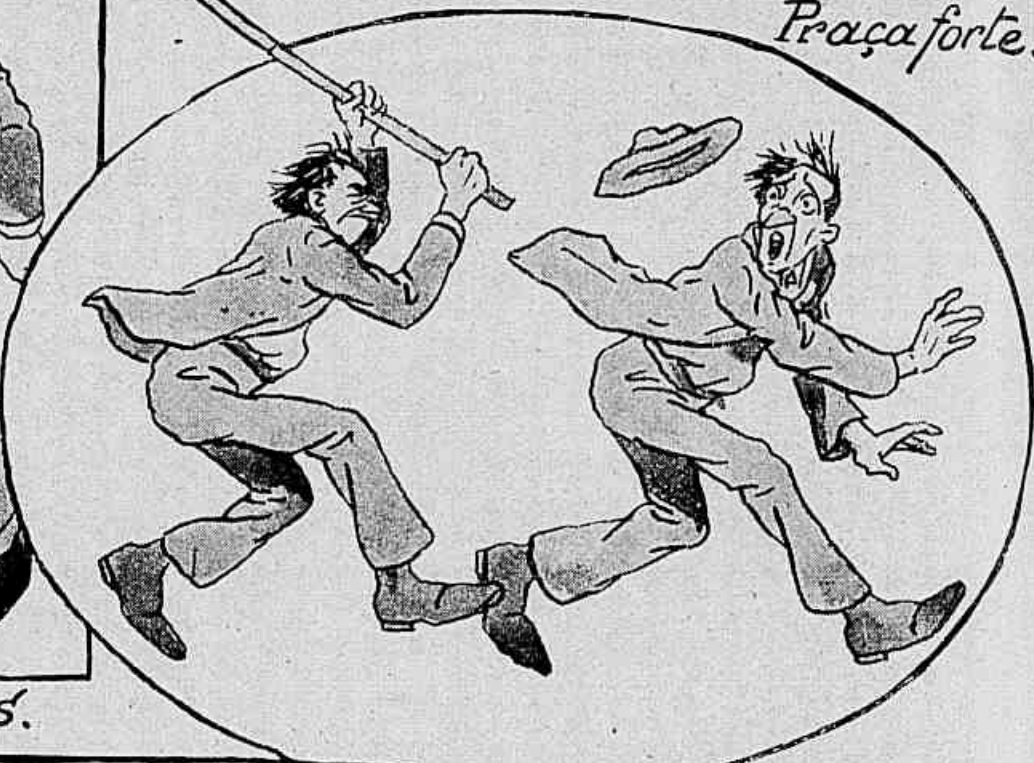
Serviços militares.

Espionagem

Munição de bocca

Canhão blindado.

Praça forte.

Columna serrada

Entre dous fogos.

Marcha batida.

Uma "mina"
(Ultra-marina)

Suspensão de armas

Carga "embalada"

"Tank"...

RAUL

Retirada estrategica

Sentinela avançada

Balas.

Promptidão.

A MODA

Não se pode fazer á moda actual a censura de ser monotona e uniforme: teem uma incrivel variedade de aspecto as toilettes para a rua.

Se quizerem podem usar o tailleur classico, o *trotteur* commodo que se pode agora vestir a qualquer hora; podendo-se compôl-o com mais liberdade e fantasia: casaco de velludo sobre vestido de lã leve de xadrez. Saia e casaco de tecidos differentes, como por exemplo: sobre um vestido de quadradinhos vermelhos e azues em fundo branco, um casaco de alpaga branco.

Não é possivel dispensar-se o manteau; mas, como a nossa estação fria é muito curta, aquellas que não podem fazer a despeza de dois manteaux, podem facilmente conseguir um que lhes sirva para todas as estações. Os tecidos modernos prestam-se a estas combinações quentes e leves, com a vantagem de serem supportados em todos os tempos. Para o tempo mais frio junta-se-lhes um forro acolchoado ou de lã, que facilmente é substituido por outro quando passar o frio mais intenso.

Os tecidos escocezes e sobretudo os kashas são os melhores tecidos para os *manteaux*. Agora não nos cingimos mais aos tons tristes, cinzentos e marrons como antigamente; agora todos os tons, até os mais delicados, são empregados para os tecidos destes agasalhos, dando-lhes uma impressão muito mais alegre.

A moda das pelles de reptis e das pelles das grandes feras fez nascer os tecidos com grandes pintas irregulares, *tigrées* e *mouchetées*, que fazem lembrar de uma maneira surprehendente as pelles de panthera ou leopardo. São usadas as guarnições para os *manteaux* feitos com estes tecidos: as pelles lisas ou então o velludo.

Quanto aos manteaux de lã de xadrez, de aspecto mais simples, não teem em geral como guarnição senão um cinto de camurça ou de pellica a dizer com o tom do tecido.

Os *manteaux* mais habillés são feitos de crêpe de Chine ou marocain e guarnecidos com panneaux incrustados e plissados, assim como as gollas e os punhos. Fazem-se tambem num genero mais sobrio, de reps ou de popeline de lã que tem o corte do *tailleur:* uma ou duas pregas pospontadas dos lados, a parte de cima *blousée* num cinto de couro, são esses os indicados para as sahidas da manhã.

Jornal das Familias

MODAS, COSTURAS E BORDADOS, A VIDA NO LAR, RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS, ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

ULTIMOS MOLELOS

Vestido de crêpe de Chine tilleul guarnecido com pregas e terminando com uma franja de seda do mesmo tom. Cinto de velludo preto, fivela dourada. 2 — Ensemble de crêpe lavande. Vestido e manteau guarnecidos com viezes verde claro e bordados com prata. 3 — Vestido de crépela azul-marinha. Saia com pregas pospontadas incrustadas com godets. A blusa guarnecida com pospontos. Flor de pluma no hombro. 4 — *Deux-pièces* cuja saia é de alpaca fundo branco com xadrezes vermelhos e azues, o casaco de alpaca branca. 5 — Manteau tecido imitando a pelle da panthera, golla e punhos em rapoza preta, podendo ser esta pelle substituida pelo velludo preto. 6 — *Manteau* de *orcade* rosa, cinzento e preto, debruado com uma trança preta, e cinto de pellica preta.

Conselhos sociaes

SABER VESTIR-SE

A elegancia, o bom gosto e a distincção são qualidades innatas e que se manifestam por si só. Estão na pessoa, a mulher elegante já nasce com essa qualidade. Mas isto não quer dizer que não se possa educar o gosto. E' uma sciencia como qualquer outra: com o estudo e bôa vontade aprende-se o que outras mais felizes já nasceram sabendo.

O vestido mais simples pode ser no emtanto muito elegante, emquanto um outro muito rico e mesmo feito por uma costureira de fama póde não ter a nota chic devido a qualquer pequeno detalhe. Uma flôr que diga mal, o chapéo que não combina, sapatos ou meias podem transfor-

:: :: :: MODA INFANTIL :: :: ::

mar uma toilette elegante numa pouco chic.

Por esta razão a escolha de um vestido e dos accessorios que o acompanham requer muita attenção, se não temos a sorte de possuir a intuição do que nos assenta bem.

Porque ás vezes o que está muito bem em outra pessoa iria pessimamente em nosso typo. Em primeiro logar portanto temos que fazer um estudo minucioso do nosso physico. Por exemplo, um modelo de Worth não pode adaptar-se da mesma maneira em dez typos differentes de mulher. O modelo que ficou admiravelmente bem numa loura alta e esbelta não pode naturalmente dizer tão bem numa morena de estatura pequena.

E' este aliás o erro de muitas mulheres: deixarem-se seduzir pelo que vêem esquecendo de se examinar a si proprias. Os resultados obtidos com a escolha de vestidos nos figurinos são muitas desastrosos, porque é muito difficil, para aquella que não sabe vêr, imaginar exactamente como vae ficar aquelle modelo pintado, quando estiver executado em tecido. Tambem outra coisa importante, para a qual deve-se chamar a attenção: não escolher nunca um feitio que deva ser feito em seda ou em outro tecido leve para mandar fazer um vestido de lã, sendo este um dos maiores erros que se possa commetter em costura.

A mulher que se veste bem sabe que, se o seu busto fôr grande de mais para o tamanho das suas pernas, nunca usará a cintura tão baixa como manda a moda; assim como não usará o vestido tão curto como as outras. Mas, se pelo contrario o seu busto for pequeno, ella conseguirá augmental-o descendo um pouco mais a cintura ou collocando alguma guarnição que dê esta impressão. Sabendo que os chapéos com aba são os que dizem bem com sua physionomia usal-os-ha, mesmo que a moda seja só para os chapéos sem abas. A elegancia não é vestir a ultima moda, mas sim tirar da moda o que ella tem de mais bonito e adaptal-o harmonicamente ao nosso physico.

Em summa vestir com correcção e elegancia é uma arte, e uma arte cujo estudo não devemos desprezar, porque vestir bem é um dever que tem toda mulher, não só por si mas tambem por causa dos outros, seja qual fôr a sua idade.

VESTIDOS PARA AS PRIMEIRAS COMMUNGANTES

1 — Vestido de crepe Georgette, com guarnições de preguinhas muito finas. Rosas do mesmo crêpe guarnecem a touquinha que segura o veu. 2 — Vestido de mouseline enfeitado com babadinhos plissados. 3 — Vestido e veu de voile de seda. Grossa cordeliére de seda retendo o veu. 4 — Vestido de organdina, guarnição de preguinhas, faixa de faille. 5 — Vestido de mousseline enfeitado com fofinhos. Faixa de seda.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

GUARNIÇÃO DOS PRATOS

Devemos, por todos os meios, tornar a apparencia dos pratos o mais appetitosa possivel. Não é preciso para isto que se gaste muito nem que a cozinheira perca um tempo precioso. Os ovos duros, a salsa, as azeitonas, a alface e as batatas podem guarnecer os pratos, se a pessôa que fizer a guarnição tiver um pouco de geito. Por exemplo, o simples frango assado se vier rodeado de umas batatinhas cozidas, depois fritas na manteiga e mettidas dentro de folhas de alface, e por cima de tudo picar-se um pouco de salsa, terá com certeza um aspecto muito mais appetitoso que vindo na sua travessa sem outra guarnição. A salada depois de bem mexida poderá ser guarnecida com dois ovos duros

que se passará pelo espremedor de batatas, e poder-se-á tambem collocar algumas azeitonas para completar a guarnição.

Dão-nos o exemplo as lojas de fructas e de doces. Como sabem agora apresentar de uma maneira appetitosa as coisas gostosas, tornando-as assim mais tentadoras ainda!

As vitrines de fructas são verdadeiras obras de arte; a dos confeiteiros, com ajuda da electricidade, que se esconde dentro das flôres para tornar os seus doces mais transparentes, de habil, torna-se genial: verdadeiras iscas para apanhar os transeuntes pelas mil gulodices cujo perfume, que se desprende das vitrines, é ainda augmentado por todas as seducções da arte. Os chocolates estão dentro dos amplos vestidos das bonecas, do rico brocardo ou lindas sedas. Estão mettidos dentro dos gatos de pêllos sedosos, de corujas de olhar pensativo ou de cãezinhos com fita ao pescoço. As caixinhas modernas tambem são bem differentes das antigas; são artisticas as suas guarnições, não falando nos vasos e objectos de crystal que hoje são usados para *bonbonnières*.

Senhorinha Angelina Motta, dilecta filha do capitalista sr. Basilio Motta.

Somos gulosos desde que começamos a viver: é por esta razão com certeza que a gulodice é um peccado que encontra indulgencia em toda parte.

MENU

SOPA DE ERVILHAS COM CENOURAS

LINGUADO Á HOLLANDEZA
ARROZ

PASTEIS FOLHEADOS DE FIGADO

FILET ASSADO COM BATATAS

GELATINA DE AMENDOAS

SOPA DE ERVILHAS COM CENOURAS

Põe-se para cozinhar 250 grs. de ervilhas em grão

com duas cenouras cortadas em pequenos pedaços; junta-se um pedaço de carne sem gordura e um bouquet de cheiros. Depois de tudo muito bem cozido tira-se a carne e o bouquet de cheiros, e passa-se o resto por um passador.

Corta-se o pão, da vespera de preferencia, em quadradinhos e põe-se com manteiga numa frigideira para fritar. Serve-se com a sopa.

LINGUADOS A' HOLLANDEZA

Tomam-se alguns linguados já preparados e lavados, cortam-se ou ao meio ou em postas; põem-se depois numa frigideira, temperando-os com manteiga, salsa picada, um pouco de sumo de limão e sal; cobre-se com um papel untado com manteiga e põe-se a frigideira em fogo brando; quando estiverem cozidos, mas não corados, retiram-se; escorre-se-lhes o môlho para uma panella, juntando uma porção de agua de peixe (ou agua simples se não houver de peixe), uma cebola cortada em fatias assim como uma cenoura, uns pés de salsa, uns grãos de pimenta, meia folha de louro e meio quartilho de vinagre já fervido e reduzido a metade; leva-se tudo isto ao fogo, fervendo por espaço de 15 minutos; depois tira-se do fogo e passa-se o môlho por um passador ou peneira fina; tomam-se em seguida seis gemmas de ovo, batem-se com uma colher de páo e a pouco e pouco vae-se-lhe juntando o môlho que fizemos, mexendo sempre com a colher; logo que engrosse, tira-se antes de ferver. Serve-se em molheira ou posto em cima dos linguados.

PASTEIS FOLHEADOS DE FIGADO

Prepara-se primeiro a massa folheada, que se faz da seguinte maneira.

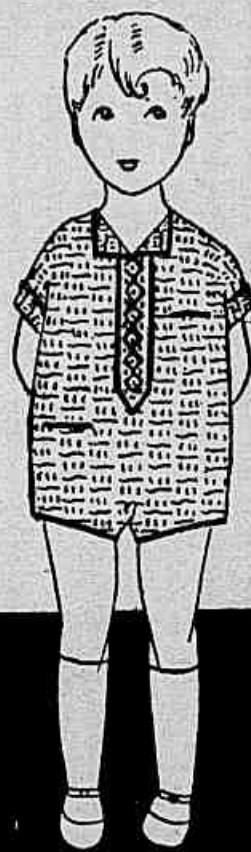
Toma-se 250 grs. de farinha de trigo passada na peneira, e faz-se com ella um monte em cima da meza de marmore; fura-se no centro um buraco, onde se põe 225 grs. de manteiga bem lavada, tendo-se o cuidado de pôl-a muitas horas em agua para ficar o mais dura possivel, uma pitada de sal, um ovo inteiro e alguma agua; vae-se amassando com as mãos até ficar tudo bem ligado; faz-se então uma bola, e deixa-se descansar uma hora; passado este tempo estende-se a massa com um rolo e dobra-se em quatro ou oito dobras, torna-se a estendel-a, torna-se a dobral-a e assim faz-se mais uma vez; depois deixa-se descansar meia hora para em seguida fazer os pasteis.

RECHEIO PARA OS PASTEIS

Picam-se bem miudo 50 grs. de toucinho; põe-se numa panella e vae ao fogo para derreter; estando derretido, junta-se uma cebola picada, um pedacinho de um dente de alho, um quarto de folha de louro, uma pitada de pimenta e um pouco de

salsa sem os talos; refoga-se nisto meio figado de vitella picado em pedacinhos, vae se mexendo com uma colher de páo até que o figado fique cozido; logo que esteja prompto, deixa-se esfriar, depois põe-se dentro de um gral e socca-se bem, passando por uma peneira; junta-se então 30 grs. de arroz cozido e já passado na peneira, e depois de bem misturado junta-se então dois ovos inteiros; liga-se tudo muito bem e junta-se uma ou duas trufas picadas em pedacinhos.

Estende-se a massa folheada com o rolo, e corta-se com o corta-massa em rodellas: na falta deste corta-se com um calice. Põe-se no centro um pouco de recheio, cobrindo depois com outra rodella de massa que se colla com um pouco de clara e faz-se um pequeno furo no centro da parte de cima (para que não arrebente o pastel); doura-se por cima com gemma de ovo e vão ao forno para assar.

ROUPINHA DE CROCHET

Esta roupinha tanto póde ser executada com o crochet quanto com o tricot. Com um ponto qual com o outro deve ser começada pela parte de baixo das costas. A roupinha é toda debruada com uma trança, que póde ser de lã ou de seda. A tira da frente é bordada depois de prompta com ponto de cruz no tom da trança com que se debruar a roupinha.

A B A' B' C C 0,00 0,26 0,10 Revers 0,40 0,12

MANEIRA DE FAZER GUARNIÇÕES DE BATATAS

Descascam-se as batatas e põe-se para cozer em agua e sal; depois de cozidas escorre-se bem a agua e vão ao fogo numa panella para que fiquem bem enxutas; depois amassam-se com uma colher de páo juntando-lhes um pouco de manteiga, algumas gemmas de ovos e um pouco de queijo parmezão ralado; amassa-se muito bem; mas a massa deve ficar com uma consistencia bem dura; polvilha-se uma meza com farinha de trigo, põe-se a massa em cima e corta-se nella pedaços de diversas feitios; corações, estrellas, rodellas, tiras etc. Estando tudo cortado, unta-se um taboleiro com manteiga, collocam-se dentro todos esses pedaços, pintam-se por cima com manteiga e vão ao forno para corar.

GELATINA DE AMENDOAS

Soca-se bem 500 grs. de amendoas; depois de bem pelladas, junta-se a esta massa de amendoas meio litro de leite fervendo e mexe-se com uma colher de páo para desfazer bem a massa de amendoas; volta novamente ao fogo, mexendo-se sempre até estar quasi a ferver o leite; depois passa-se por um panno e espreme-se até a massa ficar completa-

A moda em Auteuil (Paris)

mente secca dentro do panno; tempera-se com assucar e junta-se a gelatina que já deve estar dissolvida. Desfazem-se em agua quente 8 folhas de gelatina, mistura-se ao leite bem quente e coa-se novamente, por um panno fino, emquanto ainda está muito quente; quando está fria a mistura, a gelatina fica toda no panno. Depois junta-se um calice de marrasquino e põe-se na fôrma que vae para a geladeira.

Preceitos de hygiene

O ANTHRAZ

Ainda ha bem poucos annos, o anthraz, essa agglomeração de furunculos, quando se declarava, havia um unico remedio para elle: o bisturi.

Actualmente, encontra-se na vaccinotherapia um auxiliar poderosissimo. A vaccinotherapia actua no percurso dos tres periodos do anthraz. Pode-se e deve-se tentar, primeiro, fazer abortar a infecção. Para conseguir-se isto, se injecta sob a pelle uma vaccina anti-estaphiloccocica, já que o estaphiloccoco é o microbio commum do anthraz. Se se tiver a sorte de alcançar o principio da formação do anthraz, o bisturi não será necessario.

No segundo periodo, depois da operação, não sómente se deve empregar a vaccina sub-cutanea como tambem continuar com o tratamento de compressas. No ultimo periodo, ou seja o da cicatrização, a vaccina presta um serviço admiravel, o de evitar a recahida.

Alem disto e como medida principal, todo aquelle que teve um anthraz deve juntar á intervenção cirurgica os cuidados medicos. Como se sabe, o anthraz é uma doença dos diabeticos, e é de primeira necessidade, uma vez descoberto o assucar na urina, fazer todo o possivel para baixar a porcentagem delle, que favorece o cultivo microbiano nos tecidos atacados. O regimem alimenticio deve ser seguido muito energicamente porque delle depende muito a cura.

Graças aos progressos da

vaccinotherapia, o anthraz faz cada vez menos victimas. A vantagem deste tratamento é a facilidade com que se pode applicar e sobretudo poder o doente ter tratamento num logar afastado onde não haja medico.

Conselhos praticos

PARA LIMPAR OS COUROS E CONSERVAL-OS

Se o couro estiver manchado, faz-se uma mistura de nove partes de alcool e uma de glycerina, molha-se com esta mistura um pedaço de flanella e com ella esfrega-se energicamente a parte manchada. Se o couro estiver reseccado, convém molhal-o com uma esponja e, antes delle seccar de novo, passar por cima um pouco de vaselina ou uma leve camada de oleo de baleia. Os corpos oleosos entretêm a flexibilidade e a belleza dos couros, e impedem que elles se rasguem e se arranhem.

LIMPEZA DAS PLUMAS

Como as boás de plumas estão de novo na moda é provavel que em muito breve as tenhamos de novo guarnecendo os chapéus.

As plumas enxovalhadas ou sujas são primeiro passadas em agua de sabão aquecida a 80 gráus (não fervendo) até que as manchas tenham desapparecido.

Enxaguam-se em agua morna, depois em agua fria; para acabarem de seccar, salpicam-se com flôr de enxofre, depois sacodem-se e escovam-se com uma escova não muito dura, até não ficar nenhum vestigio de enxofre.

LIMPEZA DAS CORTINAS DE FILÓ OU DE RENDA

A primeira coisa a fazer logo que são retiradas as cortinas é sacudil-as e escoval-as muito bem; depois são ellas lavadas em agua morna com sabão branco.

Em seguida embrulhadas num panno anilado, são depois mergulhadas numa gomma rala de polvilho

cozido, ou em agua de farinha de arroz ou melhor ainda em agua na qual se desfez um pouco de gomma arabica.

As cortinas a que se quer dar um tom crême são mergulhadas numa solução mais ou menos diluida, á vontade, de chá, de camomilla ou de açafrão, este dando talvez o mais bonito tom. E' preciso que se faça bastante desta agua colorida, para que a côr fique bem igual em todas as cortinas.

Depois passa-se a ferro com muito cuidado para não espichar o filó ou a renda.

PENSAMENTOS

Tirar vaidade da sua posição ou da sua collocação é mostrar que se está bem abaixo.

M. Leckzinska

*

A vida é uma flôr singela, que uma manhã murcha e um golpe de aza ceifa; é a lampada da viuva que o menor sopro apaga.

Henry Bordeaux.

Se desejassemos só ser felizes, não seria tão difficil; mas queremos ser mais felizes de que os outros; e isso é quasi sempre difficil, por que julgamos os outros mais felizes de que elles são na realidade.

Montesquieu

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro

Mme. Barros — Conheço varios livros estrangeiros sobre o assumpto, mas vou procurar obter-lhe uma obra portugueza ou franceza que a satisfaça. A educação e a correcção da infancia teem sido tratadas por pensadores e educadores em livros pouco praticos. Mas todos estão de accordo que uma educação bem orientada evita a necessidade dos castigos corporaes. A correcção deve ser sempre uma lição moral dirigida ao brio e ao coração da creança. A mãe que bate no seu filho ensina o seu filho a bater. Precisamos de criar homens que não se batam. Estou certa de que pensa como eu.

Poupée — Para a sua viagem recommendo-lhe um vestido ligeiro de foulard ou seda lavavel ou crepe georgette gris claro ou beige com um casaco de reps azul escuro. E' uma toilette pratica e elegante.

Para o seu noivo terno de casimira ou flanella azul, chapéo de feltro cinzento. Os meus pequenos livros sobre a alimentação estão completamente esgotados.

Annita — Dissolva o conteudo do enveloppe do meu *Shampoo-Pó* em meio litro de agua morna. Com este liquido espumoso e perfumado lave o cabello da sua filhinha e depois em varias aguas limpas, juntando á ultima o sumo d'um limão. O cabello da sua filha não escurecerá.

Laura — As rugas envelhecem-a? O tratamento hygienico da pelle é o grande preservativo da ruga, o unico processo efficaz de conservar a elasticidade e a frescura da pelle. Se tiver persistencia na hygiene da pelle como na limpeza e cuidado com os dentes verá que a sua pelle se conservará sempre saudavel sem defeito nenhum. Para remover as manchas da pelle applique todas as noites ao deitar a *Loção de Embellezar a Pelle*, misturando-a em partes eguaes com agua oxygenada. A pags. 7 e 8 do prospecto que acompanha a *Loção de Embellezar a Pelle* encontra indicado o *Tratamento Hygienico da Pelle*.

Mme. O. P. R. — Porque não experimenta o rouge *Rosita*? Seu colorido é muito natural e delicado, imprime vida ao rosto.

Natalia — O sabonete *Sylkale* amacia a pelle mesmo lavando o rosto com agua fria. Seu perfume é muito delicado: limpa e clareia a pelle.

Dora — Seu cabello cae e quebra? Lave o cabello de 8 em 8 dias com *Shampoo-Pó* e friccione diariamente a cabeça com o *Tonico n. 9*. Rapidamente a queda do cabello cessará. Escovando o cabello com o *Tonico n. 10* lhe restituirá de novo o cabello ondulado. Basta dar geito com os dedos ao cabello depois o ter escovado com o *Tonico n. 10*.

Jessy — O *Crême Neve* branqueia a pelle, serve para fixar o pó de arroz. Não deve invejar uma linda pelle, sendo ella tão facil de obter com o uso persistente do *Crême Neve*, da *Loção Adstringente*, do sabonete *Sylkale* e o *Pó de Arroz Hygienico*.

Mlle. Ribeiro — O unico processo radical para a destruição dos pellos é a electrolyse. São baldadas as esperanças nos depilatorios.

Esther — A *Loção para as Pestanas* fortifica e faz crescer as pestanas. Cada noite ao deitar-se molhe uma escova pequena na *Loção* e passe-a sobre uma rolha queimada, alisando depois as cilios desde a palpebra até ás extremidades.

Mme. A. P. (S. Paulo) — Minha *Tintura* para o cabello restitue-lhe a côr natural, sem que se possa presumir o artificio.

O *Perfume Selda* satura a pelle de um aroma delicioso e evita a flacidez dos tecidos.

SELDA POTOCKA

Consulterio Odontologico

Vianna (Minas Geraes) — Não deve resolver como o collega pretende.

Antes de qualquer intervenção, deve submetter o cliente ao raio X, para esclarecer o diagnostico m tanto duvidoso.

Ferreira de Moraes (Pernambuco) — Massagens gengivaes, tres vezes por semana, com o auxilio do dedo de borracha, especialmente fabricado para esse fim e á venda em casas de artigos dentarios.

Uma vez por semana, embrocações nas gengivas com tintura de iodo.

Wenceslau (Pernambuco) — Use o Pyorrhocide.

Feliciano de Medeiros (Minas Geraes) — Em todos os casos em que a injecção local não produzir o effeito desejado.

Vicente Gonçalves (Minas Geraes) — Deve extrahir os que estão completamente inutilizados.

O seu dentista determinará o trabalho que deverá fazer após as extracções, tudo resolvendo de accôrdo com o caso apresentado e respeitadas as leis que regem as confecções de trabalhos da natureza do que o amigo necessita.

A distancia é difficil resolver sobre o caso, visto a sua carta ser deficiente em detalhes.

Herculano Gomes (Rio Grande do Norte) — Compressas quentes na região inflammada.

Carlos de Miranda Soares (S. Paulo) — Uma chapa de vulcanite ou de ouro, como desejar.

Barbosa (Minas Geraes) — Lavagens com Naphtol B, 1,0; Alcool camphorado, 3,0; Agua, 1.000,0. F. S. A.

Neronte (Petropolis—E. do Rio) — Um pivot, si é que a raiz está nas condições descriptas em sua carta.

Ferraz da Cunha (Minas Geraes) — Antes de deitar-se, apenas.

V. V. (Rio Grande do Sul) — O Odorans, por exemplo.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar — Telephone 1838 Central.*

Um dos ultimos modelos parisienses.